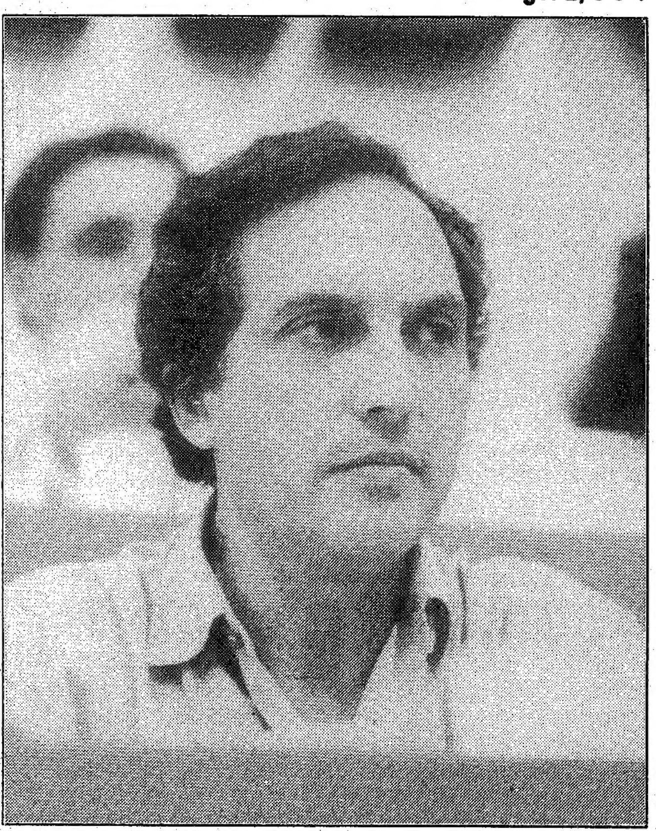
Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO70 Nº 23244 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** SEGUNDA-FEIRA 21 MAIO 90 60$00

Eurocrata semi--ortodoxo é número 2 do PCP

Programática e ideologicamente, o PCP (re)assumiu-se no seu XIII Congresso. Cunhal tem agora como número dois Carlos Carvalhas, um membro da nova geração, deputado europeu desde há muito ligado à CEE. Os «críticos» foram desafiados a optar. Vital «obedeceu». Magalhães pôs o lugar à disposição. E Jorge Lemos diz ao DL que está «a ponderar».

Págs. 2, 3 e 4



Rui Vasco

Carlos Carvalhas: o primeiro secretário-geral adjunto da história do PCP

Rui Vasco

Presidente da Câmara rompe silêncio

Sei que vou pagar pelos erros do passado

Na sua primeira entrevista a um jornal como presidente da Câmara de Lisboa, Jorge Sampaio anuncia que em Junho a vereação vai tomar decisões definitivas sobre alguns dos assuntos quentes que Abecasis lhe deixou: alto do Parque Eduardo VII, Praça de Espanha, Av. da Liberdade, zona Ajuda-Belém. Diz-nos que tem pronta para discussão a Normativa Municipal, com que se vai tentar impor alguma ordem urbanística na cidade, de modo a disciplinar a construção num momento em que a especulação fundiária se mostra desenfreada. Pouco optimista quanto a virar os acontecimentos no curto prazo, Sampaio diz que não se pode libertar da herança que lhe deixaram: «Sei que vou pagar por isso, mas faz parte do risco estimulante que aceitei ao candidatar-me.»

Amanhã, Jorge Sampaio, enquanto secretário geral do PS, fala-nos do Congresso do próximo fim de semana, do regime político, da lei eleitoral e do papel português na CEE.

Págs. 16 e 17

DL

Desarmamento: Bush anuncia acordo histórico
Pág. 14

Reitor da Universidade Aberta responde às críticas
Pág. 18

Jackpot de 30 mil contos no Totobola
Pág. 25

Stones: bilhetes entre 5500 e 6500 escudos
Pág. 19

Iliescu quer Roménia na CEE

Da nossa enviada especial Marina Tadeu

O líder da Frente de Salvação Nacional, Ion Iliescu, que já se declarou «muito satisfeito» com as eleições de ontem na Roménia, viu-se assim legitimado no cargo de Presidente do país, que ocupava a título interino, na sequência do derrube de Ceausescu. Iliescu, a quem as primeiras projecções dão mais de 80 por cento dos votos, declarou à BBC que vai pedir a adesão da Roménia à CEE. **Págs. 12 e 13**

Violência policial nas Antas

Repórteres da TVE ficaram sem filme

A festa portista, ontem, no Estádio das Antas, acabou mal: a polícia interveio e carregou sobre os adeptos que festejavam o título. Atenta, uma equipa de reportagem da TVE tudo filmou. Em vão. Alguém (que os espanhóis suspeitam ser um polícia à paisana) lhes tirou a cassette. A polícia ... nada sabe. A TVE promete queixar-se nas instâncias europeias.

Pág. 23

Manoel de Oliveira premiado em Cannes

Pág. 19

Numa reunião virada para o interior, o partido reafirmou a sua fidelidade ao marxismo-leninisno. Cunhal convidou abertamente os «críticos» a optarem

GRANDE ANGULAR

PCP: o congresso da «purificação»

Os princípios não se abatem!

Ideológica e programaticamente, o PCP vai manter-se igual a si próprio. Fechadas as portas do pavilhão de Loures, os «trágicos acontecimentos» que abalaram o Leste não beliscaram sequer a confiança da maioria dos delegados nos seus ideais. Cumpriu-se a promessa da direcção: renovação, sim, mas na continuidade. Eis o «estado» em que saíram do congresso alguns dos mais sagrados princípios do edifício comunista:

MARXISMO-LENINISMO - Continua a ser o «guião» ideológico. Numa perspectiva «não dogmática», entenda-se. Foi, pois, consagrada a versão oficial do abalo registado nos países socialistas: deformaram a matriz original, fizeram gato-sapato dos ensinamentos de Marx, Engels e Lenine. Nós por cá, todos bem: o PCP não se deixou aviltar; a sua direcção deve tão - só penitenciar-se perante os militantes por não lhes ter transmitido a verdade toda... ou não ter feito esforço para a conhecer na sua verdadeira dimensão.

NATUREZA DE CLASSE- Os antagonismos de classe não se esvaneceram; a exploração do homem pelo homem nenhum reformismo é susceptível de eliminar. Duas «certezas» que PCP dá como adquiridas. Porquê trilhar, então, aos 70 anos, os ínvios caminhos da «social-democratização»?

CENTRALISMO DEMOCRÁTICO- O preço da unidade na acção paga-se neste «guichet»: «uma única orientação e uma única direcção central». O seu desaparecimento constitui a «bandeira» do renovador José Luís Judas, mas o congresso recusou riscar do mapa o velho método. Reconheceu, é certo, que a democracia interna carece de aprofundamento - o debate de ideias, contraditório que seja, continuará a expressar-se no «Avante!», nas «Cartas do Leitor» e nas «Mesas Redondas». A proposta de admissão de plataformas na fase de debate, essa, ficou no documento do sindicalista.

SOLIDARIEDADE INTERNACIONALISTA- A ela se atribui («parcialmente») a responsabilidade pela visão quase idílica dos comunistas portugueses face à sociedade do lado de lá da «Cortina de Ferro». Porém, como os princípios não se abatem, não é desta que ela cai do pedestal. O PCP continua solidário com os «partidos irmãos», a família é que se reduziu. Sempre, sempre ao lado do PCUS é a regra. Os restantes ou estão em trânsito para a Internacional Socialista ou foram responsáveis pela crise generalizada de um «modelo de socialismo». Ou ambas as coisas.

P. M.

«Se é certo que 'tudo se pode discutir', já é menos certo que, num partido comunista decidido a continuar a sê-lo, 'tudo deva ser posto em causa'». Numa simples frase, curto excerto de um discurso de abertura que durou duas horas, Álvaro Cunhal sintetizou assim o objectivo do XIII conclave comunista.

«Tudo se pode discutir», em primeiro lugar, porque de há muito o velho líder percebeu que os acontecimentos no Leste haveriam de instalar perplexidades e dúvidas entre os militantes comunistas. Sentiu, portanto, o congresso mais como uma ocasião para reunir o rebanho, do que para transmitir a mensagem do partido para o exterior.

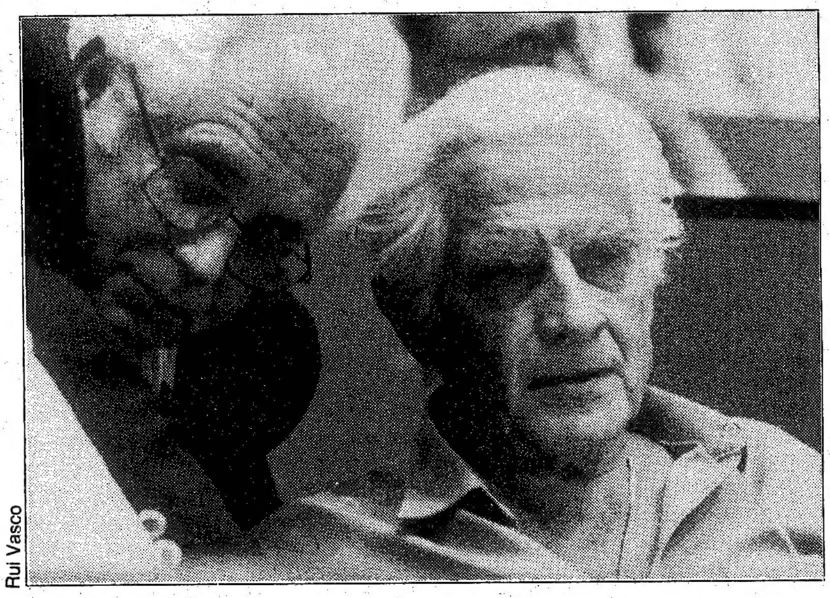
Porém, para que tal objectivo fosse atingido na sua plenitude, o PCP não poderia furtar-se à clarificação do seu posicionamento. Até porque fazê-lo se tornou, com a vaga de contestação que assola o partido, quase uma exigência. O congresso, encerrou, assim, duas vertentes, afinal indissociáveis: reafirmação ideológica e convite aos «críticos» para que tenham a coragem de se decidir se ficam ou saem do partido. «É preciso que alguns membros do nosso partido compreendam que este nosso congresso marca para eles o momento de opção», disse o secretário-geral na intervenção de encerramento, alinhando uma tese que já tem adeptos *(ver texto nestas páginas)*.

Sendo certo que a evolução política no Leste da Europa foi a principal «culpada» da convocação deste congresso extraordinário, seria de admitir que a maior parte das intervenções dos delegados a tivessem como pano de fundo. Assim não foi, todavia. A maioria fez desfilar os números de participação de militantes no debate preparatório ou dedicou-se a problemas bem mais próximos, como os crescentes atentados aos direitos laborais que muitos sofrem na pele.

O debate em torno da problemática do Leste acabou deste modo por perder o «estatuto» de tema principal, ainda que tenha permitido o confronto das teses oficiais com as de delegados «críticos», como Rui Onofre, estudante na URSS, que se queixou de a sua organização não ter sido ouvida nem achada para a análise das transformações em curso.

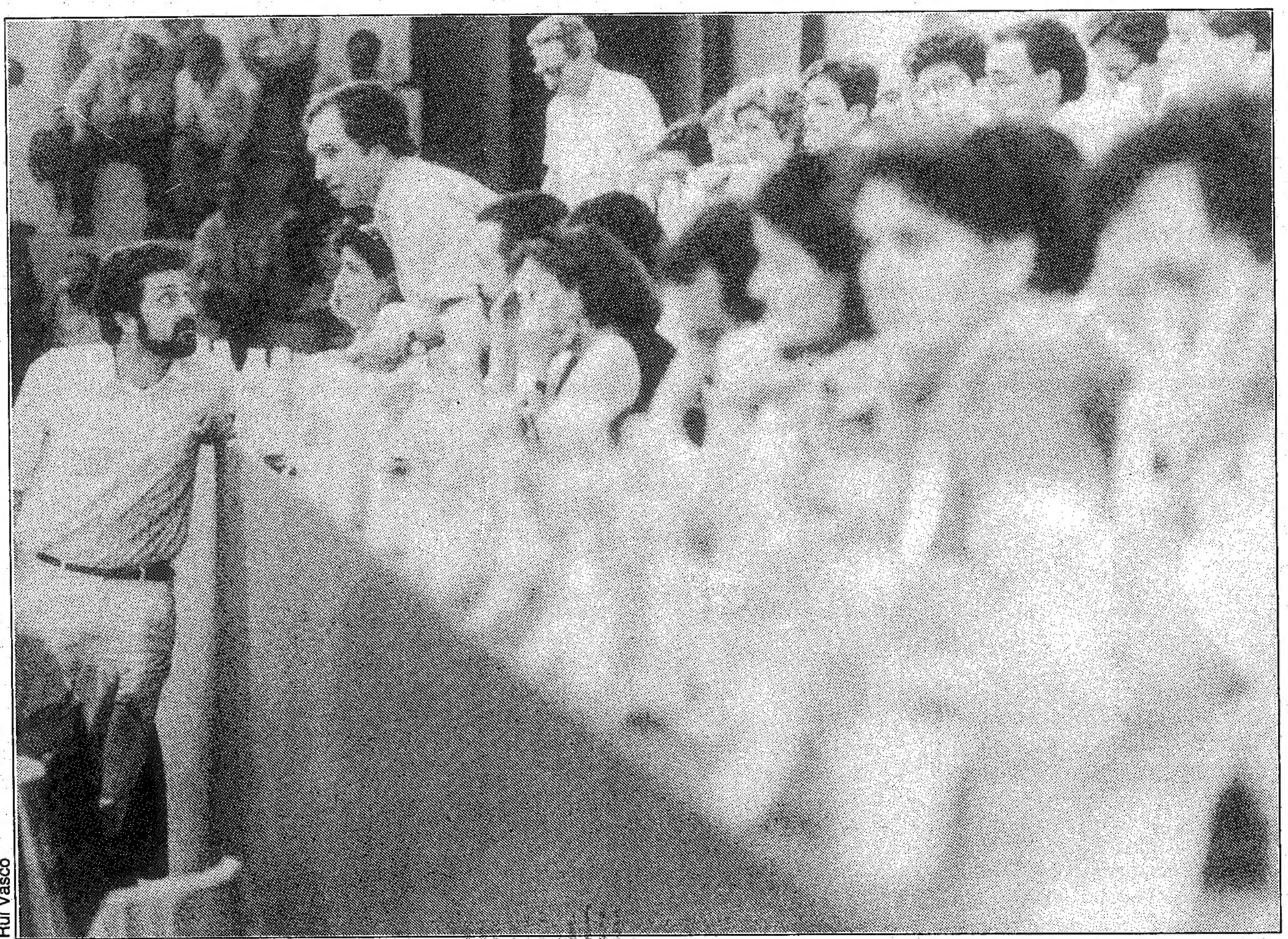
Assim, entre as teses distribuídas para discussão pelas bases e a resolução final, poucas diferenças subsistem no que concerne à apreciação dos factos. O PCP, salvaguardando a possibilidade de não conhecer ainda com rigor as situações, identificou cinco causas para as crises verificadas: alienação da base popular do poder, degradação do carácter democrático, excessiva centralização da propriedade estatal, imposição administrativa de decisões por parte dos partidos no poder e dogmatização do marxismo-leninismo.

Em síntese, os comunistas atribuem a «desvios de rumo»



Rui Vasco

Cunhal (com Carlos Brito): apelo à unidade e à definição de posições da parte dos «críticos»



Rui Vasco

Luis Sá e Carvalhas: o «destino» marcou sortes diferentes

Carlos Carvalhas

Um novo estilo

É tímido no trato com as massas. Tem porte distinto, mas o olhar triste apaga o que poderia ser uma marca de diferença perante os outros camaradas. O sotaque confirma a sua origem de beirão. Nasceu em São Pedro do Sul a 9, de Novembro de 1941, é formado em Economia. Hoje é o secretário-geral ajunto do PCP, e só um membro do Comité Central se absteve na sua eleição. Fala-se, é claro, de Carlos Carvalhas.

Espera-o a pesada, ingrata mesmo, tarefa de substituir o líder carismático, Álvaro Cunhal. Quando for chamado para tal, a sua liderança será, certamente, outra. Há quem deposite nele todas as esperanças de uma possível reestruturação do partido.

De nome completo Carlos Alberto do Val Gomes Carvalhas, o novo secretário-geral adjunto ingressa no Partido Comunista em 1969, altura em que colabora, até 1971, no «DL», na secção «Mesa Redonda», onde, curiosamente, se pronuncia sobre questões da Comunidade Económica Europeia. Mais tarde passa pela redacção da revista «Seara Nova».

Membro suplente do Comité Central do PCP desde 76, Carlos Carvalhas entra como efectivo em 83. Não integra o rol dos «históricos», dos que sofreram na carne e na prisão a sua condição de comunistas antes do 25 de Abril.

Em representação do PCP foi secretário de Estado nos primeiros cinco Governos Provisórios. Foi o candidato à presidência da Câmara de Lisboa em 1985 e é deputado em Estrasburgo, desde 89, tendo encabeçado a lista do partido, que obteve um bom resultado.

Carlos Carvalhas é assumidamente um homem do partido, mas o seu discurso não é insensível às mudanças de Leste. Muitos vêem nele uma espécie de figura dos consensos, capaz de servir de ponte entre «ortodoxos» e «críticos».

P.S.

Rui Vasco

«Assim se vê a força do PC!»: o slogan habitual na hora da reafirmação dos princípios ideológicos

as crises verificadas. Admitem a falência de «um modelo de socialismo» - que não do socialismo - mas vituperam as atitudes tomadas por alguns dos partidos, como a mudança de nome e de natureza.

À perestroika foi reafirmada, naturalmente, fidelidade. Embora a comissão de redacção do documento final tenha rejeitado propostas no sentido de designar os países socialistas como «países do Leste», «ex-socialistas» ou «ditos socialistas», a verdade é que ficou clara a «separação» entre a URSS e os restantes países. No Kremlin, o Partido Comunista mantém a condução do processo...

Tianamen, Hungria, Praga...

Capaz de estudar e tomar posição sobre as crises ainda em curso nos países que anos a fio tomou como referência, o PCP preferiu o silêncio quanto a algumas «manchas» da história do movimento comunista, como as perversões estalinistas. Dos acontecimentos na Hungria, em 1956, e de Praga, em 1968, tarda a ouvir-se uma palavra de crítica. De Tianamen, na China, idem.

E, no entanto, havia quem quisesse discutir estes temas no congresso de Loures. Além de Rui Onofre os ter abordado, também José Geraldes se propunha inscrevê-los na resolução final. Eleito pela célula da RN de Setúbal, votou contra o regulamento do congresso, depois de defender a apresentação pelos delegados de propostas de emenda, conforme o «DL» noticiou na sexta-feira.

«Não se pode estar com a perestroika silenciando Tianamen», afirmou José Geraldes ao nosso jornal, que preconiza ainda a firme desaprovação da repressão operada pela polícia política soviética no período estalinista.

«Segundo um relatório do KGB divulgado pela agência TASS em 14/2/90, entre 1930 e 52 foram injustamente condenadas a prisão e campos de concentração 3.778 mil pessoas, das quais 786 mil foram executadas», lê-se na proposta de adenda que Geraldes pretendia apresentar.

Paulo Martins

O sobe e desce dos órgãos executivos

Álvaro Cunhal, Carlos Carvalhas, Domingos Abrantes e José Soeiro são os únicos dirigentes comunistas eleitos na reunião de sábado do Comité Central simultaneamente para os três mais importantes órgãos executivos do partido - o Secretariado, a Comissão Política e a nova Comissão Executiva.

Porém, se é certo que a ascensão do líder comunista no Parlamento Europeu, cuja expressão máxima é a eleição para o cargo de secretário-geral adjunto, pode considerar-se fulgurante, é justo destacar o nome de outro dirigente que até aqui era apenas suplente do Secretariado. Trata-se de Francisco Lopes, presente na Comissão Política e no Secretariado.

Proveniente da Direcção Regional da capital, este jovem de 34 anos participou activamente nas negociações da coligação com o PS, MDP e «Verdes» para a Câmara de Lisboa, lideradas por Luis Sá. Este, cujo nome chegou a ser ventilado para o cargo de secretário-geral adjunto, manteve-se na Comissão Política.

Dois outros dirigentes envolvidos nesse processo, António Andrez e António Abreu, tiveram «sorte» diferente. O primeiro sobe à Comissão Executiva. Quanto a Abreu, então encarregado dos contactos com a Imprensa, produziu no congresso uma intervenção na qual preconizou a adopção de uma nova postura perante a Comunicação Social. É de admitir que possa tomar o lugar de Vitor Dias no Serviço de Informação e Propaganda, já que este vai assumir funções na Comissão Política.

Outro dos homens que ascende a este órgão é Octávio Teixeira, um economista que viu redobrada a sua reponsabilidade na Assembleia da República quando Carvalhas foi eleito para Estrasburgo. Era suplente do CC e foi, durante a reunião, cooptado para efectivo.

Nova geração

É incontestável que, na nova composição dos órgãos executivos, ganha maior poder uma nova geração de comunistas. A maioria dos membros da Comissão Política - reduzida de 22 para 14, sem suplentes - aderiu ao partido após o 25 de Abril. Paralelamente, Jorge Araújo saiu do Secretariado para a Comissão Política e Carlos Costa, também do Secretariado, deixou de ocupar funções executivas.

Parte dos dirigentes mais velhos, como habitualmente, foram eleitos para a Comissão Central de Controlo e Quadros, um órgão com competência no capítulo da formação de quadros e em questões de natureza disciplinar, financeira e patrimonial. Curioso, ainda assim, o facto de Vidal Pinto, um operário de 44 anos ligado à organização do partido no Porto, ter entrado para a Comissão Central e passar a efectivo do Secretariado.

Eis a nova composição dos órgãos executivos do CC:

Comissão Política- Agostinho Lopes, Álvaro Cunhal, Ângelo Veloso, Carlos Brito, Carlos Carvalhas, Domingos Abrantes, Edgar Correia, Francisco Lopes, Jorge Araújo, José Casanova, José Soeiro, Luis Sá, Octávio Teixeira e Vitor Dias;

Secretariado- Albano Nunes, Álvaro Cunhal, Artur Vidal Pinto, Carlos Carvalhas, Domingos Abrantes, Blanqui Teixeira, Francisco Lopes, Henrique de Sousa, José Soeiro, Luisa Araújo e Octávio Pato;

Comissão Executiva Nacional- Agostinho Lopes, Álvaro Cunhal, António Andrez, António Gervásio, António Casmarrinha, António Lopes, Artónio Murteira, António Orcinha, Armando Morais, Artur Vidal Pinto, Aurélio Santos, Bernardina Sebastião, Branca de Carvalho, Carlos Carvalhas, Carlos Fraião, Carlos Figueira, Carlos Rabaçal, Decq Mota, Domingos Abrantes, Emídio Ribeiro, Fernanda Mateus, Jerónimo de Sousa, Jorge Gouveia Monteiro, José Augusto, José Neto, José Soeiro, Luisa Araújo, Manuel Sobral, Raimundo Cabral, Ruben de Carvalho, Serafim Brás da Silva, Sérgio Teixeira e Vasco Paiva;

Comissão Central de Controlo e Quadros- Artur Vidal Pinto, Carlos Aboim Inglez, Carlos Costa, Blanqui Teixeira, Jaime Serra, Joaquim Gomes, José Vitoriano, Luisa Araújo, Octávio Pato e Sérgio Vilarigues.

P. M.

C O M E N T Á R I O

A culinária da unidade

«A História entrara numa nova fase, sem que ele se apercebesse. De futuro, o *bolchevik* era uma personagem histórica, como os discípulos de Sócrates, os romanos da República, os cavaleiros errantes, os homens da Convenção ou os magnates da indústria, que edificam impérios sobre as suas máquinas. Os filhos dos *bolcheviks* estavam no poder sobre um terço do Globo e enviavam foguetões para a Lua; operários dos outros países estudavam o mercado, antes de desencadearem greves periódicas. Era necessário cravar ali tudo o que já só existia na memória dos homens: as cargas da Cavalaria Vermelha ou as ocupações de fábricas.

- A revolução passou de moda -disse Jean-Marc.»

(Roger Vaillant, «Fim de Semana», romance escrito depois do XX Congresso do PC soviético, em 1956)

É certo que os nossos militantes do PCP não tiveram as cargas da Cavalaria Vermelha e que nunca assaltaram o Palácio de Inverno. Mas viram as fotografias do Lenine ao voltar a Petrogrado, em cima de um blindado, antes de anunciar as «Teses de Abril», e volta e meia passam lá em casa o vídeo do regresso de Álvaro Cunhal, às cavalitas de «chaimite» avulsa, a caminho da Cova da Moura, numa coluna às ordens de Jaime Neves.

Só mais tarde alguns leram que Lenine estivera logo contra o Governo Provisório, enquanto Cunhal nele ingressara como ministro sem pasta, deixando a Carlos Carvalhas o ónus de, durante cinco governos provisórios, aguentar ondas revoltas de trabalhadores em fúria, às vezes contra as próprias directivas do PC. A governação provisória do partido conta com os dois, outra vez, dezasseis anos depois.

Porque, nos termos de Vaillant, «ainda é necessário cravar ali tudo o que já só existia na memória dos homens». Este extraordinário Congresso do PCP veio prová-lo.

Qualquer crítico resingão pode ser imolado no altar da origem de classe, mas mesmo assim não deixa de estar na berra a dissidência, porque depois da última moda política Outono/Inverno, na Europa Central, a culpa deixou de ser da Imprensa burguesa e era necessário que alguma coisa mudasse. Tudo menos o essencial: o poder da fé, o laço que liga o militante de base à vida no partido, esta longe de se resumir à vida partidária. Porque viver no partido, para o partido, é diferente de militar em quaisquer outras organizações políticas, de onde se sai de ânimo mais ou menos leve, para se reentrar com mais ou menos sorrisos rasgados à volta.

É um compromisso para a vida inteira e para todos os momentos, bons e maus. Um matrimónio canónico com horizontes de esperança, contra ventos, marés e, nos últimos tempos, terramotos.

À volta, apenas uma realidade ensombra o fulgor do Congresso Extraordinário que o PCP reuniu em Loures: a média de idades dos presentes era um tanto alta e, para o futuro, é necessária gente nova. Dado que o mal é de todos os partidos, o essencial é porfiar.

E, com Álvaro Cunhal, esperar que o mesmo se repita nas edições futuras de reuniões magnas.

Então e o militante comum deste Partido Comunista ?

Esse nunca desconfiou que Lenine era por uma sociedade em que uma cozinheira pudesse governar o Estado e continua mais afeito à ideia bem servida que à culinária da ideia.

João Isidro

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

«Críticos»: a porta está aberta

GRANDE ANGULAR

O XIII Congresso do PCP abriu fissuras irremediáveis entre os «críticos» comunistas. O secretário-geral, Álvaro Cunhal, ajudou a separar o trigo do joio. No discurso final, deu a entender que a porta da rua está aberta para os membros que discordam da linha oficial. E alguns responderam ao recado, até por antecipação. José Magalhães pôs o cargo de deputado à disposição do PCP e Vital Moreira vai entregar o seu cartão de militante. Outras consciências críticas mais radicais podem, a curto prazo, seguir as mesmas pisadas. Dos renovadores ficarão, certamente, os que acreditam e sempre acreditaram na mudança por dentro.

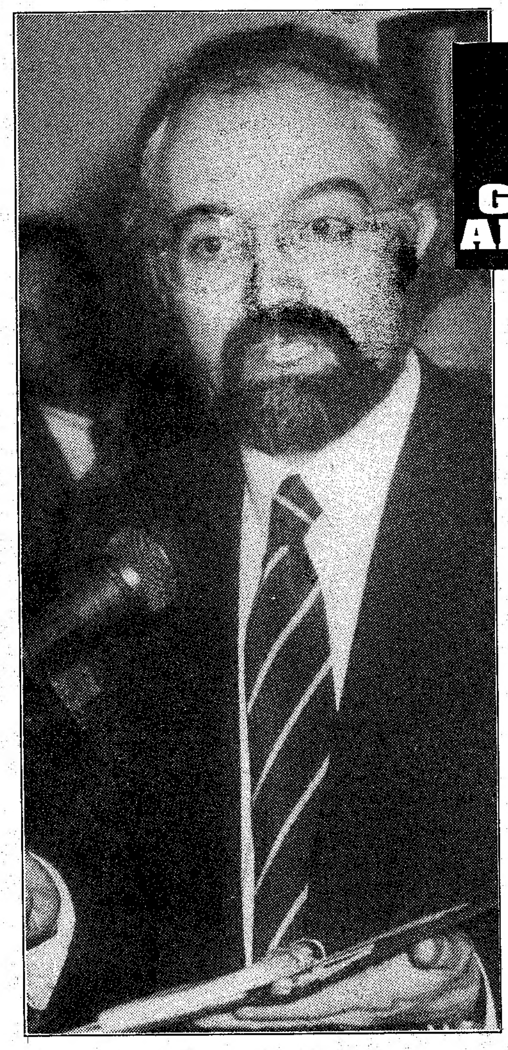
O mais destacado deputado comunista, aproveitando a gravação de um debate na TSF, emitido ontem, na altura em que encerravam os trabalhos no Pavilhão Paz e Amizade, anunciou a sua decisão. A atitude, disse, ficava a dever-se à derrota absoluta das posições por si defendidas.

O partido, se o deixar sair, sofre um significativo rombo nos seus quadros. José Magalhães, um dos poucos críticos a deter um cargo político, é elogiado por todas as bancadas parlamentares (até pela sua) como um dos mais brilhantes deputados. Em declarações ao «DL», Magalhães demarcou-se de qualquer outra tomada de posição: «Cada pessoa tem as suas razões...»

A saída de Vital Moreira já era esperada por muitos dos seus camaradas. Defendeu posições maximalistas, entre elas a de que com Álvaro Cunhal o PCP se manteria igual a si próprio, votado ao definhamento. Subiu de tal forma o tom da sua crítica, e de outros que o viram como porta-voz, que os espaço de manobra entre comunistas ficou apertado. O Congresso esmagou, sem o evocar, tudo quanto pedia.

Presos ao partido ficam os que querem a mudança sem solavancos, os «viciados» (no bom sentido) no comunismo. Entre estes, muitas figuras próximas da Terceira Via esperam que, a seu tempo, Carlos Carvalhas, de uma geração mais nova, identificado com a Quarta Via, faça concessões, abra novos caminhos, até então, vedados por Álvaro Cunhal. Pouco tempo antes do congresso alguns deles confessaram esta esperança ao «DL». Isso manteve-os à distância de Zita Seabra, primeiro, e de Vital Moreira, depois.

Vital Moreira já saiu



José Magalhães abandonou o Parlamento

«À espera do XIV Congresso e assim por diante...»

O líder do PCP lembrou aos críticos que chegou o momento de optarem: «Ficou claro no Congresso que o partido não reconhece o direito aos militantes de quererem impor as suas opiniões ao partido quando este as não aceita». Os delegados confirmaram de pé e com palmas acesas o discurso do secretário-geral.

Sem citar qualquer nome, respondia a José Magalhães ao dizer que «fazemos um apelo a todos os membros do partido, sejam quais forem as suas opiniões, para nos unirmos todos na aplicação e concretização das decisões do Congresso. Aqui afirmamos que o partido não marginaliza nem exclui ninguém, mas que não o acusem de o fazer àqueles que se marginalizam e excluem a si próprios».

Álvaro Cunhal deixou um recado aos mais radicais, uma resposta aos que preferem sair e uma advertência aos que aguardam melhores dias para fazerem vingar as suas ideias. «Se esperam conseguir então o que não conseguiram hoje (...) depois do XIV Congresso ficarão à espera do XV e depois à espera do XVI e assim por diante», frisou irónico, como sempre.

«A vida está a correr mais depressa»

Os delegados que fizeram intervenções críticas nos três dias de trabalhos contam-se pelos dedos. E foi nesses poucos momentos que a tensão subiu no Pavilhão Paz e Amizade. Eram ouvidos num silêncio quase religioso, entrecortado por apupos mais ou menos sentidos dos outros congressistas. Os mais significativos, Pina Moura, membro suplente do Comité Central, e Delgado Martins, jurista, falaram na abertura das sessões.

«Entendi ser meu dever exprimir aqui a minha discordância, na generalidade, com o Projecto de Resolução Política proposto pela direcção», começou aquele membro do CC na tarde de sábado, quando o calor no recinto contribuía para o desagrado dos seus camaradas. Explicou o seu ponto de vista: «Sobrevalorizando particularidades reais da nossa história, a Resolução Política evita confrontar-se com parte da nossa orientação passada sobre o movimento comunista internacional».

Pina Moura abordou - sem citar - alguns pontos defendidos por Judas nas suas propostas, chegando à conclusão que as teses oficiais «não respondem ainda suficientemente ao desafio que o nosso tempo nos coloca». Quando terminou, as suas palavras - «A vida está a correr mais depressa do que nós» - provocaram nas bancadas alguns comentários menos agradáveis.

Às nove e meia da manhã, Delgado Martins também abriu os trabalhos. Denunciou as falhas do seu partido e a «marginalização de alguns camaradas», em escassos minutos e com mais nervosismo, como havia feito na entrevista concedida ao «DL» e publicada na sexta-feira. Além disso, contestava a legitimidade estatutária do Comité Central para criar um organismo não Executivo, como seria o de secretário-geral adjunto. Pouco tempo depois era refutado o seu argumento por Carlos Brito.

Foram estes, mais dois ou três, que se atreveram a levantar a voz discordante. São também estes que acreditam na possível modificação do partido, apesar do tempo lhes ser adverso. Outros houve, que, impedidos de participarem no Congresso, se sentiram representados nas suas intervenções.

«Estou condenado a acreditar que as coisas mudarão», disse ao «DL» Raimundo Narciso, que acorreu a Loures, tal como Barros Moura e José Magalhães, apenas como espectador do seu próprio partido. Este comunista, afastado do Comité Central do PCP no anterior conclave pelas suas posições críticas, viu nas teses oficiais «um esforço, insuficiente, de se darem alguns passos em frente». Disse que fica no partido. Vai esperar por Carlos Carvalhas: «É o caminho dos críticos viciados no comunismo»

Paula Sá

Jorge Lemos pondera

«Estou a ponderar». Foi com esta frase que ontem à noite Jorge Lemos, ex-deputado do PCP, comentou ao «DL» o seu possível afastamento do partido. Este crítico comunista, com o mandato suspenso, considerou as deliberações do congresso graves. Porque, disse, «confirmou uma linha que conduz ao abismo».

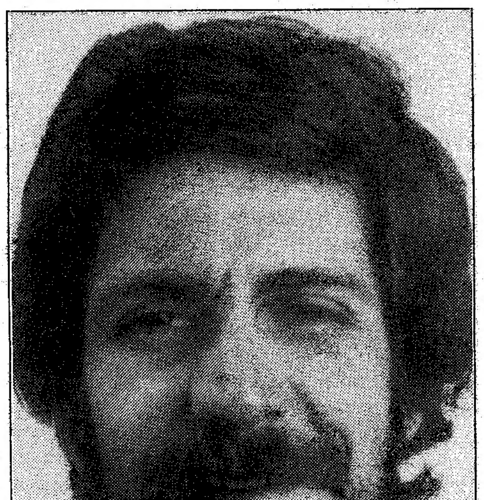
Na sua opinião, acentuou-se «o monolitismo e o partido adopta agora uma postura autista, que o impede de assumir qualquer papel de protagonista na vida portuguesa». Quanto ao discurso de Álvaro Cunhal e ao recado que enviou para os que estão em desacordo com a linha oficial saírem, Jorge Lemos frisou que ele coloca os comunistas numa posição difícil. «Ou lhes aponta uma adesão incondicional ou o silêncio cúmplice», disse.

Considerou ainda o abandono de Vital Moreira uma «grande perda» para o PCP, que poderá arrastar outras figuras que partilham das suas ideias de renovação.

Para o ex-deputado, estes incidentes podem ter projecção a nível do eleitorado e conduzem à impossibilidade de o partido lançar apelos a outras forças políticas, para futuros acordos eleitorais.

«Esta atitude do PCP é uma boa ajuda aos que, no Partido Socialista, querem unir a esquerda», afirmou. O seu comentário tornou-se mais claro quando deixou no ar: «Os próximos tempos vão ser ricos em acontecimentos para os militantes comunistas...»

P.S.



Jorge Lemos

POSTO DE ESCUTA

Comunista
«Ser-se comunista neste momento em Portugal é continuar a lutar pelo socialismo, pelos ideais do comunismo, numa palavra pela justiça social e por uma sociedade humana. Isto é: por uma democracia que tenha todas as suas componentes: democracia económica, social, cultural e política»
Carlos Carvalhas

Aberturas
«O PCP é um partido aberto ao mundo e tem que o ser. Naturalmente que há muitas vezes *clichés*, há uma maneira de o ver. Não reprovo a visão que se tenha. Por vezes temos também culpa nessa visão que é formada, mas é um partido que está muito ligado ao povo português, à sua luta pelas liberdades, com dificuldades e com defeitos como todos os partidos. Não somos os virtuosos»
Idem

Errámos
«Errámos muitas vezes, com certeza, como todos os partidos. Mas na essencialidade da nossa luta está um objectivo, que é um objectivo generoso, que é o de melhorar a vida dos portugueses e até uma grande actividade em defesa dos mais fracos, dos menos protegidos»
Idem

Perestroika
«Perestroika significa reestruturação. Já disse que nos estamos a reestruturar. Portanto, julgo que a questão está respondida»
Idem

Sem reservas
«Nós apoiamos sem reservas, sem subentendidos, a perestroika»
Idem

Críticos
«Eu julgo que o atributo de críticos não pode ser atribuído a tais e tais camaradas que, por razões diversas, aparecem mais nos meios de informação. Julgo que críticos devem ser todos os militantes do Partido Comunista Português»
Idem

Judas
«Não foi só o meu camarada José Luís Judas quem apresentou um texto. Textos globais - se a memória me não falha - foram cerca de trinta ou mais de trinta documentos. As emendas, maiores ou menores, mil e tal»
Idem

Zita
«A Zita Seabra foi expulsa por outras razões, não foi por delito de opinião»
Idem

NEM MAIS NEM MENOS, «Antena 1», sábado, 19.05.90, Carlos Carvalhas entrevistado por Eduardo Fidalgo e Ricardo Jorge

Antigos combatentes debatem reabilitação

«Os homens que morreram em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau também fizeram o 25 de Abril. O nosso sangue abalou os que tinham a verdade absoluta» - disse José Arruda, presidente da Associação dos Deficientes das Forças Armadas (ADFA), na sessão inaugural da I Conferência de Antigos Combatentes de Portugal, Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, que se iniciou esta manhã.

Preside aos trabalhos o Presidente da República, Mário Soares, participando também Durão Barroso, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Dias Loureiro, ministro dos Assuntos Parlamentares, o deputado Marques Júnior, entre outros.

José Arruda considerou esta data um dia histórico, pelo facto dos combatentes «estarem aqui todos irmanados na mesma mensagem de paz e tolerância». E acrescentou, «ontem lembrámos os nossos mortos e para estarmos aqui foi preciso que muitos morressem. Agora é preciso tratar da integração que não é fácil. Temos de sonhar, temos que ser utópicos e concluirmos que ao fim de 16 anos o Governo reconheceu que sabemos quem somos e o que somos». Referindo-se à presença de Mário Soares, considerou que a sua participação nos trabalhos «é para nós um apoio e um referencial».

Segundo a Associação dos Deficientes das Forças Armadas, esta iniciativa «insere-se no quadro do aprofundamento da solidariedade, amizade e cooperação entre os veteranos e os deficientes», com vista a contribuir para «novos caminhos no futuro relacionamento entre Portugal e os Países Africanos de Expressão Oficial Portuguesa».

As estruturas da política de reabilitação e as possibilidades de cooperação neste domínio são os principais temas em análise. É a primeira vez, como refere o presidente da ADFA, que se realiza no mundo uma conferência deste género a nível mundial. O início dos trabalhos teve lugar no fim-de-semana e decorrem até quinta-feira na Fundação Gulbenkian.

Ontem, o ministro da Defesa, Fernando Nogueira, presidiu à homenagem aos combatentes falecidos. «Foi uma cerimónia extraordinariamente tocante. Os laços de amizade que unem Portugal, Angola, Moçambique e Guiné-Bissau são mais fortes do que os motivos que conduziram à Guerra Colonial de 1961-1974» - afirmou na circunstância à agência Lusa.

Eurico Vasconcelos

Mário Soares, ladeado por José Arruda(ADFA) e Azeredo Perdigão (Fundação Gulbenkian), presidiu à abertura da I Conferência dos Combatentes de Portugal, Angola, Moçambique e Guiné-Bissau

Na cerimónia foram depostas coroas de flores junto ao monumento dos Combatentes na Avenida da Liberdade, em Lisboa. Além de Fernando Nogueira, estiveram também presentes Jorge Sampaio, presidente da Câmara de Lisboa, o governador-civil, Moura Guedes, entidades militares e delegações africanas de antigos combatentes e de deficientes.

Entre 1961 e 1975, morreram nas guerras coloniais em África (Angola, Moçambique e Guiné-Bissau) 8 831 combatentes do continente português - revelou à Lusa uma fonte do Estado-Maior General das Forças Armadas. O total de militares portugueses que passaram por África cifra-se em um milhão e quatrocentos mil. Fontes oficiais asseguram que Angola possui 30 mil mutilados de guerra, Moçambique 6 000 e a Guiné-Bissau 3 515.

O ministro Silva Peneda e o primeiro-ministro, Cavaco Silva, encerram esta I Conferência de Antigos Combatentes na próxima quarta-feira.

Missão de Macau em Lisboa vai ser inaugurada amanhã

O Presidente da República, Mário Soares, preside amanhã de manhã à inauguração das instalações da Missão de Macau em Lisboa. A cerimónia contará também com a presença do governador do território, Carlos Melancia, membros do Governo da República e diversos responsáveis da administração de Macau.

A Missão de Macau, representação oficial permanente do Governo do território em Portugal, vai dispor, além dos diversos serviços relacionados com a sua actividade, de uma livraria sobre temática oriental, um centro de documentação, um posto de turismo, uma loja de filatelia, uma área de exposições e de dois auditórios.

A inauguração da Missão de Macau inicia a Quinzena «Macau na Rota do Oriente», iniciativa do governador Carlos Melancia, integra diversas manifestações de âmbito cultural, económico e político.

Além da de participar em diversas cerimónias da Quinzena, Carlos Melancia, que chegou no sábado a Lisboa, terá encontros oficiais com o Presidente da República, primeiro-ministro, presidente da Assembleia da República e outro membros do Governo, para análise de diversas questões relacionadas com a entrada em vigor do novo Estatuto Orgânico do território.

Redacção «DL»

Maçonaria Regular cresce em Portugal

Até ao final deste ano deverá ser constituída a Grande Loja da Maçonaria Regular em Portugal, com o que termina um processo iniciado em 1983 com a saída de diversos maçons do Grande Oriente Lusitano (Maçonaria Irregular), quando Palma Carlos perdeu as eleições para grão-mestre.

Por enquanto apenas "distrito" da Grande Loja Nacional Francesa, Portugal já tem o número suficiente de "lojas" e maçons regulares para passar a ter uma Maçonaria Regular autónoma, soube o «DL».

As "lojas" existentes, disseminadas pelo País, foram reconhecidas como "regulares" pela Grande Loja Nacional de Inglaterra, que funciona como Loja-mãe dos maçons "regulares" em todo o mundo.

Com numerosos recrutamentos nos últimos meses, estes maçons organizam, assim, em Portugal o ramo mais forte da Maçonaria: o "regular", cuja relação com os "irregulares" é de dez para um.

Redacção «DL»

BREVES

PM da Grécia em Lisboa a 29

Xenophon Zolotas, chefe do Governo grego, visita oficialmente Portugal no próximo dia 29. Estará no nosso País «por poucas horas», já que escala Lisboa a caminho dos Estados Unidos, mas não deixará de encontrar-se com Cavaco Silva.

Municípios de Lisboa: nova associação

O presidente da Câmara de Vila Franca de Xira, Daniel Branco, vai apresentar aos seus congéneres da área urbana de Lisboa uma proposta de estatutos de uma futura associação de municípios. Segundo relevelou o próprio ao «DL», a nova associação privilegiará problemas relacionados com a gestão e planeamento do território, na perspectiva da apresentação dos chamados Planos Regionais de Ordenamento do Território.

José Reis volta atrás

O secretário-coordenador da Federação de Setúbal do PS, José Reis, retirou o seu pedido de demissão do cargo, apresentado há cerca de um mês, na sequência da nomeação de Joel Hasse Ferreira para o cargo de mandatário distrital da moção de Jorge Sampaio ao congresso socialista. O dirigente justificou o regresso às funções com a necessidade de manter a unidade do partido.

PS ganha de novo maioria em Gonçalo

Amadeu Bidarra foi ontem reeleito para a presidência da Junta de Gonçalo, concelho da Guarda. O PS, cuja lista encabeçava, conquistou a maioria absoluta na freguesia.

Marrocos e Portugal mais próximos

Mário Soares confirmou prestígio e deu lições de política externa

A viagem do Presidente da República a Marrocos foi um exercício de astúcia política e o reconhecimento do prestígio de Mário Soares.

Os deputados portugueses que acompanharam o chefe de Estado foram unânimes quanto à habilidade política com que Soares negociou com o Rei Hassan II. «Ele não abdicou da defesa dos direitos humanos e da referência à questão de Timor, embora de forma moderada, e conseguiu reforçar os laços de amizade com o monarca alaouita», disse ao DL um dos parlamentares portugueses.

A grande aposta de Soares em trazer em breve a Portugal o rei Hassan e o príncipe herdeiro está relacionada com uma preocupação, que não é exclusivamente portuguesa: o avanço do movimento fundamentalista no mundo árabe.

Marrocos, sob a liderança carismática de Hassan II, tem funcionanado como um país tampão do avanço dos movimentos fundamentalistas. Este facto, aliado às reformas do sistema no sentido do multipartidarismo, contribuiram para o aumento do prestígio do monarca junto dos países europeus. Aguarda-se agora que Hassam avance com o referendo sobre a situação no Sara.

Mário Soares visitou a maior mesquita do mundo em Casablanca, no último dia da sua visita a Marrocos

Soares fez votos para que este processo avance de forma a terminar com « um conflito doloroso».

O Presidente Português sabe que cimentar a visão europeia do rei contitui uma forma de contribuir para o afastamento dos fundamentalistas das proximidades da costa sul portuguesa.

Ainda nesta perspectiva, o Presidente reafirmou o convite para que o príncipe herdeiro visite com frequência Portugal, de modo a inserir no espírito do sucessor de Hassan os princípios da democracia europeia. Aliás, Mário Soares, na reunião com os jornalistas em Marrocos, disse que « o príncipe está a ser devidamente preparado para a sucessão. Assistiu, de pé, às reuniões que tive com o rei e pronunciava-se quando este lhe pedia».

Hassan II deverá visitar Portugal em Outubro, segundo revelou o Presidente, que a propósito da escolha da data disse aos jornalistas que o rei o pressionara para se recandidatar à Presidência da República. Como a resposta de Soares não foi satisfatória, o monarca decidiu que a visita ficararia marcada para antes das eleições.

Mário Soares escusa-se a falar sobre a sua recandidatura. Fontes muito próximas do Presidente afirmam que este está ainda a pensar na opção que tomará nesta fase terminal da sua vida. «Ele gostaria de descansar e escrever os livros com as suas memórias», garantem.

Entre os jornalistas que acompanharam a visita fizeram-se apostas sobre se o Presidente ia ou não ceder à tentação de continuar como protagonista activo da política portuguesa. Entre os inquiridos, apesar de admitirem que Soares gostaria de descansar para escrever livros, foi superior o número dos que consideraram que o Presidente, na altura própria, não vai conseguir resistir à tentação.

A situação em Angola dominou as atenções dos dois primeiros dias da visita de Estado do Presidente da República a Marrocos. Existiam contactos entre a Unita e entidades marroquinas no sentido de se tentar um encontro durante a estada de Soares. Como foi referido pelo primeiro dia pelo DL, chegou-se a falar de um encontro com Savimbi, que foi de imediato desmentido e posteriormente negado pelo próprio Presidente.

Fonte ligada ao movimento opositor do Governo de Luanda disse ao Diário de Lisboa que José Eduardo dos Santos terá interferido junto do rei Hassan II no sentido de evitar encontros paralelos às negociações.

No segundo dia da visita , as atenções viravam-se para Lisboa, embora a origem da notícia fosse ainda Rabat. Um comunicado da Unita revelava que Savimbi fora para o Zaire para conversações com Mobutu e com o secretário americano Herman Cohen enquanto Toni Fernandes, o responsável pelos Negócios Estrangeiros da Unita apresentava em Lisboa as novas propostas para um cessar fogo imediato.

João de Deus Pinheiro confirma. Soares desconhece.

Apesar do Presidente negar qualquer conflito com o Governo, em relação à questão angola, e reafirmar que os dois órgãos de soberania funcionam como uma só voz, é certo que Mário Soares não gostou que o primeiro-ministro lhe tivesse sonegado informações importantes, sabendo que o Presidente se ia encontrar com Hassan II em Marrocos e iria falar do conflito em Angola. Como diz o provérbio: «Há mais marés que marinheiros».

Livre circulação aproxima portugueses e marroquinos

A abolição do visto de entrada nos dois países é uma das medidas político-económicas mais importantes, saídas desta visita de Estado.

Numa conversa informal entre o DL e alguns marroquinos , estes manifestaram o desejo de que a medida fosse concretizada o mais depressa possível de modo a facilitar as desejadas visitas a Portugal.

Não foi anunciado a partir de que data entrará em vigor a isenção de vistos, mas não haverá no decurso do processo qualquer impedimento já que a decisão foi tomada pelo próprio Hassan II.

Paralelamente às conversações políticas, decorreu em Casablanca, considerada a capital económica de Marrocos, um seminário dedicado às questões bilaterais, organizado pela Câmara de Comércio e Indústria Luso-Marroquina e pela Câmara de Comércio da Grande Casablanca. Actualmente Portugal exporta para Marrocos madeiras e têxteis e recebe fosfatos e derivados, minérios e pescado.

Os fosfatos foram aliás um dos temas em debate entre os empresários marroquinos e portugueses, tendo já como horizonte a previsível privatização da Quimigal.

O acordo assinado entre a Marconi e a empresa de telecomunicações marroquina para a instalação de um cabo submarino é considerado um importante negócio, com consequências na eficácia do relacionamento comercial entre os dois países. Uma obra urgente a avaliar pelas dificuldades em estabelecer comunicações sentidas pelos jornalistas que acompanhavam o Presidente.

O esforço de melhorar a comunicação tem de ser feito também a outro nível, tendo em conta as lamentações dos empresários quanto à falta de informação sobre os dois países.

Maria João Rocha

Acordo de Defesa em fase inicial

O acordo de Defesa emtre Portugal e Marrocos é ainda uma das questões pendentes no relacionamento entre os dois países.

Não deixa de ser sintomático que tanto o ministro dos Negócios Estrangeiros como o Presidente da República pouco tivessem avançado sobre este assunto delicado.

João de Deus Pinheiro limitou-se a afirmar aos jornalistas que o acordo já fora rubricado com o mesmo tom de quem anuncia que vai avançado. Mas, de facto, a rubrica significa apenas que há uma proposta de negociação que foi aceite pelos dois países e que terá de ser trabalhada. Só depois o acordo é assinado, sujeito à aprovação dos respectivos parlamentos e ratificado pelos chefes de Estado.

O ministro dos Negócios Estrangeiros revelou que o acordo deverá ser assinado durante a visita do ministro da Defesa marroquino a Lisboa ou pelo contrário durante a visita de Fernando Nogueira a Rabat. O que significa que há da parte do Governo a intenção de não dar esse «trunfo» a Mário Soares. Todavia nenhuma das duas hipóteses apresentadas está agendada.

Quanto ao conteúdo do acordo, ficou tudo no segredo do deuses.

Questionados sobre esta matéria, João de Deus Pinheiro escusou-se a adiantar pormenores e o Presidente da República, que em princípio é conhecedor do conteúdo das primeiras negociações feitas ainda por Eurico de Melo, limitou-se a dizer que é necessário um acordo de defesa ecológica que impeça que a limpeza dos navios ao largo da costa marroquina provoque a poluição das águas portuguesas. Aliás, o Presidente revelou ter convidado Eurico de Melo para integrar a comitiva, na qualidade de ex-ministro da Defesa, mas o dirigente social-democrata não estava disponível.

O presidente da Comissão Parlamentar de Defesa, Jaime Gama, que integrou a comitiva presidencial, disse ao DL desconhecer o conteúdo do projecto já rubricado pelos dois países. No entanto salientou que o facto de se dar o estatuto de acordo a um conjunto de acções que se podem realizar através da cooperação em áreas específicas, implica um maior envolvimento político das duas partes.

Recorde-se que para além das acções pontuais, como por exemplo a cooperação que existe ao nível da Força Aérea, é fundamental para Portugal ter um conhecimento completo sobre a situação militar dos países do Magreb tendo em conta a proximidade geográfica e os equilíbrios estratégicos na região.

M.J.R.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	43$40	49$40
ALEMANHA FED. (marco)	87$40	88$60
ÁUSTRIA (xelim)	12$40	12$60
BÉLGICA (franco)	4$238	4$488
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	122$60	125$10
(notas de 5 a 1000)	123$10	125$60
DINAMARCA (coroa)	22$90	23$30
ESPANHA (peseta)	1$368	1$488
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	144$45	147$95
(notas de 5 a 1000)	144$95	148$45
FINLÂNDIA (marka)	36$95	37$55
FRANÇA (franco)	25$90	26$60
HOLANDA (florim)	77$75	78$85
IRLANDA (libra)	235$40	239$40
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$903	$958
NORUEGA (coroa)	22$50	23$00
REINO UNIDO (libra)	245$15	249$65
SUÉCIA (coroa)	23$95	24$45
SUÍÇA (franco)	102$60	104$10
VENEZUELA (bolívar)	2$695	3$495

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Portugal promove-se nos EUA

Miguel Beleza

Portugal desenvolve actualmente uma campanha de promoção nos Estados Unidos da América. «Blitz» é o nome escolhido para definir este tipo de operação. A missão, chefiada pelo ministro das Finanças que no sábado chegou a Boston e ali permanecerá até à próxima sexta-feira, fará daquela cidade «uma vitrina portuguesa». «Reforçar a imagem de Portugal como país de oportunidades», nunca perdendo de vista a meta de 1993, é a tarefa que os 22 representantes portugueses terão de desempenhar junto dos homens de negócios, da cultura e universitários norte-americanos.

Um dos pontos altos da campanha de imagem que ultrapassará o âmbito local, é a entrevista que Miguel Beleza concede à cadeia norte-americana de televisão CNN, que deverá ser transmitida em directo na quinta-feira, às 19 horas de Nova Iorque (00 horas de Lisboa) e que será repetida três vezes na Europa, na sexta-feira.

«Money Line» é o nome do programa em que participará o ministro português. Trata-se de uma rubrica de informação económica com grande audiência e nela serão abordadas, entre outras questões, o papel de Portugal na CEE, a integração europeia, as alterações a Leste, a União Económica e Monetária europeia e a campanha de Portugal nos EUA. Das personalidades norte-americanas que participam nesta semana portuguesa, destaca-se Michael Dukakis, o governador do Estado de Massachussets, que recebe a missão portuguesa, em cerimónia na «State House». As próximas acções de promoção de Portugal nos Estados Unidos realizam-se em Minneapolis, em Julho, seguindo-se Los Angeles, em Novembro, e, Atlanta, em Janeiro de 1991. Estas cidades foram seleccionadas para os «blitz» através de um conjunto de critérios computorizados e definidos de acordo com os objectivos perseguidos por Portugal nesta incursão em terras norte-americanas.

Potencializar o investimento directo norte-americano, em Portugal, incrementar turismo e promover o comércio entre os dois países, são os resultados esperados com a campanha de imagem que agora se iniciou. No caso concreto do «blitz» de Boston, são os dois primeiros objectivos que têm prioridade. No entanto, não se vai descurar a promoção das exportações, assegurou o presidente do ICEP, António Alfaite.

Redacção «DL»/Lusa

CEE dá mais um passo para a União Política

Estão lançadas as bases para a realização de uma conferência inter-governamental sobre a União Política da Comunidade, esta parece ter sido a conclusão dominante saída do encontro dos ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE. Para os ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE que este fim-de-semana participaram num conselho informal em Parcnasilla, no sudoeste da Irlanda, existem motivos mais do que suficientes para que aquele encontro se efectue.

Tratou-se de mais um passo no sentido da integração europeia já que uma das questões colocadas pelos líderes da Comunidade na cimeira extraordinária de Dublin era a justificação ou não da alteração do tratado para a construção da União Política.

Os ministros reunidos neste fim-de-semana decidiram criar um comité de representantes pessoais para elaborar o documento de síntese das posições de consenso e desacordo de cada país sobre a União Política. O documento deverá ser discutido pelo Conselho dos Assuntos Gerais, a 18 e 19 de Junho, no Luxemburgo, oito dias antes do Conselho Europeu de Dublin.

Deus Pinheiro

O texto saído do Luxemburgo constituirá a proposta de mandato para a conferência inter-governamental, durante a qual serão discutidas as questões específicas da União Política: reforço da legitimidade democrática da CEE e o aumento da eficácia adesão comunitária.

Na capital irlandesa, a 25 e 26 de Junho, os chefes de Estado e de Governo vão convocar uma conferência para tratar da União Política, a qual deverá ocorrer a par da conferência sobre a União Económica e Monetária, de forma a que possam ser ratificadas pelos parlamentos nacionais antes de 1993.

Portugal reafirmou posições

No decorrer da reunião de Parcnasilla, Portugal reafirmou as suas posições, defendendo o reforço da Comunidade no caminho da União Política, mas manteve reservas quanto às reformas institucionais. «Fomos dos mais entusiastas quanto à criação da União Política», afirmou o ministro dos Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro. No final dos trabalhos, Deus Pinheiro disse que Portugal defendeu, pela primeira vez, a unidade na acção dos «Doze» em matéria política externa e de segurança.

«Consideramos necessária a participação da Comissão na cooperação política europeia e a fusão desta cooperação com o Conselho dos Assuntos Gerais».

No entanto, segundo o ministro, Portugal mostrou-se contrário ao reforço dos poderes do Parlamento Europeu, embora concorde com a criação de uma segunda câmara, onde os parlamentos nacionais estejam representados. «As reformas têm de ser graduais e é necessário preservar o equilíbrio das instituições», preconizou Deus Pinheiro.

LATINA V/90

FUNDO TOP
TOP SEGURO POUPANÇA • TOP REFORMA
PPR FIDELIDADE

TOP SEGURO POUPANÇA
TOP REFORMA
PPR FIDELIDADE

O investimento seguro à medida das suas poupanças e a pensar no futuro!

Agora, pode adquirir aos balcões da Caixa Geral de Depósitos o TOP SEGURO POUPANÇA, o TOP REFORMA e o PPR FIDELIDADE — as várias hipóteses que lhe oferecemos para investir as suas poupanças e assegurar um futuro mais promissor.
Peça informações em qualquer das 410 Agências da

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

FIDELIDADE SEGUROS

ACROBACIAS ÍNTIMAS

A televisão traz o *mundo* a casa. Mas, também, traz a **casa** ao mundo, ao meio da rua.

Os *mass media*, e em particular a televisão, têm hoje em dia uma interelação privilegiada entre o *público* e o *privado*, entre o *privado* e o *público*. A televisão leva à intimidade do lar o comício político, o debate parlamentar, o desastre de viação, o espectáculo desportivo ou musical, numa palavra, leva a praça pública a casa. Porém, não é menos verdade que, com igual frequência, embora de modo diverso, *mediatiza*, a vida íntima, a privaticidade, das paixões, dos sentimentos, dos desejos secretos, alforjados nas profundezas das mais diversas personagens humanas.

Regra geral, todas as análises sobre os efeitos e a importância dos mass media na opinião pública relevam aquela *primeira função* que provoca o alargamento do *espaço público* criando condições especiais ao exercício das democracias modernas.

A *segunda função*, a mediatização da privacidade, é menos vezes tratada e talvez por de mais subvalorizada na sua repercussão social.

Todavia, o reconhecimento desta sua dupla interelação entre o privado e o público e o público e o privado é importante para percebermos o papel dos *media* na sociedade de hoje e para entendermos o funcionamento dessa própria sociedade.

Na situação de veículo do público ao privado, os mass media utilizam normalmente um discurso directo. Na mediação do íntimo, do privado, os *meios de comunicação social* praticam um discurso indirecto, servem-se da «ficção representativa».

Um dos exemplos mais ilustrativos deste tipo de mediação é aquele conseguido pela telenovela em televisão. Sem dúvida, para além de outros requisitos, uma das condições que garante o sucesso de uma telenovela é o núcleo central de representações sociais que ela consegue reunir correspondentemente ao «universo simbólico» dos telespectadores. Numa telenovela é importante a *representação* dos actores mas não é menos importante a *representação das personagens da vida* com que se identificam os actores, ou seja com um perfil social de pessoas que fazem parte do nosso mundo familiar, de trabalho, de convívio particular, de vida privada. Parte do seu êxito assenta na confusão que a novela operacionaliza entre o real e a ficção. Aquilo é ficção, mas, no fundo, parece verdade.

É esta construção de uma certa *alteridade* com a projecção de personagens, que podem ser amadas ou odiadas mas são identificáveis na realidade social, que faz da novela a exercitação de um ritual moderno. Uma «liturgia» que todos os dias entra em nossas casas.

A mediação de *coisas privadas* da sociedade actual que a telenovela «Vale tudo» está a levar todas as noites a casa dos portugueses, é um *discurso indirecto* notável sobre problemas sociais do nosso tempo. À roda da perversidade de uma personagem como a de uma Fátima para quem para subir na vida vale tudo, situações socialmente complexas são colocadas. Temas até então tabus no universo das telenovelas, como o homossexualismo, o alcoolismo familiar, são afrontados sem falsos moralismos.

«Vale Tudo» é a evidenciação de casos e casos que no dramatismo da ficção representativa falam da realidade. A novela traz a público o privado. Em público, através da televisão, fala de coisas, que muitos nem em privado gostam ou têm coragem de falar.

Este papel dos mass media passa desapercebido mas nem por isso deixa de ser importante. Importante e decisivo para as acrobacias íntimas de uma sociedade.

José Manuel Paquete de Oliveira

OITO METROS DE ALTURA

Tierno Galvan — que conheci na sua casa, gravemente catedrática, da Calle Ferraz — também não era, em rigor um *entertainer*.

Mas soube, com uma inesperada alegria, com a pelo menos inventiva de se rodear de inventivos, inventar — *a movida madrilena*.

Barcelona é uma festa.

Paris desfila, já em direcção ao Terceiro Milénio.

Roma, Milão, Florença, ardem novidades.

Jorge Sampaio tardava.

Lisboa tardava.

Jogadores de futebol, e jogadores do Benfica, com oito metros de altura, na transmissão directa da Alameda da Cidade Universitária, não estão mal.

Têm o espectáculo.

Têm a força das novas tecnologias.

Têm a cor.

Têm o movimento.

Têm a bola.

Rompem o bloqueio da noite lisboeta.

É o sinal de que a Câmara Municipal de Lisboa não se sente condenada ao *espírito de seriedade* da esquerda portuguesa?

De que a Câmara Municipal de Lisboa não é, afinal, o comboio de *dossiers* e a ronda de comissões, de certo severamente úteis, que parecia, a alguns?

De que, para a Câmara, a competência não é chata, a honestidade não faz dormir, Lisboa não é trabalho e o conhaque é conhaque?

A Câmara Municipal de Lisboa responde, finalmente, à festa de vontade que a elegeu, com a vontade da festa.

Usa, até que enfim!, o talento de dizer bem, de dizer visível, de multitudinariamente se dizer.

A questão está em saber se isto é uma excepção que rapidamente se fecha, para que a Câmara volte ao trabalho, se, pelo contrário, isto é uma linha que se abre, demonstrando que a Câmara trabalha assim, sabe trabalhar também assim.

É evidente que a presente gestão camarária ainda outro dia fez cem dias, que há, na cidade, graves, dramáticas prioridades, que as grandes festas não se improvisam, exigem profissionalismo, que o mandato municipal tem anos.

Tudo isto, que é verdade — não é verdade.

No sentido de que, em rigor, cento e tantos dias, não apenas são mais do que tempo para dar, do talento, da vontade de estilo, da maneira de ser cidade, e ser Lisboa, nos anos 90, sinal, como cento e tantos dias constituem justamente o tempo político, o tempo psicossocial em que esse sinal deve ser dado.

Apesar das outras prioridades, e precisamente por causa dessas outras prioridades.

Apesar da indispensabilidade do profissionalismo, e precisamente por causa dessa indispensabilidade de profissionalismo.

A nova gestão municipal conhece-se de dentro para dentro. E sabe que está a trabalhar. Crendo estar a trabalhar com seriedade. E coerência em relação aos seus projectos.

Mas sabe a nova gestão municipal como está a ser vista de fora para dentro, da cidade para o palácio? Sabe ela se a cidade está a sentir que o seu trabalho, a forma de o dizer, de o comunicar, potenciam a onda de esperança, o entusiasmo, a alegria, que a elegeram?

Há, porventura, por parte de alguns homens que constituem esta gestão, aquela velha confiança, tão de esquerda, na justeza da lucidez democrática, no reconhecimento final da solidez, da seriedade, de um trabalho que se quer sólido e sério.

Tal como, porventura, haverá aquele velho pudor, leia-se vergonha, da exibição.

E, em consequência, o pudor de converter a cidade, lugar político por excelência, numa exibição.

Ora justamente não.

Tierno Galvan demonstrou que não.

Barcelona demonstra, espectacularmente, que não.

Paris, seja Chirac seja Lang, demonstra que não.

Roma, Milão, Florença, demonstram que não.

Lisboa, para ser essa capital simultaneamente europeia e atlântica, entre si e si, entre si e o País, entre si e a Europa, entre si e o Mundo, ou é, também, um cartaz, uma explosão de luz, de talento de se propor, de se dizer, de se mobilizar, de acontecer, e o é em absoluta prioridade, em dramática prioridade, ou não será, nem uma capital europeia, nem uma capital atlântica.

Este Benfica com oito metros de altura está bem.

Mas apenas como pontapé de saída.

Se é jogada isolada, não é golo nos anos 90.

E pode passar sobre a trave — em 91.

Artur Portela

OS MILITARES E A JUSTIÇA EM ESPANHA

O Ministério da Defesa espanhol e o defensor del Pueblo, que corresponde ao nosso provedor de Justiça, vão assinar dentro de pouco tempo um acordo para permitir que as queixas dos soldados, ou dos oficiais, sejam enviadas a esta instituição, para permitir uma investigação directa promovida e orientada por esta autoridade.

Este pacto vai autorizar que os advogados de defesa entrem nos quartéis e interroguem a todos os que tiverem uma participação nos factos denunciados. Este acordo será dado a conhecer por meio de uma distribuição maciça de 250.000 folhetos destinados a explicar aos recrutas que podem denunciar os seus problemas, tais como sanções injustas ou outras formas de violência.

Trata-se de uma inovação profunda, que de resto assenta em outras medidas já adoptadas na relação dos recrutas com os militares. Os espanhóis fecharam já nada menos de sete prisões militares, após terem sido visitadas pelo defensor del Pueblo, que redigira um relatório crítico.

Ou seja, está-se, em Espanha, a liquidar o carácter arbitrário da função militar, que não hesita em recusar aos recrutas os direitos que lhes assistem como cidadãos normais deste país. O que se fez em Espanha, tarda a ser feito em Portugal. Talvez porque a guerra civil acabou em 1939, ao passo que a nossa última estúpida guerra colonial só terminou em 1974.

Seja como for, pode recomendar-se às diferentes autoridades portuguesas, ministro, secretário de Estado, chefes de estado-maior e por aí fora, a leitura dos documentos espanhóis, pois seria conveniente considerar que o Exército não pode continuar a auto-excluir-se da sociedade civil, em nome de uma tarefa singular, a da defesa nacional que, entrementes, mudou inteiramente de aspecto.

É sabido que as instituições que funcionam como «isolados», quer dizer em condições que as separam da sociedade civil, devido a uma ideologia e a condições materiais específicas - quartéis e fardas, castigos e prisões -, manifestam uma tendência aborrecida para conservar os seus traços mais arcaicos. O Exército espanhol não pode resistir à pressão constante da sociedade civil, uma vez que os jovens recrutas são cada vez mais escolariados, quer dizer, mais instruídos.

Semelhante situação é de resto reforçada pela convicção, que existe também em França, de que o serviço militar constitui uma prodigiosa perda de tempo que, para mais, provoca cataclismos financeiros, profissionais ou afectivos? Um inquérito levado a cabo entre jovens recrutas espanhóis não só dá conta das graves crises psíquicas de muitos jovens recrutas, mas procede ao inventário da destruição das relações afectivas, muitas «noivas» recusando continuar uma relação afectiva com um jovem soldado.

Nestas condições, e na medida em que os recrutas são cidadãos no pleno gozo dos seus direitos, é a mentalidade do Exército que terá de ser mudada. As decisões agora tomadas em Espanha vão precisamente no sentido que venho propugnando há uns anos a esta parte, de maneira a transformar uma casta socioprofissional que ainda não aprendeu a viver na paz e em paz, e que não dispondo de nenhuma guerra, quer transformar o serviço militar em operação de guerra contínua.

Saibam todos que se modificam de maneira decisiva estas relações através da Europa. Esperamos não ser os últimos a ouvir a voz da razão, impondo do exterior as regras que os militares não sabem nem pensar nem impor do interior

Alfredo Margarido

FORUM

ANTIGAS ORGANIZAÇÕES PARA UMA NOVA EUROPA

A União Soviética acaba de propor a permanência da Alemanha unificada na NATO e no Pacto de Varsóvia, como forma de conseguir a sua neutralidade até à criação de um novo sistema de segurança europeu. Os Estados Unidos e, de um modo geral, os aliados da NATO não desejam a neutralidade da Alemanha, mas a sua integração plena na NATO.

Esta atitude da URSS não é nova. Já na Conferência de Berlim, em princípios de 1954, o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Molotov, que se tinha oposto à reunificação da Alemanha, propôs a retirada das forças aliadas do seu solo e a entrada da URSS e dos países da Europa de Leste para a NATO.

Em 18 de Julho de 1955, na Conferência dos Quatro Grandes, em Genebra, foi o primeiro-ministro, Bulganine, quem propôs um tratado de segurança europeu que substituísse tanto a NATO como o Pacto de Varsóvia.

Em 1957, por intermédio do ministro dos Negócios Estrangeiros polaco, Rapaski, foi proposta a desnuclearização da Europa Central (Polónia, Alemanha e Checoslováquia).

Em Julho de 1966, o Pacto de Varsóvia publicou a «Declaração para o Fortalecimento da Paz e Segurança na Europa», que previa a dissolução dos dois pactos e a constituição de um novo sistema de segurança europeu.

Em 1968, o Pacto de Varsóvia renovou estas propostas no documento conhecido por «Apelo de Budapeste».

Mais propostas semelhantes ocorreram nos últimos 45 anos. Até aqui, nada de novo. O que vai ser, com certeza, inteiramente diferente é o papel e o funcionamento das organizações europeias onde estes problemas vão agora ser analisados.

Os países da Europa de Leste (designação que, por comodidade de exposição, ainda é prático manter), ao iniciarem a mudança, atribuíram a primeira prioridade à independência política e à adesão aos valores da civilização ocidental (liberdade, direitos humanos, etc.) O tratamento e a defesa desses valores humanos, sociais e culturais, são a razão de ser do Conselho da Europa. Penso, assim, que o Conselho da Europa, mantendo o seu carácter e objectivos, será a organização que aceitará mais prontamente o seu alargamento a toda a Europa e só à Europa, ignorando conceitos mais vagos e que nada nos dizem, como o da «casa comum europeia». Concretizado o alargamento, os assuntos desta natureza que hoje são também tratados na Conferência sobre a Segurança e Cooperação da Europa (CSCE) poderão transmitir-se para o Conselho da Europa, evitando duplicações hoje só justificáveis pela diferença no número de países membros das duas instituições.

A CSCE tende a preocupar-se cada vez menos com o confronto entre duas Europas e cada vez mais com a resolução política dos problemas de segurança e de desarmamento comuns a uma só nova Europa, mesmo aqueles que surgirem entre países da ex-Europa de Leste. Os conflitos regionais europeus poderão multiplicar-se e agudizar-se. A Europa pretende circunscrevê-los e limitar às potências europeias o seu controlo. Assim se poderá compreender que o ministro dos Negócios Estrangeiros da RFA tenha recentemente proposto a reunião regular de uma CSCE sem Estados Unidos nem Canadá. (Já na NATO foi há muito instituído o Eurogrupo, que reúne apenas os aliados europeus). É neste sentido que se poderá também entender a vontade de agendar para a próxima reunião da CSCE, em Novembro, o problema de segurança da reunificação alemã e das fronteiras germano-polacas. A CSCE não precisará de evoluir muito na sua constituição, pois só a Albânia e Andorra não fazem parte dela. Poderia vir a ser umas Nações Unidas regionais, desejavelmente mais eficazes, mais eficientes e com mais poderes do que a Organização dos Estados Americanos ou do que a Organização da Unidade Africana.

A CEE manterá certamente a sua finalidade, e o seu alargamento continuará a ser cauteloso e negociado, embora a adesão da RDA acabe por constituir uma imposição, uma entrada pela porta das traseiras, em consequência da reunificação alemã.

O Pacto de Varsóvia, praticamente, está dissolvido. Os seus membros estão a abandoná-lo.

Normalmente, não se assinam tratados para acabar com tratados; eles esvaziam-se por ineficácia ou inutilidade. O Pacto de Varsóvia existirá apenas enquanto a União Soviética, a RDA e a Polónia quiserem dispor de um interlocutor para dialogar com a NATO na resolução dos difíceis problemas actuais do Centro da Europa.

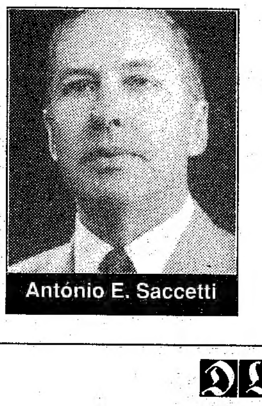
A NATO, embora mais política e menos militar, deverá manter-se enquanto existir instabilidade na Europa do Leste e na URSS. Em 12 de Abril, o presidente Gorbachev disse, no Congresso dos Jovens Comunistas Soviéticos: «...Se começarmos a dividirmo-nos, teremos uma guerra civil e chacinas sangrentas».

O ultimatum de 13 do corrente mês de Abril à Lituânia é preocupante. Recorde-se que, militarmente e no que se refere a armamento, a URSS não tomou ainda nenhuma decisão irreversível. O número de carros de combate e de submarinos da URSS não diminuiu, antes aumentou, em 1988 e 1989. A NATO continuará a unir as democracias estáveis, mais antigas, que nela confiaram.

Por outro lado, existe uma diferença muito grande entre a NATO e o Pacto de Varsóvia, ainda que se considere que ambos os pactos são defensivos. A NATO teve sempre uma chefia civil, eleita; o chefe máximo militar é designado entre candidatos de vários países, num processo de escolha participado, e até um pouco pesado e demorado; as decisões são tomadas por unanimidade; mais importante ainda, as adesões à NATO foram pedidas por países que queriam defender valores comuns, que de outra maneira não tinham garantia de poder defender. O Pacto de Varsóvia é chefiado por militares exclusivamente soviéticos, nomeados por Moscovo; são membros do Pacto de Varsóvia os países que estavam ocupados pelo Exército Vermelho no fim da Segunda Guerra Mundial (a Albânia, que não sentiu tão directamente essa ocupação, abandonou o Pacto em 1968; a Hungria não o conseguiu, em 1956; a Finlândia não aceitou o convite de ingresso que lhe foi dirigido, em 1955). O Pacto de Varsóvia era o garante da hegemonia política da URSS e da defesa de países que, afinal, não partilhavam dos mesmos valores nem dos mesmos objectivos políticos. As razões que determinam o fim do Pacto de Varsóvia não determinam o fim da NATO, mas sim a sua adaptação às novas circunstâncias.

Das outras instituições mais importantes, o COMECON deixou de existir e a EFTA é provável que continue em declínio, perante uma CEE mais poderosa, mais dinâmica e mais atractiva.

Resta a União Europeia Ocidental, que há poucos anos se admitia que estivesse a aumentar de importância. Hoje, a tendência é para suster esta tentativa de evolução ascendente. Pode até desaparecer, se nas três organizações europeias fundamentais atrás referidas - Conselho da Europa, Conferência sobre a Segurança e Cooperação na Europa e CEE - forem encontradas as soluções políticas para os problemas sociais, culturais, de segurança e económicos que a reestruturação da Europa está a levantar.



António E. Saccetti

LETRA DE FORMA

Expresso

Do editorial de José António Saraiva:

(...) A democracia, para funcionar, supõe o julgamento das forças políticas no fim do período pelo qual foram eleitas para governar.

Ora, se os governos caem antes do fim do mandato (facto quase inevitável nos governos minoritários), ou são formados por vários partidos, impedindo que qualquer deles seja inteiramente responsabilizado pela governação, o julgamento do eleitor fica prejudicado. Quer dizer: o eleitor deixa de poder exercer um dos seus mais importantes direitos, o que coloca em causa a democracia.

Para vermos até que ponto isto é verdade, basta que pensemos no seguinte: o PSD ascendeu ao Governo em finais de 1979 e nunca mais de lá saiu.

Porquê?

Porque ninguém, até hoje, realmente o julgou. (...)

19.Maio.90

Semanário

Da crónica de Jaime Nogueira Pinto:

(...) Então, por definição, ninguém pode prever nada e muito menos controlar o desenvolvimento próximo. Os contemporâneos, leigos nestas matérias, acreditam, no fundo, em poderes correctivos mágicos e acham que há forças misteriosas (boas ou más) que controlam estas coisas.

Na realidade não há, ou há apenas nos períodos de «normalidade». É intelectualmente sedutor alinhavar uma teoria geral da ascensão e queda dos grandes poderes, como faz Paul Kennedy, interrelacionando capacidade económica e poder militar; mas não se esqueça, trata-se de trabalhar e teorizar o já acontecido.

Na falta de inventários de previsões falhadas, tendemos, até para a geral tranquilidade, a atribuir às coisas e aos homens uma inteligibilidade, uma racionalidade e, sobretudo, uma previsibilidade que elas não têm, nem podem ter, quando os centros de decisão se disseminam, as comportas se abrem, os impérios entram em crise e a Ordem global fica em interregno, por redistribuição de poder entre os parceiros do Grande Jogo do Mundo.

19.Maio,90

Diário de Notícias

De um editorial:

(...) A Comunidade Europeia não é a única entidade internacional a preocupar-se com a necessidade de diminuir o uso do tabaco. Procede, neste caso, no contexto de um programa de luta contra o cancro, de que algumas formas estão comprovadamente associadas ao fumo, especialmente do cigarro. Com as mesmas razões, e procurando sobretudo garantir o direito à saúde dos não fumadores, criaram-se em muitos países normas para interditar o hábito de fumar em determinados espaços confinados, para estabelecer dentro deles áreas para uns e para outros. Num caso extremo, uma companhia aérea decretou a proibição total de fumar nos seus aparelhos, mesmo em voos de média duração.

O receio de um crescendo de medidas proibicionistas inquieta, naturalmente, os fumadores, bem como muitos outros cidadãos recordados do efeito contraproducente de quase todas as proibições - ou simplesmente desejosos de maior coerência na proporção dos combates travados em seu nome. E Portugal, com a sua elevada percentagem de alcoólicos, não estará certamente em posição de superioridade moral para restringir a divulgação de apenas um dos produtos que podem causar o cancro. (...)

20.Maio.90

PÚBLICO

Do editorial de Vicente Jorge Silva:

(...) As grandes manifestações e protestos contra Iliescu e o actual poder de Bucareste, denunciando as suas conexões com o regime anterior, não parecem ter sido suficientes para convencer a maioria dos romenos. Pelo contrário, o receio de uma prolongada instabilidade política terá estimulado os reflexos conservadores de uma população de há muito habituada a esse pesadelo orwelliano, sem paralelo em toda a Europa de Leste, que foi o despotismo demencial de Ceausescu. Além disso, a ocupação do poder por Iliescu e a FSN, resistindo às sucessivas vagas de contestação, permitiu-lhes condicionar as regras do jogo político em seu benefício.

Tudo isto não chega, porém, para enquadrar racionalmente o enigma romeno. Tem-se a impressão de que o reinado macabro de Ceausesco sobreviveu ao mito, através de uma série de golpes de teatro e encenações desconcertantes e absurdas. (...)

20.Maio.90

Continua no fim desta tarde o ciclo de colóquios «Anos 60: Os Factores de Mudança» com uma sessão dedicada ao tema «Culturas e Práticass de Exílio». Depõem, como habitualmente na Gulbenkian e pelas 18 e 30, António Barreto, Manuel Alegre, Júlio Pomar e Vítor Cunha Rego. O DL antecipa-se e publica dois depoimentos cedidos pelos organizadores, o Centro Nacional de Cultura e a Sedes

De Vila Real a Coimbra e «ailleurs»

Comecemos então por mim: 47 anos, nasci no Porto, de família do Norte. Pouco tempo depois de nascer fui para Vila Real. Até aos 17 anos vivi por lá. A família do pai era da Régua, a da mãe de Vila Real. Ali vivi. Tenho sete irmãos; família conservadora, católica, monárquica. Ambiente familiar perto do regime, apesar do meu pai, nos anos 30, ter participado em episódios estranhos, com Rolão Preto, no nacional-sindicalismo.

Acontece que nos costumes da nossa casa o catolicismo estava muito presente, mas a educação que nos deram foi liberal. Pode parecer estranho e não jogar muito bem com o facto de sermos uma família conservadora. Eventualmente, a explicação reside no facto de sermos bastantes filhos, todos rapazes, o que retirava tempo aos pais para se ocuparem do controlo permanente de cada um.

Sou o terceiro filho da série. Até aos 16 anos tive uma vida tão irreverente como qualquer outra pessoa. Então, em 1958, conjugaram-se diversos fenómenos na minha vida. Por um lado, a campanha de Humberto Delgado teve em mim uma espécie de efeito revelador: foi então que passei a cnsiderar-me da esquerda antifascista e democrata. Acrescente-se uma crise mística: era militante e dirigente da JEC, na Acção Católica até aos 16 anos, e deixei tudo isso.

Comecei a ler livros, sobretudo literatura americana, depois de ter lido a portuguesa. Os meus pais tinham em casa umas estantes e diziam: «Isto é só para quando forem grandes», mas os livros estavam acessíveis, e como nós éramos de tamanho considerável, chegávamos à estante.

Estou a pensar no «O Crime do Padre Amaro» e no «A Relíquia». Os livros do Eça não eram proibidos, só desaconselhados; mas, como estavam à vista, nós líamos.

O meu pai assinava uns boletins da Acção Católica, de um Centro de Cinema Católico ou qualquer coisa assim, que classificava os filmes à medida que iam sendo exibidos comercialmente em Portugal. Vinha o nome do filme, com um resumo e, ao lado, a classificação oficial: para maiores desta ou daquela idade. A observação do ofício católico era muitíssimo mais severa do que a classificação oficial. Quando esta dizia 13 ou 17 anos, a recomendação católica dizia **«condenável»**. O meu pai e a minha mãe viam essas fichas, e diziam-nos: «A esse não pode ir.» Mas o controlo não era muito grande e acabei por ver muitos filmes do «index» católico.

Rebecca e o desejo

Lembro-me da «Rebecca», de Hitchcock, de dois filmes da Brigitte Bardot e de um com o Spencer Tracy, passado no deserto, não recordo o nome. Bom, aos 16 anos tive o que considero hoje uma grande vantagem. Vila Real era uma cidade pequeníssima, fechada; uma vez um irmão e eu tivemos a hipótese, por circunstâncias diversas, de conhecer o endereço de uma organização europeia que arranjava campos de trabalho para a juventude. Os meus pais, mais uma vez liberalmente, pagaram-me a viagem. Não éramos uma família rica, até por causa dos filhos todos.

Mesmo assim eu e o meu irmão pudemos ir para Inglaterra sozinhos e estivemos 5 ou 6 semanas num campo de trabalho, a plantar couves ou, se não era isso, a apanhar morangos, ervilhas e feijão verde. E depois, estivemos a trabalhar na fábrica que processava esses produtos. Passei uns dias em Paris no caminho. Vim de Inglaterra com um desejo, um enorme apetite de sair de Vila Real, sair de Trás-os-Montes e, em última análise, sair de Portugal.

Aos 17 anos, vou para a Universidade de Coimbra. Tinha os dois irmãos mais velhos na Universidade e, por razões económicas, os meus pais disseram-me que tinha de esperar um ano ou dois: não tinham dinheiro que chegasse para manter três filhos na Universidade. O meu pai era engenheiro do Estado, director dos Serviços de Urbanização. Em certo sentido era um dos notáveis locais, fazia parte daquela galeria de figuras em que havia sempre o governador civil, o chefe da Polícia, o presidente da Câmara, o director das Obras Públicas, o director da Urbanização, o director escolar. Mas o vencimento era pequeno e não tínhamos fortuna.

Fiquei de tal maneira revoltado contra o que considerei ser uma injustiça, «se os outros dois têm direito, porque é que eu não hei-de ter também?», que não quis sequer saber da razoabilidade do que o meu pai me disse: «Espera aí um ano, e vais.» Então, saí de casa e fui para Coimbra, trabalhava durante o dia na fábrica de bolachas Triunfo, e à noite tentava estudar para o primeiro ano da Faculdade. Não estudei muito. No primeiro ano acho que só fiz uma cadeira, mas fiz muito teatro. Meti-me logo no CITAC, Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra.

No primeiro ano em que lá estive um grande encenador marcou a minha vida: o Luís de Lima, que está no Brasil há anos e durante muito tempo esteve proibido de trabalhar em Portugal. Isto aconteceu numa altura surpreendente, quando o Governo o autorizou a vir dois ou três anos dirigir o CITAC, com a ajuda da Gulbenkian. Tivemos durante esse tempo uma actividade tão fantástica de criação teatral que o Governo voltou a interditar o Luís de Lima e tivemos então de recorrer a um outro encenador, o António Pedro. A Gulbenkian voltou a ajudar.

Ao fim de um ano em Coimbra, deixei de trabalhar na Triunfo. Os pais, os avós e as tias fizeram uma espécie de «vaquinha» e pagavam-me uma mensalidade para poder estudar. Acabei o primeiro ano. Além do estudo, dediquei-me ao teatro, ao qual dei o máximo que pude. Desempenhei papéis, fui actor durante três anos e cheguei a presidente do CITAC. Lá ensaiei pequenas peças representadas pelos estudantes e chegámos a fazer digressões em Portugal. Viemos com as peças a Lisboa, a coisa correu razoavelmente bem. Li até bastantes críticas sobre o nível quase profissional daquela «troupe», graças a Luís de Lima e depois a António Pedro.

Coimbra clandestina

Eu já vinha de Vila Real com a ideia de ser contra a ditadura e a favor da liberdade. Poucos dias ou semanas depois de chegar a Coimbra, comecei a olhar para onde se conspirava, onde havia actividades subversivas. Encontro muito rapidamente católicos de esquerda, e pessoas mais velhas, a que me junto. Na transição de Vila Real para Coimbra, há um amigo meu mais velho, também de Vila Real, que vai desempenhar um papel importante no movimento estudantil entre 60 e 63: é o Eurico Figueiredo, que me marcou e me ajudou a ver um mundo novo. Quando chego a Coimbra, tenho simpatias fortes por pessoas como o Emídio Rui Vilar, que foi presidente do CITAC em 60 ou 61, pelo Mário Brochado Coelho, do Porto, que é presidente do CITAC no ano seguinte, sendo eu logo depois dele. (...)

Encontrei o Manuel Alegre também no teatro, o Silva Marques, agora deputado do PSD e naquela altura quadro do Partido Comunista. (...) Com eles, tive uma espécie de iniciação à vida académica do ponto de vista da oposição ao Governo: política, clandestinidade e subversões.

Com isto quero dizer que não fui um estudante brilhante. Ao fim de quatro anos consegui terminar o 2º ano da Universidade, com pequenas notas, mas fazendo muito teatro e muita política. O único grupo que ali existia organizado era o PC e coisas com outros nomes, mas que dele vinham: Junta de Acção Patriótica, Comissões Cívicas, Comissões de Apoio Eleitoral. Ao fim de dez minutos, a gente percebia que o essencial daquilo eram os comunistas, além de alguns democratas, católicos, vagamente socialistas, que não tinham organização, não recrutavam nem distribuíam papéis. E tive a tentação da aventura clandestina, queria lutar pela liberdade, com algum romantismo.

Em Lisboa haveria grupos de católicos, ou de estudos, ou cooperativas com outras tendências e com um mínimo de organização, ou um mínimo de afinidades pessoais, de afinidades electivas, que davam uma espécie de acolhimento a quem podia surgir. Em Coimbra, isso era muito difícil.

Se alguém queria algo mais do que simples diletantismo, algo mais do que intriga de café, mais do que dizer mal do regime, acabava por cair nos braços do PC. Ficava como noviço ou simpatizante, ou amigo ou companheiro, e acabava por ser militante, o que aconteceu comigo nos últimos meses que passei em Coimbra.

O facto de não ter bom aproveitamento escolar punha-me na lista para ir para a tropa. Eu não queria nem por nada fazer a guerra colonial. Em 62-63 há a crise que começa em Lisboa e alastra a Coimbra. Em 63, dão cabo da Associação Académica, o Governo expulsa

Maio de 68 em Paris: os portugueses viveram-no de várias maneiras

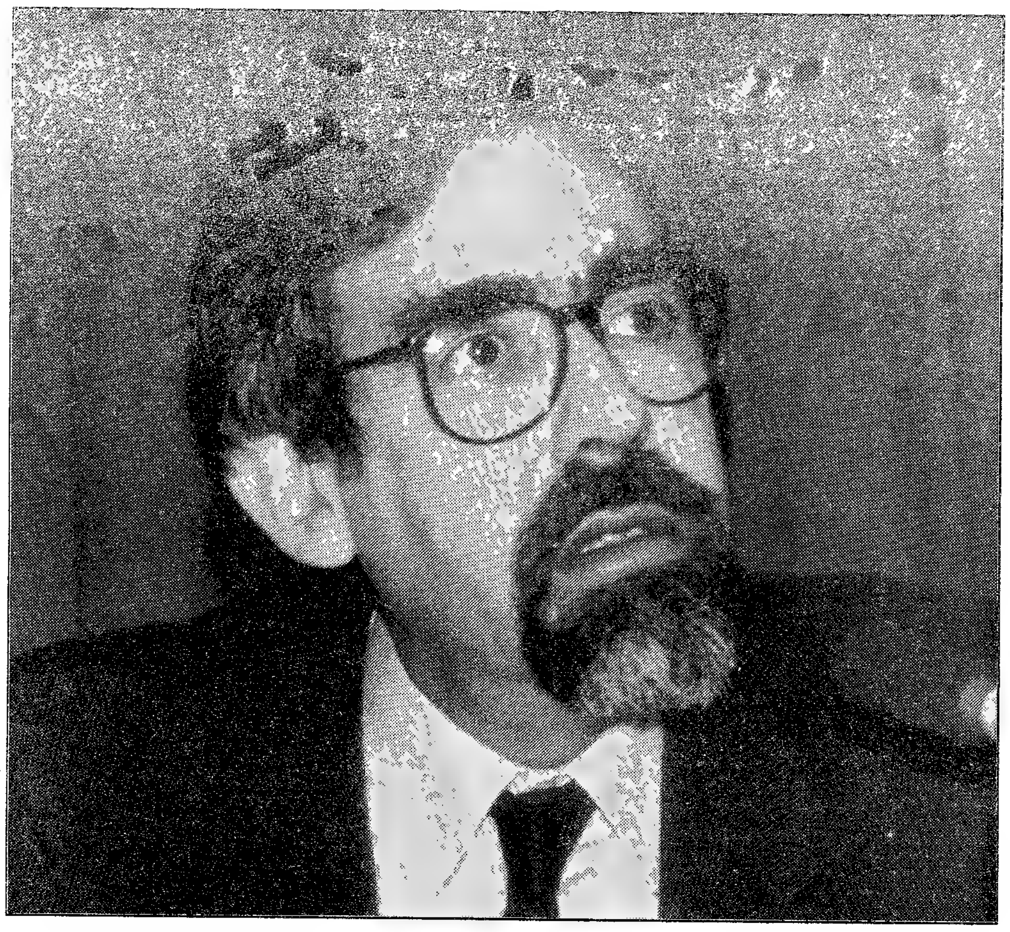
Um exercício

Rememorar pode ser, por vezes, um exercício arriscado, em termos de falta de garantia de um mínimo de objectividade: as reminiscências tendem a centrar-se sobre pessoas, situações ou actos em particular marcantes por sumamente significativos, agradáveis ou, pelo contrário, chocantes.

Tende a esquecer-se o nível médio das coisas, o trivial e o quotidiano, a manutenção da tendência, o permanente e o inevitável; e talvez seja precisamente todo este conjunto de «cinzentos», factuais ou emocionais, aquele que mais fielmente seria capaz de retratar a época em questão. (...)

Sessenta foi a década, em que a generosidade dos ideais colectivos veio a desabrochar no louco milagre de 68: a camada que a si própria se considerava como a única «pensante» vivia nos bairros estudantis da Paris do sul e arredores; sonhava construir uma nova sociedade, com rejeição de todas as existentes, misto de paraíso socialista com o bom selvagem de Rousseau, de Martinica tropical com Boulogne-Billancourt, Flore e Deux-Magots. O jovem intelectual de então (e éramo-lo todos, qualquer a idade ou a profissão) abjurava a exploração, decretava a justiça, a liberdade e a fraternidade para a espécie humana.

Portugueses a sério, havia-os de duas categorias: os emigrantes a salto que ficariam marcados pela imagem



Anabela Loureiro

António Barreto

uma série de gente da Universidade, ou suspende pessoas, outros têm de vir de Coimbra para Lisboa, há uma enorme repressão. A direcção da Associação Académica é extinta e é proibido realizar eleições.

«O Costa» e os presos

Eu vivia numa casa que não era bem uma «República» nem uma pensão, era um misto de uma coisa e outra, a Pensão do Costa ou «o Costa». O Costa é o senhor da pensão, onde estavam só rapazes, só estudantes. Tínhamos a vantagem de ser uma pensão, porque ele é que organizava tudo, fazia as compras e a cozinha; e a vantagem de ser República porque só havia estudantes, cada um com o seu quarto ou dois por quarto.

Tínhamos as vantagens das duas coisas, sem os inconvenientes. Recordo-me de que em Maio, Junho, Julho de 63, eu comia a uma mesa redonda de seis ou oito lugares: a certa altura só estávamos dois, o resto estava tudo preso. (...)

Na direcção do CITAC éramos sete ou oito, dois ou três estavam presos. Num grupo que era uma espécie de direcção semi-clandestina da Associação Académica, porque ela estava decapitada, metade estavam presos.

Estive apenas preso duas vezes, não mais do que por um dia e meio a dois dias, por diversas razões, incluindo a sorte, ou porque não estava metido em coisas muito graves.

Mas comecei a sentir a malha a apertar-se cada vez mais. Com isso veio a gota que fez transbordar o copo. Foi a informação que tive de um amigo que estava no serviço militar, na administração, e me disse: «Vais ser chamado para a tropa em Outubro», mobilizado. «Como não tens aproveitamento, já devias estar no 4º ano e só agora é que passas para o 3º, vais ser chamado e não podes escapar.»

Numa semana, decidi ir embora. A pressão, a fuga à guerra colonial é o pretexto principal imediato, mais algum receio de estar na calha para ser preso, dado que até as pessoas com quem eu estava no PC numa espécie de célula, estavam um fugido para o estrangeiro, os outros dois presos (...). Sentia tudo toldado à minha volta, a pensar que mais dia menos dia ia também preso, com um sentimento de viver abafado. (...) Não posso dizer que tenha fugido, que tenha ido para o exílio apenas com a ideia na cabeça de lutar contra o regime, com uma ideia política de militante.

Em primeiro lugar, há a recusa da guerra colonial. Em segundo, uma enorme vontade de viver outro mundo, de viver outra vida com liberdade. (...)

António Barreto

arriscado

do *bidonville*, do *bâtiment* e do *ménage*, dos fatos sombrios usados de trabalho, modestos, afáveis, silenciosos; e os outros, menos do que um para mil dos primeiros, os estudantes, os opositores do regime, os refractários à guerra colonial. Falavam estes, embora poucos os ouvissem; calavam-se os primeiros - e toda a gente os via.

No meio de ambos, viviam aqueles que, nem exilados pela pobreza, nem pelas ideias, se sentiam quase inferiorizados por falta de imagem que «justificasse» o estar em França: bolseiros dos IAC, de cinto apertado, sem direitos nem garantias, sem carta de trabalho nem Securité Sociale, na pendência do atraso do cheque mensal, na incerteza da renovação da bolsa. Aos trabalhadores, suspeitos pela limpeza das mãos; aos exilados, pela limpeza do cadastro; às autoridades francesas, pela ambiguidade do estatuto, nem «travailleur étranger», nem refugiado político; à Pide, pela convivência com os suspeitos e os confirmados. (...)

Em 68, explode Maio: um encantamento! Anarquia e irreverência; greves e manifestações; o Poder a tremer e a Rua a cantar; a dessacralização do pátio e dos anfiteatros da Universidade, onde os mandarins deram lugar a creches de crianças barulhentas; onde em vez dos seminários de doutoramento se discutiu o futuro do mundo todo, da Albânia a Salazar, aos bebés-foca, à utopia da China gigantesca, longe no espaço e perto no coração...

Correrias, barricadas, CRS's, os olhos a chorar do gás e a alegria da revolução - tudo era novo: nada daquilo podia acontecer em Portugal, para quem nascera já com o Estado Novo e vivera na conformidade com o instituído.

Acabou Maio, em fim de Julho - e tudo voltou (quase) ao que era dantes. Minto: o mandarinato despiu as vestes do ofício, abriu mais os lábios num sorriso e passou a escutar melhor os estudantes; talvez isso tenha, realmente, mudado... (...)

Maria Beatriz Rocha-Trindade

Design MJF

Frente de Salvação Nacional obtém maioria esmagadora nas eleições de ontem

Iliescu continua Presidente da Roménia

O Presidente interino da Roménia, Ion Iliescu, declarou-se «muito satisfeito» pela forma como decorreram as primeiras eleições livres no país, após mais de 40 anos de regime comunista.

Iliescu, que segundo os resultados preliminares obteve mais de 80 por cento dos votos, manifestou-se confiante de que os observadores estrangeiros se convençam de que «as eleições romenas foram verdadeiramente livres e democráticas».

Em mensagem difundida pela agência noticiosa oficial romena, o Presidente Iliescu destacou o «alto espírito cívico» e a «maturidade política» demonstradas pelo povo romeno, que votou de «forma calma e civilizada».

Por outro lado, uma sondagem hoje divulgada, e que incidiu sobre 16 mil eleitores, revela que Iliescu, líder da Frente de Salvação Nacional, deverá obter 83 por cento dos sufrágios, contra 11 por cento para o líder do Partido Nacional Liberal, Radu Campéanu, de 66 anos, e seis por cento para o candidato do Partido Nacional Camponês, Ion Ratiu, de 72 anos.

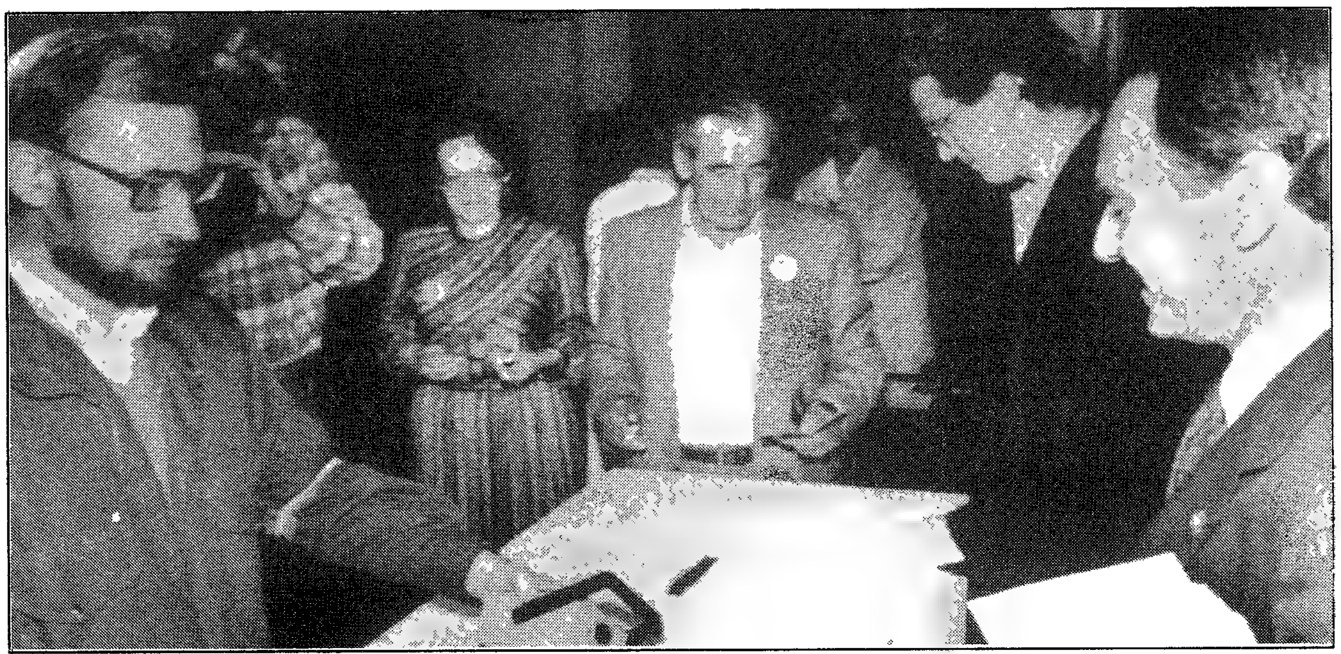
Ontem, numa entrevista à radiotelevisão britânica (BBC) Ion Iliescu anunciou que, se se confirmasse a sua vitória nas eleições, iria pedir a adesão da Roménia à Comunidade Económica Europeia.

O primeiro-ministro Petre Roman também se manifestou «satisfeito pela normalidade nas eleições» e pelos resultados prelimninares que dão uma «grande vitória» à Frente de Salvação Nacional.

Petre Roman disse que esses resultados «superaram as previsões dos dirigentes da Frente e demonstram que o povo tem confiança nos factos ocorridos durante os cinco meses da revolução».

Quanto ao futuro político do país, primeiro-ministro romeno, por seu lado, adiantou que a prioridade do novo Governo será acabar com os resíduos da ditadura de Ceasescu, para evitar «obstáculos às reformas anunciadas no programa eleitoral».

A Frente propõe, entre outras medidas, a adopção na Roménia de uma economia de mercado e a descentralização das estruturas económicas e industriais.



Dois observadores norte-americanos inspeccionam uma urna com a ajuda de uma lanterna, para verificarem se está vazia

Vários observadores internacionais disseram igualmente que as eleições decorreram em clima de «calma e normalidade» em todo o país, apesar de os Partidos Liberal e dos Camponeses terem denunciado a ocorrência de diversas irregularidades eleitorais.

Romenos votaram até de madrugada

A maioria das assembleias de voto foram encerradas apenas às quatro horas de hoje, muito para além da hora inicialmente fixada.

As operações de apuramento começaram portanto esta manhã e os primeiros resultados só foram conhecidos cerca das 11 horas.

Ontem previa-se que os locais de voto encerrassem às 23 horas (20 horas de Lisboa) mas a decisão de prolongar o acto foi tomada durante a noite, para permitir a todos os cidadãos o cumprimento do «dever eleitoral».

Observadores consideram que o acto foi moroso, devido à inexperiência dos agentes e, à hora prevista para o encerramento, ainda havia longas filas de pessoas à espera de vez.

Contrastando com a campanha eleitoral, onde se registaram alguns incidentes violentos, a votação, que começou às seis horas de ontem, decorreu sem problemas.

Devido à chuva e vento, inicialmente a afluência às urnas foi fraca, mas à medida que o tempo ia melhorando, multidões dirigiram-se aos locais de voto e observadores consideram que a votação dos romenos foi maciça.

Os romenos escolheram ontem o futuro Presidente do país e o Parlamento bicamarário (Câmara de Deputados e Senado).

A Câmara de Deputados, com 387 lugares, e o Senado, com 119, formarão uma Assembleia Constituinte, em que participarão também 15 deputados em representação de minorias oficialmente reconhecidas.

As sondagens revelam igualmente, para esta eleição, que a Frente de Salvação Nacional receberá mais de 50 por cento dos votos, seguida do Partido Nacional Liberal, com 22,3 por cento e do Partido Nacional Camponês, com 8,6 por cento.

A difícil escolha

Os quase 17 milhões de eleitores, constituídos pelos cidadãos com mais de 18 anos, defrontaram-se com a difícil tarefa de decidir entre os 86 partidos e mais listas de independentes, num total de cerca de sete mil candidatos, que concorreram às duas câmaras do Parlamento.

Para a presidência a tarefa estava facilitada pelo facto de haver apenas três candidatos.

As eleições foram assistidas por cerca de um milhar de observadores estrangeiros, do Parlamento Europeu, da CEE, do Conselho da Europa e deputados dos Estados Unidos, União Soviética, França, Grã-Bretanha e República Federal Alemã. Também estiveram presentes delegações das Internacionais Socialista e Liberal, da União das Democracias Cristãs da Europa Ocidental e organizações de Direitos Humanos de todo o mundo.

Para a cobertura do acto deslocaram-se à Roménia, de vários países do mundo, mais de dois mil jornalistas.

Os observadores fiscalizaram diversas urnas, para se certificarem da honestidade destas eleições, das quais depende o apoio internacional às reformas na Roménia.

A maioria desses observadores deverão deixar a Roménia amanhã, enquanto os resultados finais estão previstos apenas para quarta-feira.

O «pai da nação» conta a sua «travessia do deserto»

Numa entrevista dada à enviada especial do jornal «Le Monde» a Bucareste, Sylvie Kauffman, o presidente romeno Ion Iliescu fez algumas revelações sobre as suas relações com o Poder, antes da queda de Ceausescu. A entrevista foi dada a 15 de Maio, no seu gabinete na sede do Governo na Praça da Vitória.

Iliescu recordou as circunstâncias em que Ceausescu o foi progressivamente afastando do Poder, a partir de 1971. Os dois homens - Iliescu era então o secretário do Comité Central encarregado da propaganda - começaram a desentender-se durante uma viagem oficial à Coreia do Norte e à China a propósito da revolução cultural chinesa. Pouco depois do seu retorno, Iliescu foi enviado como segundo secretário para Timisoara, para ser «reeducado», diz o actual presidente com um grande sorriso que raramente abandona.

«Era difícil imaginar uma desgraça pior», obverva Iliescu. «»Pergunto-me frequentemente porque é que ele não me liquidou fisicamente». Ceausescu orgulhava-se, depois das loucuras do seu antecessor na liderança do partido Gheorgiu-Dej, de ter «restaurado a legalidade» na Roménia após o XX Congresso do PCUS, que anunciou a desestalinização, e, prossegue Iliescu «ele não se podia mais permitir a este género de medidas. Ele teve que fazê-lo de uma maneira mais discreta, mais hábil, isolando-me».

«Uma lenda foi-se criando em torno de mim»

Depois de Timisoara, Ion Iliescu foi nomeado primeiro-secretário do departamento de Iasi, na Moldávia, entre 1974 e 1979. Durante estes oito anos, ele aparentemente conquistou a admiração desta província, segundo diversos testemunhos, como um responsável aberto. «Uma lenda foi-se tecendo em torno de mim. Eu afirmava constantemente as minhas próprias posições, claramente distintas das oficiais», diz com simplicidade.

Em 1979, novo diferendo com Ceausescu, desta vez sobre a louca aventura de um canal entre o Danúbio e o Mar Negro que Iliescu, como engenheiro hidro-energético de formação, desaprovava.

Retornando a Bucareste ele ocupa as funções pouco gratificantes de chefe do comité das águas e perde o seu posto de membro suplente do *bureau* político. Cinco anos mais tarde, é afastado do Poder, perdendo o seu lugar no Comité Central e tornando-se director de uma editora técnica. Mas não perde tempo: lê muito, sobretudo, livros estrangeiros que lhe enviam os serviços culturais das embaixadas. Mas também a imprensa soviética -Iliescu fala russo fluentemnte, tendo feito os seus estudos superiores em Moscovo - e inicia uma análise séria da situação política no país.

«Compreendi que aqui o cenário soviético ou de outros países, onde a mudança vinha do interior do sistema, não era possível. Aqui, o bloqueio era total. As tensões acumulavam-se, não havia outras vias senão a explosão popular. Eu disse isso a vários amigos, com os quais discutia. Muitas pessoas, naquela época puseram as suas esperanças em mim, como alternativa possível a Ceausescu e ao seu regime».

A 16 de Dezembro de 1989, Timisoara subleva-se, a 20, jovens gritam repetidamente o seu nome e a 22, em Bucareste, Iliescu toma o caminho para a televisão na capital insurrecta. «Eu fui sózinho - ninguém me pediu - as pessoas reconheceram-me, abraçaram-me e levaram -me para o estúdio onde reencontrei Dinescu Caramitru e outros» que acabavam de anunciar ao povo romeno a queda de Ceauscescu.

Hoje, examinando os cinco meses passados desde então, Iliescu acentua dois erros essenciais que ele gostaria de não ter cometido: «A primeira foi a 12 de Janeiro, assim que nós cedemos a elementos anarquistas e pró-fascistas, fomos forçados a fazer decretos que de seguida anulamos. Aliás já fizemos publicamente uma auto-crítica». O segundo «foi ter deixado o provisório durar demasiado. Robert Badinter disse-me. 'Porque não se apressa, tem a legitimidade da revolução, a coisa mais urgente é eleger uma Assembleia Constituinte. Faça eleições em Março'. Agora reconheço que ele tinha razão».

Redacção «DL»/«Le Monde»

Timisoara vota sem o «vermelho»

Apenas o vermelho esteve ostensivamente ausente nas assembléias de voto em Timisoara, durante as primeiras eleições livres romenas, desde 1946.

Os habitantes ocorreram desde cêdo aos locais de votação tendo-se verificado desde o princípio da manhã extensas bichas nas 106 assembleias existentes em Timisoara, provocando períodos de espera superiores a 2 horas. Às 10 horas da manhã a taxa de participação atingia já os 31 por cento, número que corresponde a cerca de 195 mil eleitores.Segundo Sebastien Popescu, um jurista na reforma e antigo preso político, em declarações à Agência France Presse (AFP), «o sentimento de poder influenciar o curso do futuro do país explica a afluência dos eleitores».

O importante, afirmaram ainda a maioria dos eleitores à reportagem da AFP «é que não haja mais comunismo na Roménia». Este sentimento anti-comunista reflectiu-se na forma sóbria como as próprias assembleias de voto estavam decoradas. Apenas duas cores da bandeira nacional estavam presentes: o amarelo e o azul. A ausência do vermelho foi retirado, ostensivamente, como forma de evitar qualquer referência ao antigo regime do ditador Nicolau Ceaucescu.

Rumores de irregularidades

Na Praça da Ópera, o local onde se verificaram as primeiras vítimas da repressão de Dezembro, um grupo de opositores ao regime mantiveram-se no local para protestarem contra o regime comunista, agora conotado com a Frente de Salvação Nacional (FSN) e o próprio Presidente Ion Iliescu. Os contestatários, afirmam-se dispostos em continuar a ocupação da praça mesmo se a Oposição conseguir vencer as eleições, o que é pouco provável. Os manifestantes, na sua grande maioria estudantes, estão organizados à volta da Aliança para a Proclamação de Timisoara, criada em fins de Abril, que integra mais de 30 partidos da oposição, à volta de uma plataforma de entendimento tendo por objectivo a «eliminação o comunismo e de todas as formas de totalitarismo».As marcas deixadas pelo antigo regime de Ceaucescu tiveram, de resto, bem presentes durante as eleições de ontem. Horas após da abertura das assembleias de voto, circulavam já rumores em Timisoara segundo os quais antigos membros da «Securitate», membros da polícia política de Ceaucescu, acusados de integrarem a FSN, estavam na posse de vários bilhetes de identidade, utilizando-os para exercerem várias vezes o seu voto.

Redacção DL/AFP

O presidente Ion Iliescu chega à assembleia de voto, acompanhado pela mulher

Proposta a formação de uma comissão

Observadores e oposição afirmam que houve «irregularidades»

Os observadores da delegação da Internacional Socialista (IS) vão propor ao Governo romeno a formação de uma comissão para avaliar a «legitimidade» do escrutínio eleitoral, que decorreu ontem na Roménia.

Segundo declarações do senador espanhol, Santiago Perez, durante uma conferência de Imprensa efectuada esta manhã na capital romena, a delegação da IS detectou «numerosas irregularidades» no processo eleitoral. Segundo Perez estas afirmações resultam da observação das eleições em 40 assembleias de voto em Bucareste e arredores.

As irregularidades apontadas são essencialmente de dois tipos. Por um lado, referem-se aos «problemas ligados ao facto inédito com que se revestiu o processo», tanto para os eleitores como para os organizadores e, por outro lado, à complexidade do escrutínio».

No plano político, os observadores da IS sublinharam «a utilização, por pessoas ligadas ao poder, das estruturas autoritárias do antigo regime. Houve tentações», acrescentou Perez, sem no entanto especificar o tipo de «tentações».

Acusações de «irregularidades» foram também feitas por Radu Campeanu, candidato do Partido Nacional Liberal (PNL), da oposição, num comentário às primeiras sondagens que davam a Ion Iliescu como o vencedor das eleições com 83 por cento dos votos.

Campeanu considerou os números «exagerados», acrescentando que não conhecia «a fiabilidade dos institutos» que estavam a divulgar estes resultados, mas que eles o faziam «recordar os que eram obtidos no tempo de Ceaucescu».

O líder do PNL afirmou que foi «informado de graves irregularidades cometidas durante as eleições», preferindo, no entanto, não se pronunciar sobre o assunto antes de se efectuarem as «verificações», e dos observadores estrangeiros emitirem a sua opinião sobre o assunto.

As denúncias dos liberais incidem sobre o desaparecimento de boletins de voto em diversos distritos eleitorais, a possibilidade de se votar sem a apresentação de quaisquer documentos de identificação, o assalto verificado a uma mesa de voto na localidade de Tigu Mures e o espancamento de um dos seus delegados numa mesa eleitoral de Bucareste.

Por sua vez, Ion Ratiu, o candidato do Partido Nacional Camponês (PNC), afirmou à agência noticiosa romena, a Rompress, que estava convecido que estes «resultados não são correctos».

«Não consigo imaginar o povo romeno a votar numa percentagem de 83 por cento em Ion Iliescu», afirmou o líder do PNC, acrescentado que tem «numerosas provas de que os resultados são fraudulentos».

O PNC queixa-se ainda de vários delegados seus terem sido impedidos de entrar nas assembleias de voto, e de outros não chegaram sequer a comparecer, depois de terem sido sujeitos a vários tipos de ameaças.

Porém, um membro da missão internacional de observação das eleições, do partido trabalhista britânico, Roy Hattersley, afirmou que, apesar de algumas irregularidades verificadas no processo, estas não terão sido suficientemente importantes de modo a influenciar de maneira significativa os resultados eleitorais.

Redacção DL/AFP

SINDICATO DOS PROFESSORES DA GRANDE LISBOA

FENPROF SUPERIOR

SEMINÁRIO sobre:

Financiamento e avaliação das Universidades
Estatuto da Carreira Docente e da Investigação

Forum Picoas (sala A4)
29 e 30 de Maio 14H30 - 18H30

O Departamento do Ensino Superior do SPGL promove nos próximos dias 29 e 30 de Maio um **Seminário** destinado a abordar estas duas problemáticas de inquestionável actualidade.

Foram especialmente convidados para participar os professores Alberto Romão Dias (IST), António St. Aubyn (ISA), Luís Moniz Pereira (FCT-UN), José Manuel Tribolet (IST-INESC) e José Mariano Gago (IST - membro do Grupo de Trabalho, nomeado pelo ME, para elaboração de um parecer sobre Avaliação e Acompanhamento das Universidades).

Os interessados em tomar parte nesta iniciativa devem preencher o destacável anexo e remetê-lo para:

SPGL - Av. Miguel Bombarda, 61 - 7º, 1000 Lisboa
Fax: 52 48 42 Tel: 54 38 55

Nome ____________
Morada ____________
Telefone ____________
Instituição ____________

B R E V E S

Atentado contra turistas franceses «vinga» palestinianos

Dois autocarros transportanto 32 turistas franceses foi esta manhã atacado a tiro no centro de Amã, capital da Jordânia, nas proximidades de um anfiteatro romano. Há pelos menos dez feridos dois deles em estado grave. Testemunhas citadas pela agência Reuter, dizem que o atirador, já detido, gritava «Mártires de Gaza», naquilo que se supõe ser uma referência aos oito operários palestinianos mortos ontem por um israelita de 21 anos, com alegadas perturbações mentais. O massacre ocorreu ao nascer do sol quando um jovem israelita envergando uniforme militar, disparou contra um grupo de operários palestinianos da construção civil em Rishon Le Zion que iam pedir emprego, matando oito e ferindo dez. Foi a acção mais grave contra a população civil palestiniana desde a criação do Estado de Israel. Embora o Governo tenha condenado veementemente o atentado, seguiram-se violentas manifestações de protesto por parte das populações palestinianas da Faixa de Gaza e da Cisjordânia. O exército israelita matou mais sete palestinianos quando reprimia os protestos, ferindo também centenas de pessoas. Dez soldados israelitas ficaram feridos em consequência das pedras e «cocktails molotovs» lançados pelos manifestantes. A OLP pediu uma reunião urgente do Conselho de Segurança da ONU para tratar da questão.

Assassinado principal sacerdote de Caxemira

Atiradores não identificados mataram hoje o principal sacerdote muçulmano do Vale da Caxemira, único estado da União indiana de maioria islâmica, onde militantes separatistas lutam contra o Governo de Nova Delhi, num confronto que desde Abril, já provocou mais de 500 mortes. Moulvi Mohammed Farouk, que defendia a realização de um referendo para determinar o futuro de Caxemira, foi morto por seis balas quando três homens armados entraram no seu gabinete, onde também estava presente o seu irmão Ali Jan.

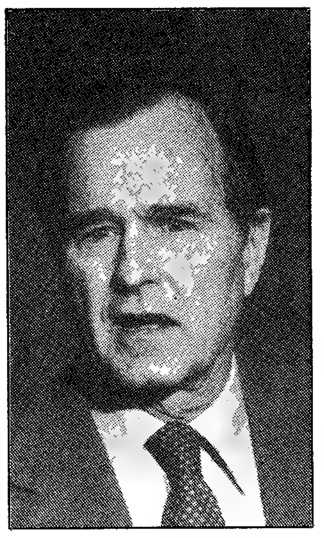
Deng Xiaoping continua influente

O veterano dirigente chinês Deng Xiaoping ainda desempenha um papel importante na política do seu país, informou ontem a televisão estatal, quebrando o silêncio oficial sobre o líder, desde que ele se retirou em Março passado. «A sua sabedoria, experiência e orientações continuarão a desempenhar um papel guia na construção socialista da China» declarou a televisão, citando o presidente Yang Shankun, que se encontra de visita ao Brasil. Deng, de 85 anos, não está envolvido na governação diária da China, mas permanece uma figura central da «segunda geração» de dirigentes, afirmou Yang, de 83 anos, numa conferência de Imprensa. Estas afirmações foram a notícia principal do telejornal da noite, numa tentativa de desfazer dúvidas entre os chineses sobre o papel de Deng no Poder.

Após «êxito» das negociações de Baker em Moscovo

Cimeira EUA-URSS reduzirá em metade arsenais nucleares

Tudo indica que as duas superpotências vão finalmente traduzir para o campo do desarmamento a melhoria das relações que têm desenvolvido nos últimos tempos. Após quatro dias de intensas negociações em Moscovo, o secretário de Estado norte-americano, James Baker, voltou ontem a Washington prometendo avanços espectaculares em três domínios importantíssimos a serem consagrados na cimeira Bush-Gorbachev de 30 de Maio: o estabelecimento de uma redução de 50 por cento nas armas nucleares de longo alcance (START) até ao fim do ano, a destruição de 80 por cento nos arsenais de armas químicas e até um novo tratado sobre forças convencionais na Europa (CFE) também para este ano.



Cimeira Bush - Gorbachev promete «avanços históricos» nos tratados de desarmamento

Portanto, parece assegurado que a cimeira, para além da tradicional promoção mediática dos dois líderes, terá algo de concreto a oferecer. Se para Bush, que atravessa um período de extraordinária popularidade, isso tem uma importância relativa, para Gorbachev a demonstração para consumo interno do seu papel de grande promotor da paz mundial e da segurança da URSS, poderá ser decisiva num momento em que está a ser bastante contestado. Segundo um negociador militar que participou na reunião de mais de cinco horas entre Baker e Gorbachev, na sexta-feira passada, o líder soviético «disfarça bem, mas percebe-se que está sob pressão».

«Decepções de Abril»

Foi talvez essa necessidade de obter resultados concretos que levou os soviéticos a reverem as suas posições sobre os mísseis cruzeiro aéreos e navais, ALCM e SLCM, respectivamente, essenciais para os avanços no tratado START. Depois das «decepções de abril», maneira como os norte-americanos se referem ao volte-face da atitude soviética sobre o assunto nas reuniões em Washington ocorridas durante esse mês, não se previam concessões da URSS.

Agora os negociadores dos dois países, que chegaram a ter reuniões de nove horas seguidas, parecem ter deixado quase tudo pronto para que os seus líderes possam anunciar ao mundo durante a cimeira um «acordo histórico», reduzindo em 50 por cento as armas nucleares estratégicas, a ser assinado até ao fim deste ano, segundo Bush.

Em relação às armas químicas não houve grande surpresas e a 30 de Maio as duas superpotências devem divulgar o calendário da destruição de 80 por cento dos seus arsenais. Surpreendente, no entanto, foi a declaração de ontem de George Bush, para quem um tratado CFE sobre armas convencionais na Europa poderá ser assinado ainda este ano, embora reconheça que não houve grandes progressos nos encontros de Moscovo entre Baker e Shevardnadze. O conselheiro do presidente dos EUA para questões de segurança nacional, Brent Scowcroft, chegou mesmo a afirmar no sábado que os soviéticos estavam a «obstruir» sistematicamente as negociações de Viena.

Agora Bush diz estar à espera que nas suas conversações com Gorbachev possa estabelecer uma plataforma para que em Novembro, durante a cimeira da Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa (CSCE), possa ser assinado um tratado. Mesmo assim reconhece que há grandes dificuldades a vencer, sobretudo as divergências quanto à futura integração de uma Alemanha unificada na NATO e a questão das repúblicas bálticas.

Redacção «DL»/AFP/Reuter

Aliança Atlântica prepara mudanças de estratégia

Os ministros da Defesa da NATO, confrontados com recentes cortes orçamentais, reúnem-se amanhã e quarta-feira, em Bruxelas, para equacionar mudanças de estratégia e preparar a redução de tropas e equipamento na Europa Central.

O objectivo de conseguir aumentos anuais de três por cento dos gastos com a defesa nacional, perseguidos desde 1977 pela Aliança Atlântica, deverá ser abandonado nesta reunião.

Os ministros vão também considerar um relatório da NATO que revela que Moscovo perderá a capacidade para atacar a Europa Ocidental em meados de 1990, se as conversações sobre o desarmamento resultarem em tratados e se as reformas democráticas prosseguirem a Leste.

Em preparação de uma cimeira da NATO, a decorrer em Julho em Londres, os ministros da Defesa vão ainda repensar as doutrinas da Aliança Atlântica, nomeadamente o princípio da «Defesa avançada», consagrado nos anos 60.

Trata-se de um conceito político chave que institui a defesa dos territórios da NATO junto às fronteiras e permite o uso de armas nucleares em primeiro lugar face a um eventual ataque.

Este princípio deverá ser revisto já que, de acordo com um diplomata da NATO, as conversações de Viena sobre a redução das armas convencionais na Europa vão diminuir a superioridade soviética.

Alguns membros europeus da NATO defendem o abandono do princípio do «primeiro uso» das armas nucleares, mas os Estados Unidos opõem-se.

Na reunião de Bruxelas, os ministros vão decidir como serão partilhados os cortes de tropas e armamento entre os países da Aliança Atlântica, ao abrigo das conversações entre a União Soviética e Estados Unidos, que visam a retirada, de cada um dos lados, de 195 mil efectivos da Europa central.

Medidas de confiança militar

Entretanto, nas conversações de Viena, os países membros da Aliança apresentaram uma proposta de novas medidas de confiança e segurança, para favorecer a clarificação de exercícios militares não habituais.

A proposta foi entregue pela Noruega, em nome dos 16 Estados membros da NATO, no início em Viena da sétima ronda de conversações sobre o controlo de armas convencionais.

A oferta inclui um mecanismo de três fases, em que se concede a capa país membro da Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa, em primeiro lugar, o direito de soliciatr uma explicação por escrito 48 horas antes da realização, por um outro país, de manobras militares não habituais.

O documento propõe, em segundo lugar, a organização de um encontro para análise dessas manobras dentro de dois dias após a petição e, em terceiro, a convocação para a realização no mais breve prazo possível de uma reunião plenária dos 35 países membros da Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Com 34 barcos

Manifestação no mar contra Castro

Uma flotilha de 34 barcos privados norte-americanos navegaram ontem até junto da costa cubana para protestarem contra o regime de Fidel Castro.

Segundo um porta-voz da organização, José Basulto, os manifestantes, na sua maioria cubanos exilados nos Estados Unidos, partiram de Key West, no Estado da Florida, com o objectivo «levar uma mensagem de solidariedade e apoio aos esforços de obtenção da democracia em Cuba». A manifestação avançou até cerca de 32 quilómetros a Norte da costa cubana, altura em que foram acompanhados por embarcações da guarda costeira, não se tendo verificado incidentes, segundo referiu ainda o porta-voz da organização.

Esta iniciativa é a segunda do género. Em Setembro de 1988, dois barcos com exilados cubanos partiram Key West para protestarem contra as violações dos Direitos Humanos em Cuba, mas foram impedidos de avançar pela guarda costeira, a 27 quilómetros da ilha.

Redacção DL/Lusa

ESPECIAL FÉRIAS/90
no HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE
☆☆☆☆

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		MAI.JUN.OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900$00	18 975$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950$00	22 925$00

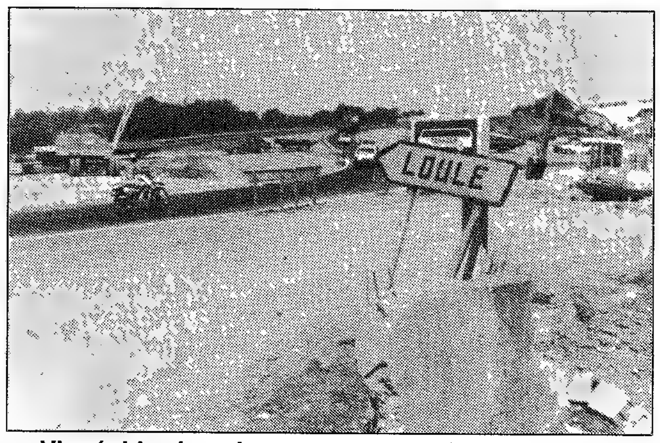
• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

QUOTIDIANO

Normas incumpridas na Via do Infante

Perito da CEE põe pontos nos ii

«A CEE decidiu suspender o financiamento para a construção do projecto algarvio da chamada Via do Infante porque o Estado português não cumpriu determinadas directivas relativas ao Direito Comunitário do Ambiente», afirmou, em Lisboa, Ludwig Kramer, responsável pelos aspectos jurídicos e de aplicação do Direito Comunitário, no âmbito dos Serviços Jurídicos da Direcção-Geral do Ambiente, Segurança Nuclear e Protecção Civil da Comissão das Comunidades Económicas Europeias.



Via rápida algarvia passa por uma área protegida, violando normas sobre o ambiente

Aquele especialista europeu abordou o caso do projecto de via rápida algarvia sob a perspectiva da aplicação concreta e efectiva da legislação comunitária do ambiente em Portugal. A conferência realizou-se no sábado, nas instalações da Universidade Católica Portuguesa, inserida no 2º curso de Direito do Ambiente.

A directiva comunitária 425/337, de Julho de 1985, refere que todas as decisões para o financiamento e construção de vias rápidas devem ser precedidas pela realização de um estudo de impacto ambiental.

O que acontece é que não só aquele estudo não foi realizado, como também Portugal ainda não conformou as suas leis e regulamentos às directivas comunitárias relativas a matéria ambiental (como já deveria ter feito por virtude da sua entrada na CEE, em 1 de Janeiro de 1986). Este facto, no entanto, não obsta à aplicação do Direito Comunitário, referiu aquele jurista alemão ocidental.

Ainda relativamente àquele projecto, que visa o desenvolvimento da região algarvia, Portugal desrespeitou um outro aspecto relativo ao direito ambiental definido por Bruxelas: o acesso leste passa por uma zona reservada, e toda a actividade que prejudique essas áreas deve ser evitada. Trata-se, segundo Ludwig Kramer, de uma directiva (tal como a anteriormente referida) clara e incondicional que impede, sem margem para dúvidas, a passagem do acesso por aquele local.

Tendo em conta estes aspectos, a CEE decidiu, ao abrigo do art.º 7º do regulamento de atribuição de financiamentos de Fundos Estruturais para o Desenvolvimento Regional (FEDER), suspender o financiamento para a concretização daquele projecto. «É a conclusão normal e lógica de todo o processo», referiu Kramer.

O conferencista afirmou que, no entanto, «há dificuldades de aplicação do direito comunitário relativo ao ambiente em todos os países da Comunidade e não apenas em Portugal. Entre as regras legais e a protecção real do ambiente vai uma distância grande e é para esse desnível que é necessário sensibilizar os particulares, e não apenas os poderes públicos». Deve salientar-se que qualquer particular pode dirigir-se directamente, através de carta, aos comissários europeus (que pessoalmente responderão a todos os casos apresentados) dando conta de atropelos à ecologia, ou chamando a atenção para aspectos de desrespeito pelo ambiente.

Mário Rocha

Trabalhadores locais estão em greve

A adesão dos trabalhadores da administração local à greve nacional de dois dias que hoje iniciaram é «bastante boa», afirmou, ao DL, Hermínia Gonçalves, dirigente do STAL, baseando-se nos dados disponíveis pelo sindicato até ao final da manhã.

Nas autaquias já «apuradas», Torres Vedras registava uma adesão na ordem dos 50 por cento, enquanto em Almada 90 por cento dos trabalhadores não se encontravam a trabalhar, afirmou a dirigente sindical. A paralisação dos funcionários autárquicos afectará serviços como a recolha do lixo, obras camarárias, serviços administrativos das câmaras e o atendimento ao público nas juntas de freguesia.

A greve, decretada pelo Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local (STAL) deve-se «à falta de diálogo do Governo, que tem respondido com o silêncio aos nossos pedidos para o início das discussões de matérias salariais para 1990».

Em luta estão também os maquinistas do CP, cuja direcção sindical decide, até quinta-feira, qual a forma que a classe adoptará para tentar a resolução do conflito que opõe aqueles profissionais ao Conselho de Gerência da empresa.

Na assembleia geral do passado sábado, os associados da estrutura pronunciaram-se pela «continuação da luta até à obtenção de um acordo com a gerência que salvaguarde as suas reivindicações», afirmou ao DL António Medeiros, do Smaq, acrescentando que a maioria se mostrou favorável à realização de uma greve total.

Com «luz verde» da assembleia para decidir qual a forma de luta mais adequada, a direcção encara agora várias hipóteses: a «continuação de greves parciais, a greve total, ou a recusa à prestação de determinados serviços, como os comboios de mercadorias», esclareceu António Medeiros. No entanto, seja qual for a forma escolhida, as paralisações deverão recomeçar no final deste mês ou início do próximo.

A direcção do Smaq solicitará mais uma vez uma audiência ao novo ministro da tutela, «no sentido de lhe transmitir a posição sindical, o que até agora nunca aconteceu», acrescentou o sindicalista.

Diários e sector público criticados na Feira da Informação

«Hoje, metade dos 12 diários de Lisboa e Porto têm tiragens e níveis de publicidade que não lhes auguram grande futuro», afirmou, na sexta-feira, o director do «Sete», Manuel Falcão, durante um debate sobre o panorama actual da Imprensa, as dificuldades com que se debatem muitos diários e a situação dos jornais pertencentes ao sector público, levado a cabo no âmbito da primeira Feira da Informação.

«Depois das privatizações, o quê?», era o mote do painel que reuniu, além de Manuel Falcão, o director de informação da Agência Lusa, Luís Marinho, o director de «O Diário», António Borga e Pinto Garcia, em representação do «Jornal de Notícias».

A presença maciça de notícias de agência nas páginas dos jornais diários, em detrimento do noticiário próprio, foi um dos defeitos apontados pelos participantes e que, em seu entender, justitificaram o crescimento da procura dos semanários.

A primeira Feira da Informação terminou ontem, revelando-se bastante frustrante face às expectativas criadas. Na verdade, dos 90 *stands* previstos, apenas 15 abriram. A anunciada presença de diversas personalidades estrangeiras, entre as quais o escritor Umberto Eco e Serge July, director do jornal francês «Libération», acabou igualmente por não se verificar.

Mea culpa

Na última edição de «A Mosca», um texto (cuja leitura, aliás, recomendamos vivamente) de José Sesinando, cuja inclusão havíamos pedido ao autor, perdeu as suas referências. Trata-se de «A moda e a sociedade» que, sob o título «A sebenta vestir», foi publicado no saudoso Almanaque, e surgiu incluído, já com o nome que lhe demos, no livro «A Obra Àntuma».

A José Sesinando as nossas mais sinceras desculpas, e o nosso obrigado.

EDIC

FUNDAÇÃO ORIENTE

Nova Sede

Rua do Salitre, 66
1200 LISBOA
Telefone 352 70 02 • Fax 352 70 42

Jorge Sampaio, na sua primeira entrevista a um jornal como presidente da Câmara, não está muito optimis quanto ao presente de Lisboa («temos de ir curando alguns males sem curar a doença»), e recusa demagogias. Está ma com a preparação do futuro, em dar uma nova ordem à cidade e articulá-la com toda a Região Metropolita Responde às perguntas com um misto de fleuma britânica e de garrulice alfacinha

«A expectativa sobre a minha presidê é profundamente estimulante»

Diário de Lisboa - *Já lá vão quatro meses de presidência camarária e muitos dizem que tardam os sinais de mudança. Outros que o senhor faz uma excessiva administração do silêncio. Rebelo de Sousa diz que «a fase da depressão das heranças do passado já devia ter sido ultrpassada». O meu camarada João Paulo de Oliveira escrevia há dias que o cidadão lisboeta começa a ter a sensação de que Abecasis vai no seu quarto mandato. Que tem a dizer a estes comentários?*

«No mês de Junho serão tomadas decisões quanto ao Parque Eduardo VII, à Praça de Espanha, à Avenida da Liberdade e à zona Ajuda-Belém»

Jorge Sampaio - Eu sobre isso estou muito calmo. O PSD, neste momento, tem uma estratégia curiosíssima: este senhor já não é secretário geral do PS, é presidente da Câmara Municipal de Lisboa e, como tal, é responsável por todos os «buracos» da cidade. Eu ontem, quando me perguntaram, na Assembleia Municipal, o que estava a acontecer ao trânsito, eu respondi que pena não estar aqui o vereador Magalhães Pacheco (PSD) porque, em dez anos de administração Abecasis, não se fizeram nenhuns investimentos de fundo que permitam alterar minimamente esta situação. Situação que tive hoje ocasião de discutir com o sr. ministro das Obras Públicas.

E porquê esta conversa com o ministro? Porque o trânsito lisboeta tenderá a agravar-se se não acontecerem, pelo menos três coisas: maior oferta de transporte público, criação imediata de capacidade de parqueamento e, a prazo, uma larga redistribuição urbana na área metropolitana de Lisboa.

D.L. - *Mas faltam medidas concretas?*

J.S. - Eu tomei por ponto assente não entrar em polémicas com o meu antecessor na Câmara de Lisboa, eng. Abecasis. O peso das coisas é suficientemente grande. Os dossiers incompletos e de gravíssimas decisões exigem que os avaliemos com cuidado. O mês de Junho será decisivo. Serão tomadas decisões definitivas quanto ao alto do Parque Eduardo VII, o mesmo quanto ao edifício Colombo, também quanto à Praça de Espanha, à Avenida da Liberdade, à zona Ajuda-Belém. Será apresentada a normativa municipal que definirá regras urbanísticas e os princípios de revisão do Plano Director Municipal. Sem estes instrumentos, não vale a pena estar a falar de coisa nenhuma, porque o caos continuará do ponto de vista urbano.

D.L. - *O que é a normativa municipal?*

J.S. - A normativa municipal está pronta para ser enviada aos vereadores e discutida em Câmara. Existe um Plano Geral de Urbanização de Lisboa, que é de 1977. Esse Plano Geral tem um Regulamento, que tem imensas lacunas, omissões e levanta dificuldades de interpretação. Isso levou ao desrespeito do Plano. Enquanto não houver outro Plano Director, o que demora dois anos, nós temos de preencher as lacunas e sermos extremamente firmes na sua aplicação. Para isso é que vamos apresentar a normativa municipal, que representa uma tentativa muito séria de dizer que não vai haver mais desrespeitos. Iremos também fazer um conjunto de actuações sobre a Avenida da Liberdade, nos próximos dias, e estamos a concluir um trabalho com o Instituto do Património Cultural para revalorizar e ordenar a zona Ajuda-Belém, plano que estava há um ano a jazer na Câmara com os prazos de salvaguarda a escoarem-se.

Tudo isto para quê? Para que se possa respirar e encontrar algumas regras, suficientemente afirmadas e prosseguidas, de modo a lançar o trabalho de fundo e a prazo. O que se tem feito é um trabalho de preparação para que se possa desencadear agora o que considero as operações estruturantes na cidade, que permitam, a prazo, o mínimo de controlo sobre o desenvolvimento urbanístico.

Por consequência, sinceramente digo que tenho a perfeita noção de que há alguma insatisfação, que assumimos perfeitamente. Se há coisas que andam depressa, há coisas que andam devagar. Afinada a máquina, começamos a dispor de instrumentos necessários para agir de uma forma diferente.

D.L. - *É evidente que ninguém seriamente pretende que se começasse a resolver em três meses graves problemas da cidade de Lisboa, nem se insinuou que não se está a fazer nada. O que coloquei foi um problema político, o de que haveria a necessidade de dar algum sinal e informação aos lisboetas em geral e aos seus eleitores, em particular, do que está a ser feito. Não acha que devia partilhar um pouco mais com os lisboetas as dificuldades, as armadilhas que a gestão Abecasis deixou no terreno.*

«Afinada a máquina, começamos a dispor dos instrumentos necessários para agir de um modo diferente»

J.S. - Eu não considero isso armadilhas. São concepções diferentes que terão de ser explicadas quando chegar ao momento de tomar decisões. Eu acho que a gestão municipal não é uma gestão de polémica, mas de uma procura de consensos; as fronteiras ideológicas não são aqui tão claras como no governo central. O que houve, de facto, foi um tal rol de decisões tomadas nos últimos meses e até aos últimos dias da anterior presidência, que estamos, de facto, confrontados com uma coisa pesada. Eu não me posso libertar delas e, portanto, sou eu que vou pagar isso. Faz parte do risco estimulante que aceitei ao candidatar-me.

Quanto à questão do silêncio, eu respondo que nunca houve tanto contacto entre vereadores e presidente e tanta informação à Comunicação Social. E dentro de pouco tempo vamos lançar o Forum da Cidade, para debater publicamente três ou quatro coisas, por exemplo, sobre a Avenida da Liberdade, sobre o Chiado, na altura que estiverem em condições de ser discutidas.

Sobre esta questão gostaria de fazer um desabafo pessoal: eu acho que se está a fazer trabalho correcto, trabalho estruturante que é o que se vê menos; reconheço que não tenho sido demagógico.

D.L. - *Em seu entender quais são as maiores dificuldades que está a encontrar para realizar a sua política de renovação da cidade? A herança do passado, os constrangimentos orçamentais, a falta de colaboração do Governo ou os vícios e as rasteiras de uma pesada máquina administrativa municipal?*

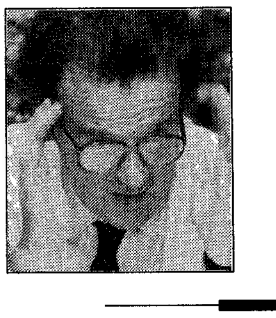
J.S. - A máquina é efectivamente pesada, o sistema português é altamente burocratizado e de resposta lenta. É uma empresa de há vinte anos para um desafio do final do século. Isto não tem nada a ver com as pessoas, porque há excelentes quadros na Câmara.

Em relação ao Governo, vamos ver. Os investimentos estruturantes a fazer em Lisboa passará muito pelo Orçamento do Estado. É cedo para tomarmos uma posição. Eu entendo que é necessária uma convergência com o Governo, vamos ver isso brevemente, porque vamos ver da disponibilidade dos fundos para recuperar os atrasos de dois anos na aplicação dos planos de médio prazo em matéria de habitação social. Haverá boa vontade? Foi disso que falamos hoje com o ministro das Obras Públicas. A ver vamos. Relativamente a grandes financiamentos para estruturas, a ofertas de transporte público que têm a ver com empresas concessionárias, aí vamos ver como isso irá acontecer.

Há, de facto, constrangimentos financeiros de compromissos tomados. Acresce que Lisboa, ao contrário de municípios da zona Norte da área metropolitana, não requereu subsídios estatais e europeus para grandes investimentos. Temos de reconsiderar esta situação. São milhões de contos para saneamento e reconversão viária que o município se vê coagido a gastar com enormes dificuldades.

D.L. - *E não fala da herança do passado?*

J.S. - Penso que há uma total ausência de planeamento estratégico nesta cidade, que falta um Plano Director Municipal devidamente actualizado, tarefa a que vamos meter ombros, para parar com uma gestão casuística, que se preocupou em resolver aqui e ali, sem se preocupar com o que acontece acolá. Foi isso que existiu. Mas não pessoalizemos as coisas, não ganhamos nada com isso. Teremos de ir curando alguns males, sem curar a doença, ao mesmo tempo que vamos preparando a cidade do futuro.



«Temos de ir curando alguns males sem curar a doença, ao mesmo tempo que vamos preparando a cidade do futuro»

D.L. - *Vamos então a alguns desses males. Eu perguntar-lhe-ia então que é feito do Programa de Emergência? Prioridade das prioridades -você a definiu na sua campanha eleitoral - atenuar o caos do trânsito. Enquanto se espera por medidas de fundo, que são sempre demoradas, é comummente aceite, até por experiências estrangeiras, que não é possível descongestionar o trânsito sem adoptar duas soluções de emergência: restringir o trânsito de viaturas particulares no centro da cidade, recuperar e alargar os corredores para transporte público e regulamentar a actividadede cargas e descargas. Por que se espera?*

J.S. - O Regulamento de Cargas e Descargas está pronto e vai começar a ser discutido. Eu acho curioso como se entende que isto é fácil. O Regulamento vai ser posto à discussão com os vários interesses e verá o alarido que isso vai causar na cidade, porque teríamos de ir mais profundamente aos circuitos de distribuição, ver onde estão os grossistas, onde estão os retalhistas. Há grossistas da maior importância no centro da cidade de Lisboa e não vão gostar do Regulamento.

Quanto ao trânsito particular, vão aumentar os parquímetros. Mas é difícil restringir porque não temos oferta de transporte público.

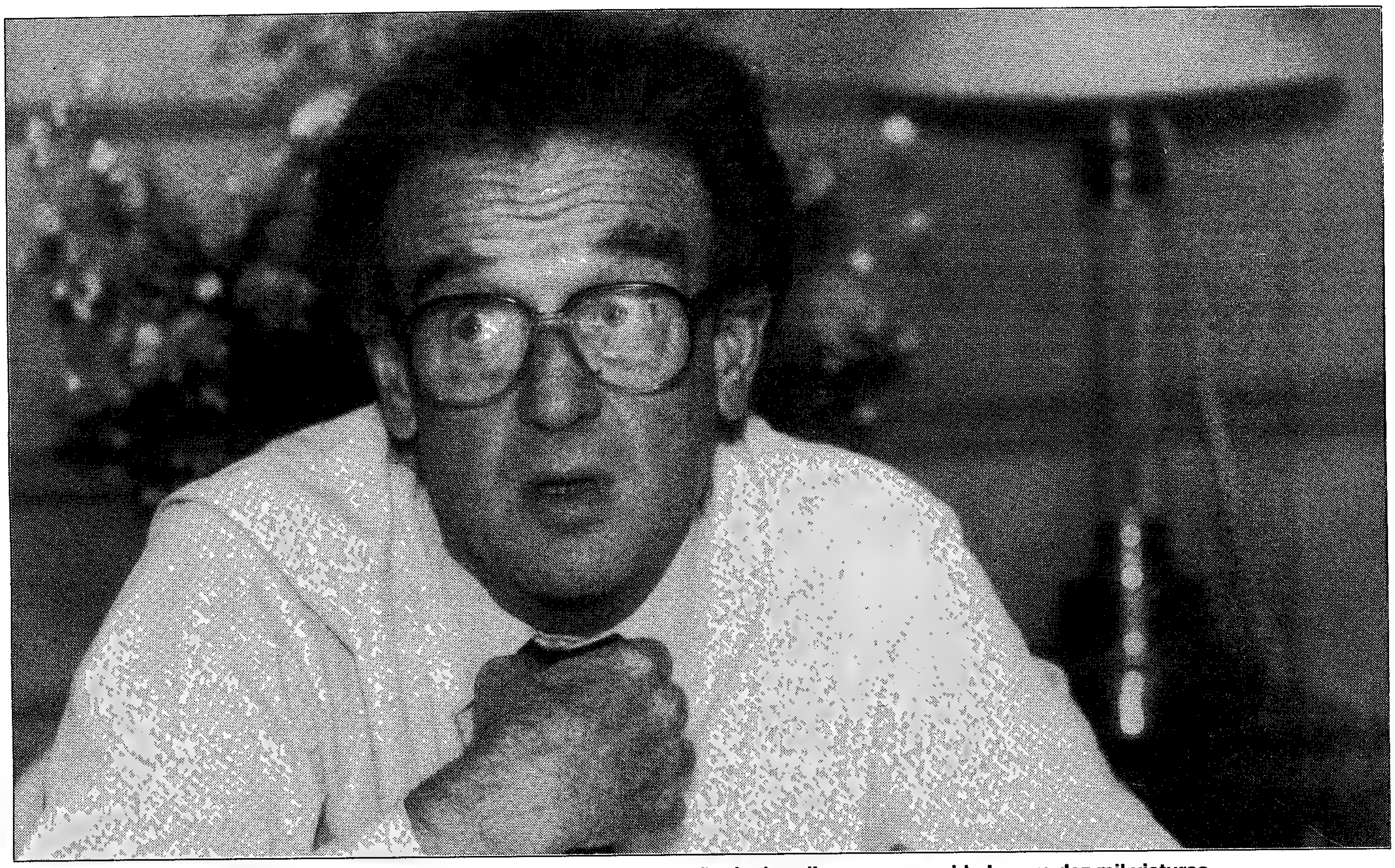
D.L. - *Mas não é possível resolver uma coisa sem a outra; não consegue melhorar a oferta de transporte público, nomeadamente através do seu aumento de velocidade, sem restringir o trânsito particular...*

J.S. - Não se pode restringir, quando se tem uma cidade onde, por exemplo, a passagem entre Santos e Beirolas se faz pelo Terreiro

A.M.A.
Auto Monumental do Areeiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

optimista
stá mais preocupado
politana.

dência



«Em Junho vamos lançar o concurso para a construção de dez silos com capacidade para dez mil viaturas»

do Paço, a praça mais bonita desta Lisboa. Está tudo explicado. O que a gente pode fazer é evitar que o parqueamento no centro seja convidativo para a presença na cidade dos carros. Aí temos que avançar, vai dar uma guerra civil, mas tem de se fazer. É o caso típico do silo do dr. Zenha, o que ele diz é que é pena que não haja no jardim a seguir.

Vamos fazer uma oferta de parqueamento na periferia do centro da cidade. É o concurso dos dez silos, cujo concurso de adjudicação espero esteja lançado no princípio de Junho. Podemos ganhar com eles, e mais o aproveitamento de alguns espaços públicos, qualquer coisa como 10 a 14 mil lugares.

D.L. - *Ainda do Porgrama de Emergência, que é feito da operação Espaços Verdes? E dos Regulamentos Urbanísticos para áreas mais pressionadas, e recordo-lhe a este respeito a pressão exercida por grandes especuladores imobiliários estrangeiros sobre os espaços mais nobres da cidade?*

J.S. -Porque é que as pessoas estão muito interessadas em certas áreas? Não é porque não haja um plano geral de urbanização com limites perfeitamente definidos, é porque esperam comprar, deitar abaixo e um regime de excepção a seguir. É tão simples quanto isto. O meu papel é dizer: meus senhores, enquanto não houver outro plano de urbanização, podem comprar e deitar abaixo.

D.L. - *E podem deitar abaixo?*

J.S. - Isso não digo neste momento, porque tal vai constar da Normativa e vai causar algum impacto. Mas digo-lhes: você não tenha a esperança de que o Plano de Urbanização diz para aí sete pisos e que vai ter oito mais um recuado. Vai ter aquilo que o Plano diz que deve ter, aguente-se com essa. Eu já chumbei várias coisas importantes. O que eu não posso é chumbar um monstro que vai surgir no cruzamento da 5 de Outubro com a João Crisóstomo com 18 andares, que está todo licenciado e pronto a avançar. Não o posso deitar abaixo. Vão-se rir de mim., mas esse é o ónus que eu pago.

D.L. - *Está a esquecer-se da Operação Espaços Verdes...*

J.S. - Confesso que, depois de algumas decisões no sentido de viabilizar o corredor verde e de fazer o levantamento urbanístico que possibilite ligar Monsanto à Ameixoeira, estamos apenas em curso de fazer essa avaliação. O João Soares é que sabe, em concreto, o que se está a fazer. Penso que se vai avançar até ao fim do ano. Está feito um cronograma de espaços municipais.

D.L. - *Uma outra questão: acha que a Câmara pode continuar a estar arredada das grandes decisões governamentais sobre a Região Metropolitana de Lisboa, tais como o aeroporto internacional, a zona portuária, a política global de transportes, o Centro Cultural de Belém, o centro administrativo, a venda de grandes instalações militares, etc.?*

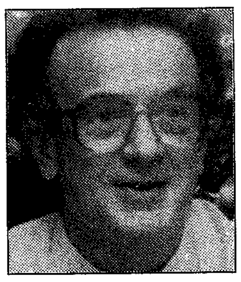
J.S. - Temos estado a avançar em termos de Área Metropolitana de Lisboa. A Câmara não tinha praticamente relações com a Comissão de Coordenação Regional. Temos procurado um relacionamento com essa Comissão e procurado inserir-nos numa dimensão metropolitana. Fui à Amadora e a Oeiras, tentar procurar uma proposta conjugada para vários problemas. Solicitei hoje ao ministro das Obras Públicas que fôssemos ouvidos no caso da Ponte sobre o Tejo. Os municípios vão ter de organizar-se para responder ao plano de reordenamento do território lançado pelo Governo. Há aqui um défice de associativismo municipal e de capacidade de concepção alargada da área Metropolitana, apesar de uma nova percepção do espaço.

D.L. - *Estamos a afastar-nos da pergunta. O que eu queria saber era se está a haver ou se vai haver um diálogo responsável entre o Governo e a Câmara de Lisboa para resolver questões tão importantes como aquelas que lhes expus, entre as quais a da ponte sobre o Tejo, sobre a qual a Câmara ficou calada...*

J.S. - Essa é boa. Então você pensa que o grupo parlamentar socialista está divorciado do que eu penso sobre essa matéria e que não foi perfeitamente articulada a sua intervenção na Assembleia da República em relação a este problema.

D.L. - *Mas, enquanto Câmara, não foi tomada uma posição...*

J.S. - O que temos sistematicamente defendido em todas as intervenções sobre a Ponte, em simultâneo com o grupo parlamentar, é: faça-se a quinta faixa e faça-se a via ferroviária, porque, se não, estamos a fazer opções erradas.



«O Regulamento de Cargas e Descargas está pronto (...) verá o alarido que vai causar na cidade»

Nesta matéria, o que temos permanentemente reclamado do Governo, num sentido positivo, é o seguinte: existe uma Comissão Territorial dos Transportes Terrestres; é preciso pô-la a funcionar para que haja um mínimo de articulação dos transportes na área Metropolitana de Lisboa. Estas coisas têm de ser pensadas num quadro mais vasto.

D.L. - *Mas não se pode esperar só por soluções ideais e a prazo...*

J.S. - Eu ouço estas perguntas todas, como as que a sua colega Maria Elisa me fez na Televisão, e considero-as um estímulo. Ela disse: « há três meses que está na Câmara», você disse: «há quatro meses que está na Câmara».

Eu reconheço que a expectativa é profundamente estimulante. E reconheço também que isso é um risco político que constantemente cai sobre mim. Isso é o que vale a pena em democracia. Esta é que é a novidade na vida política portuguesa, o secretário geral do primeiro partido da Oposição estar simultâneamente a ser responsabilizado pelo governo da cidade. Isso é positivo, mesmo a um nível de ansiedade primária, muitas vezes insusceptível de ser satisfeita. É um risco que eu corri com toda a lucidez. Sabia que este era o caminho mais difícil, mas também o mais estimulante.

D.L. - *Muito rapidamente, vamos ver qual a situação de alguns dos «buracos» legados pela vereação anterior. Comecemos pelo alto do Parque Eduardo VII.*

J.S. - Vamos começar uma nova fase de negociações.

D.L. - *Acha que é possível alterar aquele projecto?*

J.S. - Achamos que é possível atenuar-lhe os impactos e a sua volumetria. Dentro dos compromissos assumidos, vamos ver se em vez de três monstros se fará algo com um mínimo de razoabilidade.

D.L. - *Outra coisa preocupante: a Praça de Espanha, não isoladamente, mas no eixo com o Campo Pequeno até à João XXI. Os projectos previstos são todos de alta densidade e no sector de serviços. É o monstro da Caixa Geral de Depósitos, é o monstro do Banco de Portugal e o do Montepio, mais os que já lá estão à volta da sede da Televisão.*

J.S. - É uma situação dramática...

D.L. - *Vai ali criar-se uma barreira terrível, com problemas de circulação e estacionamento intensivos, que obstaculizarão o acesso à parte norte da cidade e certamente obrigará ao recurso dos inestéticos viadutos. Que solução para isto?*

J.S. - Vamos tentar e foi isso que encomendámos ao arq. Siza Vieira. Tenho sinceramente dúvidas que se possa fazer aquilo que utopicamente a gente pensa em termos de praça. É um dos assuntos que mais nos preocupa.

D.L. - *Mas os compromissos estão todos tomados, não é só com o Banco de Portugal e o Montepio?*

J.S. - Esses estão e há mais alguns mais pequenos. O problema não só da Praça de Espanha, mas do que lá desagua. E nem mesmo com a via Norte-Sul se desvia de lá o tráfego. O eixo de serviços que ali vai ser instalado vai ter uma grande procura, o que criará uma afluência de tráfego difícil de gerir. Quando a gente tiver toda a malta da Caixa Geral de Depósitos a sair ao mesmo tempo, vai ser fresco...O que é que eu posso fazer. Não posso dinamitar aquilo.

D.L. - *Preservação do Parque de Monsanto em relação com a construção das instalações da Universidade Técnica e não só?*

J.S. - O plano Ajuda-Belém tem a ver com isso. Está uma equipa de trabalho, em colaboração com a Universidade, a estudar a integração de parte das instalações universitárias na zona superior da Ajuda, como forma de renovação urbana daquele bairro. Eu pessoalmente penso que pode haver uma solução interessante.

D.L. - *Telheiras: acha que vai ser possível salvar o plano inicial de urbanização, entretanto adulterado?*

J.S. - Eu espero que ainda se possa fazer alguma coisa de jeito. Vai haver uma nova administração da EPUL, que vai ter de apresentar um novo programa de trabalhos e de avançar com ele com rapidez.

Há coisas que aconteceram em Telheiras que eu tenho pena que tenham acontecido. Até uma unidade tão interessante como o Euromarché podia ter ido para outro sítio.

Adelino Cardoso

Amanhã:

Jorge Sampaio fala ao «DL», na qualidade de secretário-geral do PS, sobre o congresso do Partido Socialista, o regime político português e a lei eleitoral

Rocha Trindade enfrenta milhares de professores desanimados com o sistema de formação por ensino a distância montado na Universidade Aberta

Um reitor na berlinda

Aceitou o desafio de pôr em prática, em quatro meses, um sistema de profissionalização de professores por ensino a distância que carece de um à dois anos de preparação. Agora está na berlinda. Mas Rocha Trindade, reitor da Universidade Aberta, é um homem confiante: «Apesar dos receios dos formandos, a taxa de sucesso deste primeiro curso vai ser muito alta», afirma.

«Um estabelecimento de ensino à distância deve ter um critério global de avaliação em conformidade com os objectivos estabelecidos», disse Rocha Trindade ao «DL». No caso dos 3500 professores «provisórios» em formação na Universidade Aberta, «os objectivos pedagógicos foram estabelecidos» e os exames «serão feitos em conformidade». Como já noticiámos, o futuro dos formandos depende de uma reunião tripartida, no Ministério da Educação, ainda sem data marcada. Mas o reitor da Universidade Aberta diz que o encontro realizado quinta-feira com a comissão que os representa «correu bem, num diálogo completo, sem ambiguidades», estando agora o «terreno todo limpo».

A UA, que «aceitou a encomenda» de dar formação profissional aos professores do Ensino Secundário, elaborou uma espécie de contraproposta a apresentar ao Ministério da Educação: prevê junção das duas etapas de avaliação, adiamento da prova para a última semana de Setembro, «estendendo-a regularmente até final de Outubro», além de outros pontos sobre dispensas das tarefas normais de docência, neste período. Mais do que isto Rocha Trindade não discute. Interrogado sobre a adequação do tão contestado conteúdo do teste de Psicologia Educacional às funções de docência, defende esta forma de avaliação dos formandos, mas diz que a responsabilidade do teste cabe ao professor que o elaborou. Os manuais, únicos, impressos em excelente papel, com capa a quatro cores «foram elaborados pelos melhores professores que existem, por decisão do conselho científico», refere. Vendem-se a preços variáveis entre dois ou três contos, «o que corresponde ao rigoroso preço de custo». Considera correcto que o Ministério da Educação reembolse os professores das despesas de aquisição de tais livros, concorda que a formação é «tarefa do Estado», devendo portanto ser grátis e, preparado para todas as perguntas, não se descose em nenhuma. Há vinte e tal centros em funcionamento para apoio dos formandos, e a meia dezena que falta depressa estará pronta. Os testes servem apenas para orientação e, se os professores dizem que estão a ser distribuídos fora de prazo, ele alega que tal ponto nem sequer foi levantado pela comissão que os representa. Para além disso as dúvidas suscitadas pelos programas «têm sido respondidas pela escola». Enfim, Rocha Trindade até tem resposta firme para a contestada escolha de António Sala nas sessões de formação transmitidas no início do ano pela RTP: «Acho que ele é um comunicador nato», diz.

Instalação «aos bochechos»

De todas as críticas feitas a este tipo de formação de professores o reitor da Universidade Aberta (tal como o conselho científico), só aceita as que dizem respeito ao sistema de instalação. O decreto-lei que criou este estabelecimento de ensino, em 1988, demorou mais de três meses a ser publicado; Rocha Trindade apenas tomou posse em Fevereiro do ano passado, com reflexos óbvios na «delongada nomeação de todo o pessoal dirigente». O recrutamento de assistentes foi autorizado em Julho de 1989 e só se concretizou em Setembro; houve pouco tempo para escolher e elaborar o material didático; o curso teve um corte nas verbas para formação e um pedido de financiamento ao Fundo Social Europeu foi inicialmente rejeitado, entre outros pontos.

Homem do aparelho, Rocha Trindade terá sido, afinal, vítima da máquina do Ministério da Educação, fintado neste processo? Há quem o diga, mas ele não comenta tal possibilidade. Aceita que agora «está na berlinda» e de resto confessa-se um apaixonado do ensino à distância, «recomendado pelo Parlamento Europeu» e que, para adultos, «cada vez tem mais adeptos».

O sistema de universidade aberta teve, em Portugal, um ilustre pioneiro: Evangelista Loureiro, no início da década de 70, dirigiu a primeira comissão ministerial encarregue de o estudar. Desde 1978 que Armando Rocha Trindade tenta pô-lo em prática e, sabendo não ter os meios necessários, aceitou a tarefa de formar o primeiro grupo de professores por ensino à distância, em Fevereiro. «Para o curso ser dado em boas condições teria de começar em Outubro de 1990 e não em Fevereiro. Sei que fui pressionado pelo tempo, mas aceitei o desafio porque estavam 3500 professores à espera de profissionalização e este cancro arrasta-se há tanto tempo que me pareceu necessário acabar com ele», diz.

M.G.L.

O «DL» começou, os leitores gostaram, mas a comunidade é que tem de se pronunciar

Há que debater a eutanásia

O exaustivo *dossier* sobre a eutanásia, que o «DL» publicou ao longo da semana passada com o objectivo de lançar um debate público sobre o problema, foi seguido com enorme atenção por parte de muitos dos nossos leitores, nomeadamente médicos, tendo alguns deles feito chegar até nós manifestações de apreço pelo interesse, oportunidade e qualidade desse trabalho da autoria da jornalista Margarida Silva Dias.

Por exemplo, o Prof. Adelino Marques, regente da cadeira de deontologia na Faculdade de Medicina de Coimbra e vogal do Conselho Nacional de Ética e Deontologia, da Ordem dos Médicos, escreveu-nos a manifestar a sua sensibilização para um tal debate: «Tenho vindo a ler com toda a atenção o vosso trabalho jornalístico acerca da eutanásia. Trata-se, efectivamente, de um problema da maior importância social, a merecer um debate sério, isento e desapaixonado no seio da comunidade nacional».

Adelino Marques, que tem vindo a integrar várias comissões da Ordem dos Médicos, do Ministério da Saúde e do Ministério da Justiça, criadas precisamente para abordarem a problemática sobre a eutanásia, considera que esta «é uma doença - verdadeira doença social — de que importa fazer a profilaxia: ajuda polivalente, competente e fraterna que o médico tem o dever de proporcionar aos seus semelhantes que sofrem».

Num extenso artigo de opinião publicado na revista da Ordem dos Médicos, de Abril-Junho de 1988, Adelino Marques aborda o polémico tema concluindo que não há que confundir a eutanásia (morte a pedido, homicídio por compaixão) com a recusa responsável da obstinação terapêutica sem esperança ou com o adequado alívio da dor e da angústia dos incuráveis.

«O médico competente, sempre ao serviço da vida e da dignidade humana», salienta Adelino Marques, «sabe que deve usar com discernimento dos meios terapêuticos extraordinários, assim como dos tratamentos capazes de poupar os doentes e os moribundos a sofrimentos inúteis. Mas repudia categoricamente todas as formas de eutanásia, em nome do seu imperativo ético-profissional».

Conselho de Imprensa analisa condutas

O Conselho de Imprensa (CI) considerou sem fundamento a queixa apresentada pelo representação do Partido Socialista em Vila do Conde contra o jornal local «Correio da Junqueira».

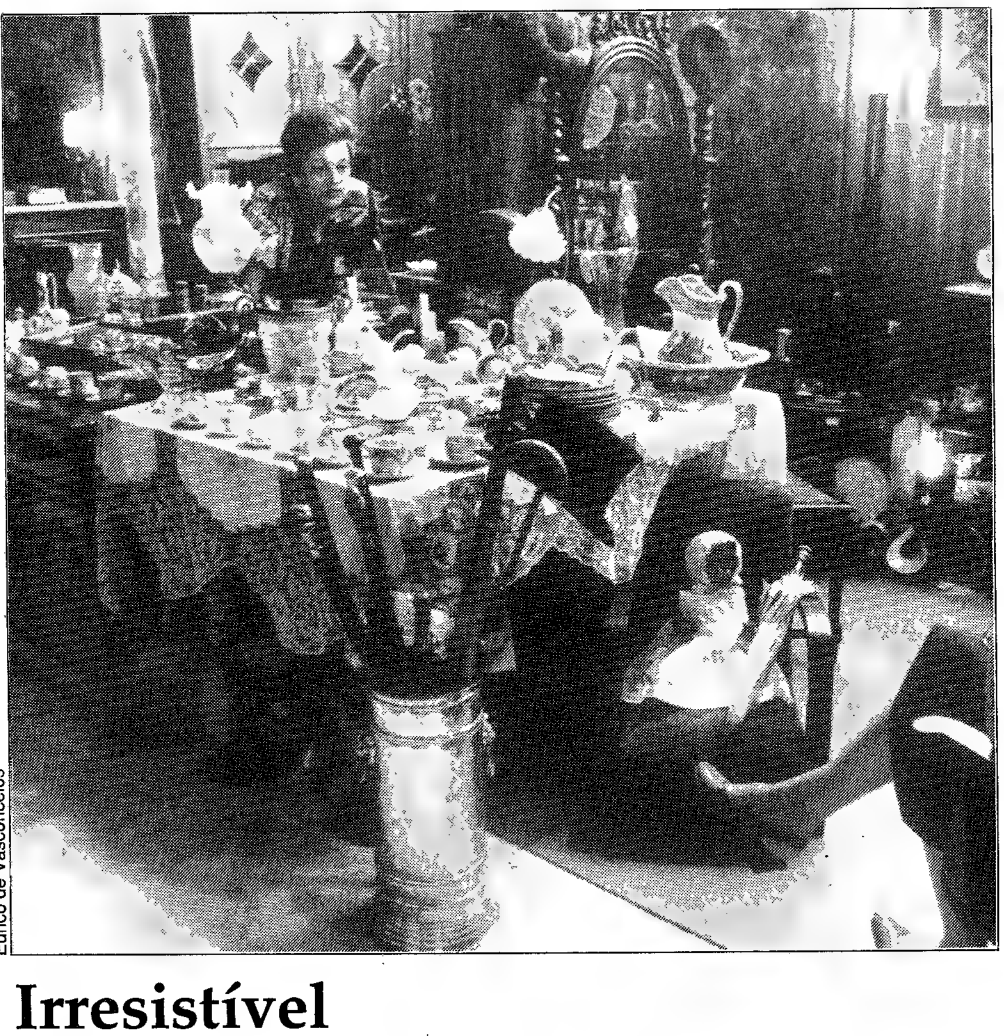
Segundo um comunicado do CI, «a queixa acusava o jornal de infringir os princípios éticos e a Lei de Imprensa no que respeita à inserção de publicidade em pleno período de campanha eleitoral para as últimas eleições autarquicas».

«O Conselho de Imprensa considerou que o jornal não infringiu os princípios éticos nem a Lei de imprensa e que toda a propaganda partidária paga foi inserida na publicação encimada pela palavra 'publicidade', bem destacada.»

Por outro lado, o Conselho de Imprensa reprovou a conduta de «O Jornal» pela utilização redactorial que fez de uma carta da direcção do Centro Desportivo Universitário de Lisboa (CDUL) e por não ter publicado, na íntegra, o referido documento.

O CI «constatou que o queixoso não cumpriu os requisitos legais para invocar o direito de resposta», mas que o semanário também não o informou desse impedimento, «acabando por utilizar fragmentos da resposta do CDUL, em artigo desfavorável a esta entidade».

Em documento distribuído aos órgãos de Comunicação Social, o CI embora considere válido, na generalidade, «o trabalho jornalístico efectuado por 'O Jornal', em sucessivos artigos publicados entre Agosto e Dezembro de 1989 acerca de situações de natureza administrativa e financeira envolvendo o CDUL, o Conselho de Imprensa não pode deixar de condenar o facto de, no último artigo que publicou sobre este assunto», a publicação se tenha servido «em seu proveito próprio da referida carta de resposta, utilizando passagens desta de mistura com informações colhidas noutras fontes».



Eurico de Vasconcelos

Irresistível

Velharias e objectos de colecção, para todos os gostos e para todas as bolsas aguardam, até 27 de Maio, o seu olhar curioso e a sua disponibilidade orçamental, na Nave de Exposições da Estufa Fria. Há de tudo, como na farmácia.

Senhorios preocupados com medida camarária

Num encontro marcado para hoje entre Vasco Franco e Eduardo Carvalho da Silva, presidente da Associação Lisbonense de Proprietários, debate-se a proposta subscrita por aquele vereador e por Rui Godinho que se destina a pôr termo à falta de obras nos edifícios da cidade. A posição dos proprietários relativamente a esta matéria é clara: não estão de acordo com os termos da proposta camarária já que esta visa, acima de tudo, pôr termo à situação dos «proprietários que obtêm mais valias resultantes do valor dos prédios da capital, que passaram a estar livres por derrocada de um prédio em que deviam ter feito obras». À proposta, aprovada na semana passada, a ALP contrapõe com a reforma do regime de arrendamento urbano, e não perde tempo pois já solicitou ao secretário de Estado da Habitação a tomada de medidas legislativas nesse sentido. Neste âmbito, os representantes dos senhorios deverão solicitar limitações às transmissões do arrendamento por morte do locatário e as limitações aos trespasses.

CULTURA

Até ao próximo dia 25, música, exposições e festa em Setúbal. É a segunda edição das «Cantigas do Maio», iniciativa da Associação José Afonso

O que faz falta é animar a malta

Para além da música, que é o prato forte das "Cantigas do Maio", este ano, e à imagem do anterior, a animação e transformação da cidade de Setúbal num centro cultural gigante é o objectivo da AJA. Com imaginação, originalidade e criatividade estão patentes ao público três exposições de cariz diferente na Casa do Bocage e no Convento de Jesus. A primeira que foi inaugurada tem como título "Formas de Dizer", e é da responsabilidade dos alunos do AR.CO, apresentando uma série de quadros da autoria de alguns estudantes e professores da escola. Na circunstância houve música: um excelente recital do harpista espanhol Emílio Cao.

Uma outra exposição, não menos interessante, privilegia uma arte ainda considerada menor - a arte postal -, sujeita ao tema «minorias». Nela podemos encontrar colagens, pinturas e textos, de participantes de várias partes do globo, dedicados à Amazónia, África do Sul e ao próprio Zeca Afonso.

Mas, sem dúvida, de todas a que nos fascina e atrai é a exposição "Tabernas - lugares de encontro e solidão em Setúbal". Numa primeira sala encontramos nas paredes as belíssimas fotos de Maurício Abreu. Rostos marcados, jogos habituais de taberna e os seus ambientes fixados a preto e branco pela sensibilidade do fotógrafo. Num outro espaço está a mesa de matraquilhos e os vários quadros, cedidos pelos proprietários de algumas tabernas, dos grupos excursionistas ou dos seus fundadores. Uns *naïves*, outros com um ar pomposo de lápide, todos eles garridos, trazem-nos vivas as tabernas, locais de encontro cada vez mais esquecidos mas que dão lugar à solidão de homens cansados de uma vida de trabalho tantas vezes por recompensar. Numa outra sala mais pequena está uma réplica da taberna com jogos à disposição dos que quiserem, o ludo, as cartas ou o dominó e, claro, o petisco, as azeitonas e o vinho, a bebida rainha destes estabelecimentos. A ajudar ao ambiente bonecos em tamanho natural em situações típicas de taberna convivem com os visitantes. Na inauguração o actor Mário Viegas disse poemas de Mário de Sá-Carneiro e José Afonso.

E para que não sejamos meros *voyeurs* da vida de uma "tasca", a animação da cidade centra-se precisamente na taberna do Luciano, situada numa das lindíssimas e, infelizmente, mal tratadas zonas antigas de Setúbal, o bairro da Fonte Nova. Todas as noites, até ao final das "Cantigas do Maio", por aí passarão nomes conhecidos da música e do teatro. Ontem ouviu-se Francisco Fanhais, seguindo-se uma espontânea sessão de "Fado Vadio", participando assim os seus clientes habituais nesta festa. Nas ruas, e durante o dia, poder-se-á ver cenas do "Círculo de Giz Caucasiano", de Bertold Brecht, representadas pelos alunos do Conservatório Nacional.

As cantigas

Espectáculos musicais houve já sexta e sábado. Na primeira noite música africana de grande qualidade, com a participação de três grupos de estilos diferentes, os Issabary, colectivo guineense que transporta a música tradicional do repertório mandinga para a actualidade, o Duo Tchisossi de Angola, mostrando que há outras *afinações* em África, urbanas e elaboradas, e, por fim, a música tradicional de raíz, interpretada por dois batuqueiros com coreografia dançada por alguns dos elementos do Ballet Nacional de Angola.

No sábado foi a vez da música tradicional portuguesa. Os Bombos de Lavacolhos, a Tuna de Carvalhais e os Pauliteiros de Miranda, puseram-nos frente às nossas origens, mostrando a riqueza do nosso folclore e cultura.

Só é lamentável a pouca afluência de público neste primeiro fim-de-semana das "Cantigas do Maio". Não chega estarem presentes os amigos do Zeca, como Otelo Saraiva de Carvalho, nem um candidato às Presidenciais, distribuindo sorrisos, até porque se o programa musical não for do agrado de muita gente, há de certeza nesta variedade de iniciativas alguma coisa para recordar, mais que não seja a bela cidade de Setúbal.

Maria José Belo Marques

Anabela Loureiro

Serafim Henriques, elemento do Ballet Nacional de Angola, actuando no primeiro espectáculo das "Cantigas do Maio" dedicado à música africana

BREVES

Manoel de Oliveira: prémio em Cannes

Manoel de Oliveira acaba de obter um dos mais prestigiantes prémios internacionais: o da Federação Internacional da Crítica de Cinema. O galardão foi anunciado ontem, no âmbito do Festival de Cannes, no qual o último filme do cineasta português esteve presente, na selecção oficial, extra-concurso. Oliveira foi distinguido pela crítica internacional "pelo conjunto da sua carreira, pelo extraordinário rigor na procura da qualidade que sempre soube manter e do qual "Non" é um novo e soberbo manifesto". Os prémios dos filmes a concurso deste Cannes /90 só são conhecidos hoje, ao fim da tarde. Quanto a Manoel de Oliveira, é a segunda vez que obtém um grande prémio internacional pelo conjunto da obra (o primeiro, há anos, o Leão de Ouro do Festival de Veneza).

Lisboa: "Capital Europeia da Cultura" em 94

O Conselho de Ministros da Cultura da CEE, que sexta-feira esteve reunido em Bruxelas, rejeitou a redução para seis meses do período em que cada cidade comunitária é designada "Capital Europeia da Cultura". Prevaleceu a ideia de um mês cultural para as cidades dos países não comunitários. Lisboa manter-se-á assim Capital Europeia da Cultura de 1994

Rolling Stones: os preços

Os preços dos bilhetes para o concerto dos Rolling Stones, a 10 de Junho, oscilarão entre os cinco mil e quinhentos escudos (relva, de pé, e bancadas) e os seis mil e quinhentos (cadeiras). O Montepio Geral assegurou a compra dos 60 mil bilhetes, enquanto o Sporting aceitou reduzir de 20 para 10 mil contos o aluguer do estádio de Alvalade.

Horário de «Platonov» foi alterado

O horário da peça de Tchekov «Platonov», em cena na sala polivalente do Acarte, será objecto de alteração quarta e sexta-feira. Assim, em vez de se realizar às 18 e 30, a exibição foi antecipada para as 15 horas.

EDITORIAL INQUÉRITO

REFLEXÕES SOBRE O PCP

UM LIVRO POLÉMICO DE

VITAL MOREIRA

onde o Autor revela o que o Partido *deve deixar de ser* e o que o Partido *não deve deixar de ser.*

«A questão não é mudar de Partido, mas sim *mudar o Partido.*»

«Álvaro Cunhal constitui um obstáculo à necessária renovação do Partido.»

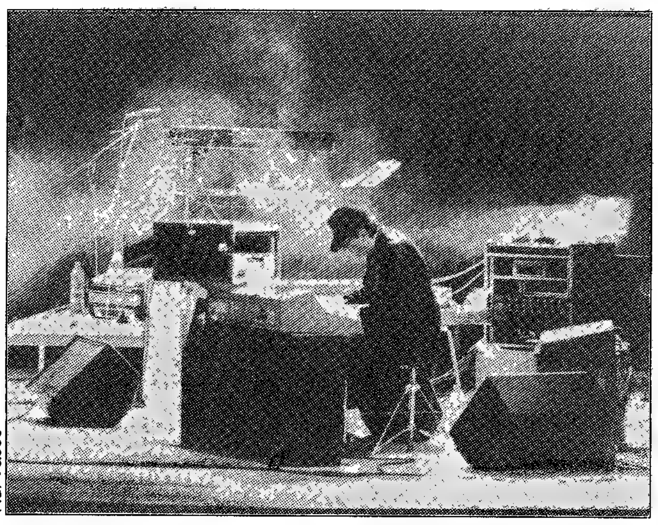
«Não é de agora a *tentação autoritária* de solucionar divergências políticas dentro do Partido pela via do afastamento ou da exclusão dos opositores.»

Uma edição de EDITORIAL INQUÉRITO
Distribuição: PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

A música em alto contraste

Todas as motivações são boas para voltar ao velho Tivoli, e isso aconteceu mais uma vez no sábado passado, quando as portas do cinema de que vamos esperando o destino se abriram a um público reduzido mas que sabia ao que ia. Apresentavam-se, no palco, as «Nouvelles Polyphonies Corses» de Hector Zazou e, na segunda parte, o complemento com o colectivo Lua Extravagante, ou mais exactamente, os três irmãos Salomé, Vitorino, Janita e Carlos, mais Pedro Caldeira Cabral e Filipa Pais. Tratava-se da última sessão do Printemps de Bourges lisboeta, que passou como uma ventania e pouca gente deu por ele. Enfim, lógicas do mercado...

Sobre a participação portuguesa no espectáculo pouco há, infelizmente, a dizer. Senão que se revelou um tanto forçada a inclusão dos Lua Extravagante no programa, por não coincidir com as intenções que estavam em causa: conjugar a tradição musical com os modos da nossa comum contemporaneidade. Se Zazou, mestre nestas misturas como poucos haverá, concretizou por inteiro tal ideia mediante as suas mestiçagens da electrónica com o canto sulista da Córsega, o grupo liderado por Vitorino não deu «luta», limitou-se a interpretar os temas do folclore com passividade, seguindo as receitas que o público já conhecia de outros concertos. O desinteresse bastante da sua actuação piorou devido às péssimas condições técnicas com que a coisa decorreu, e ao desleixo com que os cinco intervenientes desempenharam os seus papéis. Uma pena.



Rui Vasco

Hector Zazou, rodeado pela sua parafernália electrónica

O desequilíbrio esteve pois em desfavor dos portugueses. Mas deixados quaisquer nacionalismos culturais de lado, deva-se dizer que com o francês nascido na Argélia muito dificilmente os saldos poderiam ser diferentes, se na verdade se tratasse de uma «competição». Ainda que possamos opinar serem estas «Nouvelles Polyphonies Corses» menos interessantes do que outros trabalhos de Zazou com os cruzamentos musicais como fundamento (sobretudo com a música africana), sem dúvida alguma que pudemos assistir no Tivoli a um belíssimo momento de música, no seguimento de um dos mais curiosos projectos que actualmente encontramos em toda a Europa, e com muito que se lhe diga para além do simplesmente aparentado.

É evidente que a música de Hector Zazou joga muito com exterioridades, com a harmonia certa dos arranjos composicionais, a proporcionalidade dos efeitos de conjunto, uma estética do belo deveras renascentista. E é óbvio que a intenção do compositor é suscitar a adesão do ouvinte pelo lado mais fácil, o do envolvimento dos sentidos mais do que da razão. Falamos de um músico com formação e linguagem clássicas, tendencialmente disposto às feições da música de câmara mas rendido às disposições sonoras do universo pop e, como se tal ambiguidade não lhe bastasse, continuamente receptivo a outras inclusões estilísticas no seu magma de noções musicais, numa busca (insensata, alguns dirão) do novo que é irremediavelmente europeia e «pós-moderna», ainda que ele reivindique a intenção de acabar de vez com a pós-modernidade.

Tendo isto em conta, lembrando-nos de que os hibridismos, em música como no resto das criações humanas, são bem um sinal deste presente, ou seja, que não há nenhuma originalidade de forma possível, mas só de estilo, acrescente-se que nunca Hector Zazou age por síntese. No sábado foi assim: as novas polifonias corsas que nos ofertou, para instrumentação electrónica, sopros, acordeão e violoncelo, mais cinco vozes adequadas aos arquétipos daquela parte da Europa do Sul, estiveram sempre em contraste. Desenganem-se os que julgam que Zazou é um praticante da fusão. Não é: a enorme quantidade de contratempos que utiliza, tornando particularmente complexa e de espinhosa interpretação uma música que apenas «parece» simples e superficial, permite-lhe funcionalizar essa vontade de nunca «resolver» o mundo das músicas numa única fórmula.

Houve, no concerto, alguns deslizes, algumas entradas fora de tempo, mas terão passado desapercebidas. O que ficou foi a melancolia geral das peças executadas, a estranha equação entre sentirmos que nos encontrávamos diante de um edifício musical extremamente frágil e a constatação de que os seus meios eram demasiado meticulosos e especiosos para simularem tal leveza.

Rui Eduardo Paes

Na EUROPA-AMÉRICA
os grandes romances contemporâneos

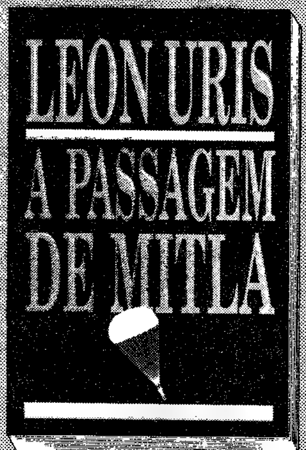
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA 1945 1990 45 ANOS DE INDEPENDÊNCIA

Robert Ludlum

A AGENDA ÍCARO

Evan Kendrik, um homem tranquilo e sem grandes ambições políticas, vê-se compelido a mergulhar no mundo contraditório do terrorismo. Projectado para uma notoriedade que nunca desejou, nem procurou, assalta-o a ideia de ser candidato à presidência ou à morte.

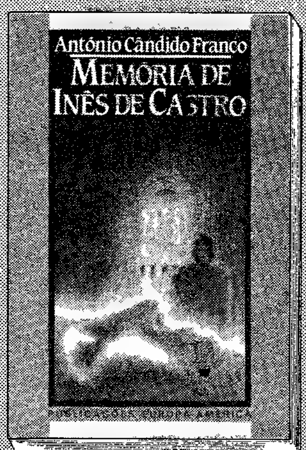
Leon Uris



A PASSAGEM DE MITLA

A história apaixonante de Gideon Zadok, um homem moderno apanhado pelas suas próprias contradições: a ambição e o medo, desejo e obrigação, passado e futuro.

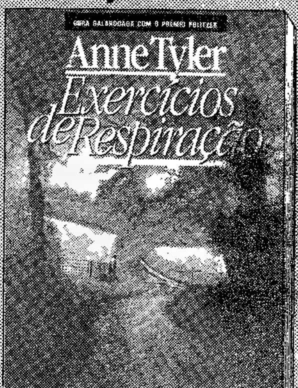
António Cândido Franco



MEMÓRIA DE INÊS DE CASTRO

A simbólica portuguesa num brilhante romance de um jovem romancista. O amor entre Pedro e Inês num romance histórico ou na história de um romance.
Um novo autor a que deve estar atento.

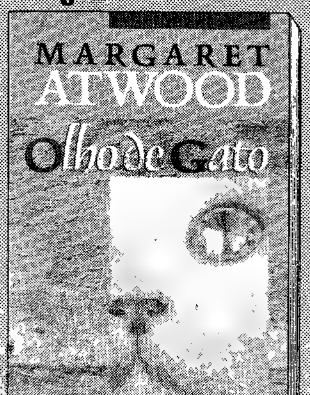
Anne Tyler



EXERCÍCIOS DE RESPIRAÇÃO

Maggie é cabeça-no-ar, impetuosa, indulgente. Ira é competente, paciente, infalível. Estão casados há vinte e oito anos. Um passeio fá-los reflectir o casamento: as esperanças, as decepções, como afinal tudo e nada muda. «Um dos melhores romances da década de 80.»
Times

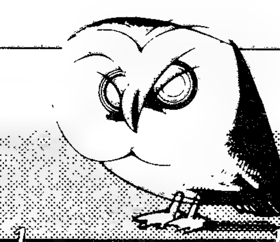
Margaret Atwood



OLHO DE GATO

Margaret Atwood explora as raízes ambíguas das relações femininas, com os seus segredos da infância, crueldades e terrores. Num desfecho surpreendente, passado e presente fundem-se, e o conflito entre o desejo de vingança e a procura do perdão é resolvido de forma comovedora.

Os romances que se lêem



olhar de mocho

Papel dos dissidentes

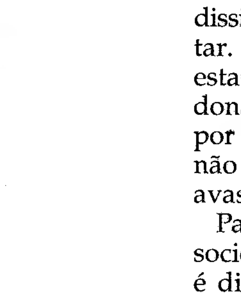
O relevo dado nos serviços noticiosos aos dissidentes do Partido Comunista Português, a propósito da realização do Congresso extraordinário desta instituição nacional, veio reforçar a imagem de marca do partido. Para sermos claros, importa afirmar à cabeça não se tratar aqui de discutir as teorias marxistas-leninistas, a ideia comunista e muito menos a doutrina de fé católica, apostólica, romana da Igreja sedeada no Vaticano. As comparações que seguem dizem *exclusivamente* respeito ao papel das instituições e ao fenómeno dos dissidentes. Repete-se, que no caso concreto, tanto dá que uma instituição se reclame de Marx ou de ideias bíblicas.

Quando João XXIII logo ao nascer dos anos 60 revolucionou a instituição Igreja Católica deixando que dogmas ficassem de pernas para o ar, cortando com práticas medievais de repressão da liberdade, abolindo a escravatura portas a dentro e sustendo a hemorragia de condenados ao Inferno eterno dos aliados de Satanás, o fenómeno que se seguiu foi exactamente o do aumento em flecha da onda de dissidentes católicos. Convém não esquecer que na história milenária da Igreja Católica o maior número de dissidentes se registou precisamente com a liberalização do regime interno da mesma Igreja, liberalização essa fruto de João XXIII. E por outro lado, quando com o actual Papa Woytila se regressou aos tradicionais caminhos do fundamentalismo, o número de dissidentes católicos não parou de aumentar. Só para citar os últimos números estatísticos, na RFA, actualmente, abandonam a Igreja Católica 80 mil membros por ano, e o número de paróquias que não têm pároco continua em crescendo avassalador.

Parece poder-se deduzir deste fenómeno sociológico que a firmeza das instituições é directamente proporcional ao caudal de dissidentes por ano. Ao que parece, as instituições ao nascerem, criam logo mecanismos imunológicos da defesa contra eventuais dissidentes.

Quando estaríamos à espera que o fenómeno Gorbachev fizesse rebentar uma onda de filocomunistas, verifica-se uma situação, sociologicamente, paralela: o número de dissidentes comunistas sobe em flecha. Neste aspecto, o PCP, nem é excepção nem fenómeno singular. As instituições políticas e sociais têm o papel único de fortalecer a fronteira onde a anarquia é obrigada a parar e a utopia não recebe visto de residência. E se numa hipotética hipótese de trabalho algum dia houvesse eleições para escolher entre a anarquia e a estabilidade, entre a utopia e a realidade já conhecida, a vitória seria esmagadora para a instituição.

Ora como o dr. Álvaro Cunhal defende o comunismo na sua forma concreta de existir que é o da instituição, ele terá sempre razão e *rumará* sempre *à vitória* - agora como em Abril de 1964, quando publicou o seu livro com esse título. Quando dissidentes defendem um comunismo «líquido» ou «gasoso» esquecem-se que o comunismo institucional é o único que interessa aos que pretendem eternizá-lo - e só esse, o institucional, sobreviverá nos tempos mais próximos.



José Sousa Monteiro

"É preciso recortar coisas, tanto com o auxílio da tesoura como por dentro da angústia", diz Rocha de Sousa da exposição de pintura, desenho, colagem e video que faz na Galeria Municipal de Arte, em Almada. Pintor, professor de pintura na ESBAL, escritor, cineasta e realizador de programas de televisão, no final dos anos 60, Rocha de Sousa desenvolveu uma intensa actividade como crítico de arte na imprensa não especializada, nomeadamente neste jornal

Rui Pacheco

Colagem, diz ele

Subitamente deu-se um hiato nessa actividade profundamente marcante para a compreensão do fenómeno das artes plásticas nos anos 60, em Portugal, e a simulação de um mercado de arte afecto à então designada *primavera marcelista*. Mesmo a irregularidade com que Rocha de Sousa expunha, passou a traduzir-se por fugazes apresentações em galerias pouco representativas no actual panorama do mercado da arte e da qualidade intrínseca da sua obra.

A exposição, de certo modo antológica, que a Galeria Municipal de Arte, de Almada, lhe conseguiu *arrancar*, percorre disciplinas tão diversas como a pintura, o desenho, a colagem e o video, sucintamente documentadas em catálogo, e que permitem reconhecer um percurso feito a partir da aparente conflitualidade da multiplicidade de estéticas. Ou paixões.

D.L. - *A que se deve o seu silêncio como crítico de arte? À preponderância das outras actividades?*

R.S. - Há várias explicações para isso: uma delas é que a partir do 25 de Abril - e foi sobretudo a partir daí que se verificou esse silêncio - as condições de movimentação dentro dos jornais modificaram-se substancialmente, e até muitos deles, paradoxalmente!, pararam com as páginas dedicadas à cultura. Por outro lado, começaram a surgir grupos de pressão, no domínio das actividades culturais portuguesas, através de pessoas que estavam pouco mobilizadas antes e que, oportunisticamente nuns casos, e noutros casos com mérito, evidentemente, *assaltaram* esses órgãos de comunicação. Novos modelos de intervenção crítica foram surgindo, por vezes omitindo a memória histórica recente da nossa identidade cultural em vários planos. Eu não concordei com isso, como ainda hoje, e aceitei lutar de outro modo e por outros canais. Na rádio, por exemplo, existiu essa oportunidade.

D.L. - *E na televisão também.*

R.S. - Existiu na televisão através de projectos que o José Elyseu alimentava e que, embora não fossem muito bem apoiados pela RTP, se fizeram. Nomeadamente, «Portugal Contemporâneo», «A Arte Possível» e «A Mão, o Homem em Projecto». Sobretudo esta última série foi bastante interessante, nalguns casos. Mas houve uma razão maior que todas essas.

D.L. - *Deve ter havido. Não acredito na sua passividade face à mediocridade ou ignorância...*

R.S. - Foi a transformação extraordinária que se verificou na Escola Superior de Belas Artes (ESBAL), onde toda a estrutura existente acabou por ser revista. Fez-se assim, com participação de grupos, entre alunos, professores e especialistas, uma reforma completa e actualizada do ensino artístico de enquadramento universitário. Lamentavelmente, observei que a ignorância e a mediocridade (a que você fez há pouco referência) estavam instaladas um pouco por toda a parte. Foram anos (depois do 25 de Abril) de trabalho febril para atenuar problemas, mesmo ou sobretudo a nível de Ministérios, que toda a Europa solucionara, incluindo a nossa vizinha Espanha. O ensino superior artístico tem sido integrado na Universidade sem os atrasos de décadas verificados entre nós. O meu empenho nessa realidade retirou-me da chamada *ribalta* da crítica, embora tenha colaborado na revista «Opção», no «Jornal Novo», e ainda nas revistas «& etc.», «Artes Plásticas», «Sema» e «Colóquio». Mas passei, de facto, largos anos trabalhando na reestruturação da ESBAL, ajudando a criar as licenciaturas de Artes Plásticas e *Design*, numa altura em que o próprio Ministério da Educação considerava utopia falar de *design* ou na integração da arte na Universidade. Só nove anos depois da reforma estar em pleno funcionamento é que um decreto precário reconheceu os cursos, mais os respectivos quadros e sem os contextualizar minimamente. Assim me afastei da acção crítica *no terreno*. Voltei depois a uma nova reflexão sobre algumas questões dessa área.

D.L. - *Mas só muito recentemente.*

R.S. - Sim, num suplemento cultural, mais sobre problemas de fundo do que sobre a actividade das galerias durante a semana. Sigo, em todo o caso, na Escola e fora dela, o percurso dos jovens autores.

Rui Pacheco

"A pintura nega-me muito do que sou como indivíduo, como cidadão"

D.L. - *Se não estou em erro, o Rocha de Sousa era a única voz que, com autoridade nas artes plásticas, podíamos ler no «Suplemento Literário» deste mesmo jornal, em finais dos anos 60. Essa actividade parece-me mesmo mais importante que a que também desenvolveu, um poucc nos mesmos moldes, na revista «& etc.». Aceitando a sua explicação para essa ausência, ía agora à sua necessidade de tentar explicar, em texto no catálogo desta exposição, o conflito que a multiplicidade de disciplinas onde se exerce parece desencadear. Porque não se percebe se se defende de uma acusação exterior ou interior.*

R.S. - Em relação à conflitualidade de eu não me dedicar exclusivamente à pintura (até porque sou professor e o professorado no ensino superior envolve tempo e estudo) gostaria de dizer que que ela é, essa conflitualidade, a minha própria condição de criar. Faço cinema, video, escrevo sobre questões ligadas à arte ou escrevo mesmo ficção. Tudo isso é consonante; umas coisas alimentam as outras, nenhuma oculta o que penso e que me digo. Daí, como referi no texto, o facto de eu inventar autores num mesmo autor, publicado com um único nome. Talvez isto leve à dispersão pela mediocridade. Não sei se leva ou não, e não é isso o que mais me importa. Desde muito cedo que a pintura, sobretudo na óptica das suas *limitações* actuais, se me apresentou apenas passível de um discurso afinal *restrito*. Posso exaltar habilidades e talentos, recursos técnicos, mimetismos por uma moda, mas a breve trecho tudo isso resta aquém da magnífica *temporalidade* do cinema ou da literatura. Aí tenho *espaço* e *tempo* para exprimir outras sensações, outras emoções, outras ideias, outras revoltas. Associo os anos 50 e os anos 80, misturo tempos, trabalho as raízes. Se trabalhasse na pintura por essa via, o que não deixo de tentar, mataria grande parte da sua especificidade. Ela nega-me, apesar do amor por ela, muito do que sou como indivíduo, como cidadão. As outras linguagens que pratico - amador e sem carreira - permitem-me falar mais e com menos amputações.

D.L. - *São linguagens diferentes, estéticas diferentes...*

R.S. - Eu tenho muita pena de não poder fazer cinema como habitualmente fazia, porque os comerciantes retiraram o super 8 do mercado. O video, apesar de fascinante, é outra coisa. Mas o clima humano da ESBAL permite-me um relacionamento criativo com gente nova, com verdadeiros actores, e é com esse *material* extraordinário que tenho desenvolvido as minhas experiências. Tratar ficcionalmente alguém que se move, fala, que tem *tempos particulares* de ser, é uma experiência riquíssima e pode mesmo fornecer pistas inovadoras para a elaboração pictórica. Não é por acaso que tenho desenvolvido na pintura séries de *personagens ilustradas*. Por outro lado, na literatura, que é a linguagem que mais me fascina, aquela *mobilidade* também acontece. Há muito que eu escrevia, inclusivé eicção, mas só a partir do 25 de Abril, impulsionado por experiências muito vivas, me arrisquei a publicar um romance, «Os Passos Encobertos», que esteve demasiado tempo no prelo. Aí foi possível desocultar os sonhos e as dores encobertas: falar da infância, dos anos 50, da repressão do regime anterior e da guerra colonial, de uma pequena cidade corticeira e da sua morte, Maio, festa, fogo, amores perdidos, a cadeia das gerações em montagem de cinema. Encantos e desencantos da Revolução, dos anos 80, os retratos femininos servindo de suporte simbólico a estratos sociais movendo-se entre evidências e névoas.

D.L. - *Parece-me que o seu trajecto, o discurso do seu trajecto, é uma sedimentação. Não sei se resulta da prática da montagem cinematográfica, mas parece que a sua pintura advém da colagem.*

R. S. - Colagem em sentido amplo?

D.L. - *Claro... Parece-me uma sedimentação vivencial, temporal...*

R.S. - Bem, "leu" de facto muito bem esse aspecto, porque eu não sou um autor de atelier. Um autor que esteja no atelier 24 horas, 16 ou 8, como muitos dos meus colegas estão...

D.L. - *Desculpe interrompê-lo mas, não sei se resultante de um domínio dos media, o Rocha de Sousa recorre com frequência à imagem e ao texto dos jornais, de televisão, etc.*

R.S. - Estava a tentar dizer-lhe, a propósito da colagem, que não permaneço muito tempo no atelier, como vários colegas meus, porque não é aí, com efeito, o lugar onde o trabalho se inicia. Como diz, é através dos jornais, de memórias de um determinado tempo, a guerra em Angola ou figuras de algum espaço eleito, que *o volante começa a girar*. Toda a violência da série «Guerra Inútil» decorre da associação de documentos, matérias e materiais arrancados ao *corpo* de outras linguagens e de outros discursos. Embora quase inquestionáveis, nessas obras os destroços são mais do que restos de corpos ou mutilações: são igualmente imagens de um remoto passeio pelos Halles, um rosto vivido por instantes em qualquer esplanada, as ruínas de Nambuangongo, os papéis rasgados de poemas quotidianos. Às vezes estão aí bocados de literatura, trechos de cadernos de autor, esboços para filmes nunca rodados. Cola-se papel juntamente com uma parte do nosso ser, fotocópias com fotografias antigas. Ora tudo isso começa por acontecer fora do atelier, nas ruas onde a vida passa. Quero estar a par dessa vida, a que vem nos jornais e na televisão e a que fica de fora. É preciso depois recortar coisas, tanto com o auxílio da tesoura como por dentro da angústia que nos acomete na envolvência desta civilização que se engole a si mesma.

D.L. - *Chegámos então ao que no texto do seu catálogo se chama a "solidariedade da solidão".*

R.S. - Gosto muito da alegoria de uma pequena novela de Camus, em que Jonas, um pintor, tenta ajustar a solidão do seu trabalho à solidariedade que deve aos outros. É um dos mais belos retratos do artista enquanto ser social e espírito. E essa ideia de que a arte é uma forma de solidariedade gerada, de algum modo, em solidão, tem-me acompanhado desde há muito. Claro que tudo isto passa de moda: Camus, a solidão, o valor da existência e da responsabilidade. Mas sempre quero dizer-lhe que, para mim, o fundo da questão passa por esses dois conceitos. Ao fazer video, por exemplo, e como não me proponho alcançar notoriedade assim, trabalho quase em solidão, parecendo pintar, o diálogo com a personagem passa pelo silêncio, pela solidariedade de cada plano e de cada pausa. Penso sobretudo numa arte que não esteja fechada sobre si mesma, cujos sinais passam para fora dela. Não que persiga uma arte de massas. Nem sei o que isso seja. Prefiro juntar, pela *mensagem*, o ser solidário ao ser solitário. Contra a tela vazia.

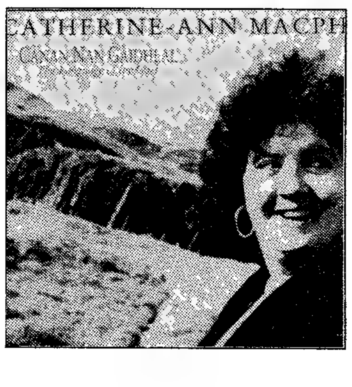
Jorge Fallorca

Está por aí à venda um disco em gaélico fundamental

DISCOS

A autenticidade, uma vez mais e ainda

Já não vai sendo possível encontrá-la, a autenticidade em música. E isso pelo menos desde que o rótulo World Music definiu o campo das «músicas do mundo» como um espaço de representação artificial das raízes e da tradição, recriando estas segundo critérios universalistas e por isso mesmo niveladores. Ora, se o Paul Winter Consort, o trio Codona de Walcott, Cherry e Vasconcelos, ou a dupla Roberto Musci/Giovanni Venosta pretenderam «ligar» as suas práticas obviamente urbanas aos arquétipos dos muitos passados e das variadas geografias, não esperavam eles que assim contribuíam para um cenário de falsificações estranho à natural permeabilidade da própria condição de toda e qualquer música.



Daí que seja um acontecimento a edição da música «interior» portuguesa, ou a importação nos casos em que se trata de músicas tradicionais de outros pontos do planeta. É este, precisamente, o contexto em que surge «Cànan Nan Gàidheal», da cantora gaélica Catherine-Ann MacPhee, disco da escocesa Greentrax Records que data de 1987 mas a Você Gosta de Música introduziu agora no nosso mercado.

A referência, neste canto de página, não é uma mera informação circunstancial: acontece que o título em questão um outro factor tem que o favorece, que é ser o primeiro, e tanto quanto sabemos até hoje o único, de uma intérprete que a comunidade gaélica da Escócia admira mas nunca tivera oportunidade de ouvir em casa.

A excelência destas onze canções é indubitável, e tal a sua integridade cultural que a força extrapolada de cada uma delas nos faz esquecer todos os objectos «adaptados» da *folk* britânica, entrada já nos domínios da aceptabilidade pop e da descoloração que parece gratificante aos consumos metropolitanos (permitase-nos um aparte, para juntar que o exemplo mais evidente desta linhagem por desvio parece ser um senhor chamado Billy Bragg, cantor popular em perda de identidade, apesar do estatuto político «esquerdista» que o sustenta).

Que é como quem diz: «Cànan Nan Gàidheal» não é um produto da World Music, mas um documento, numa época em que cada vez mais se é indiferente às permanências e continuidades da música. Melhor: é um monumento de uma espécie musical em perigo de extinção, e Catherine-Ann MacPhee uma das suas últimas fiéis, mergulhada a fundo nas ancestralidades das estórias sobre clãs, amores e revoltas.

Algumas notas (quase) biográficas, para assinalar que a cantora, nascida em Bara, também foi actriz, na 7: 84 Theatre Company Scotland, e que optou pela carreira exclusivamente musical em 1981. A sua voz foi particularmente beneficiada por um amplo leque de tonalidades, mas não se ficam por aí os dotes que lhe devemos reconhecer. Riqueza expressiva, empatia, ímpeto histriónico são outras das suas características cantantes, como cabalmente o demonstram os temas em que nenhum instrumento a acompanha, no respeito do estilo *puirt-a-beul*, que os ingleses traduzem para «mouth music», música da boca.

Quando acompanhada, porém, muito mais se soma às suas virtudes pessoais, a instrumentação é a original, do clarsach ao bodhran, ou da gaita de foles das «Highlands» às rabecas e, atente-se, quatro dos cinco músicos que consigo trabalham neste disco, nomeadamente Billy Jackson, Tony Cuffe, Ian MacDonald e John Martin, são membros do célebre agrupamento Ossian. O quinto, Jim Sutherland, veio da fornada The Easy Club, colectivo menos conhecido entre nós. Longe de certas vocações exóticas, é na **verdade** de uma música que se justifica «Cànan Nan Gàidheal». Há quanto tempo não encontrávamos nada assim?

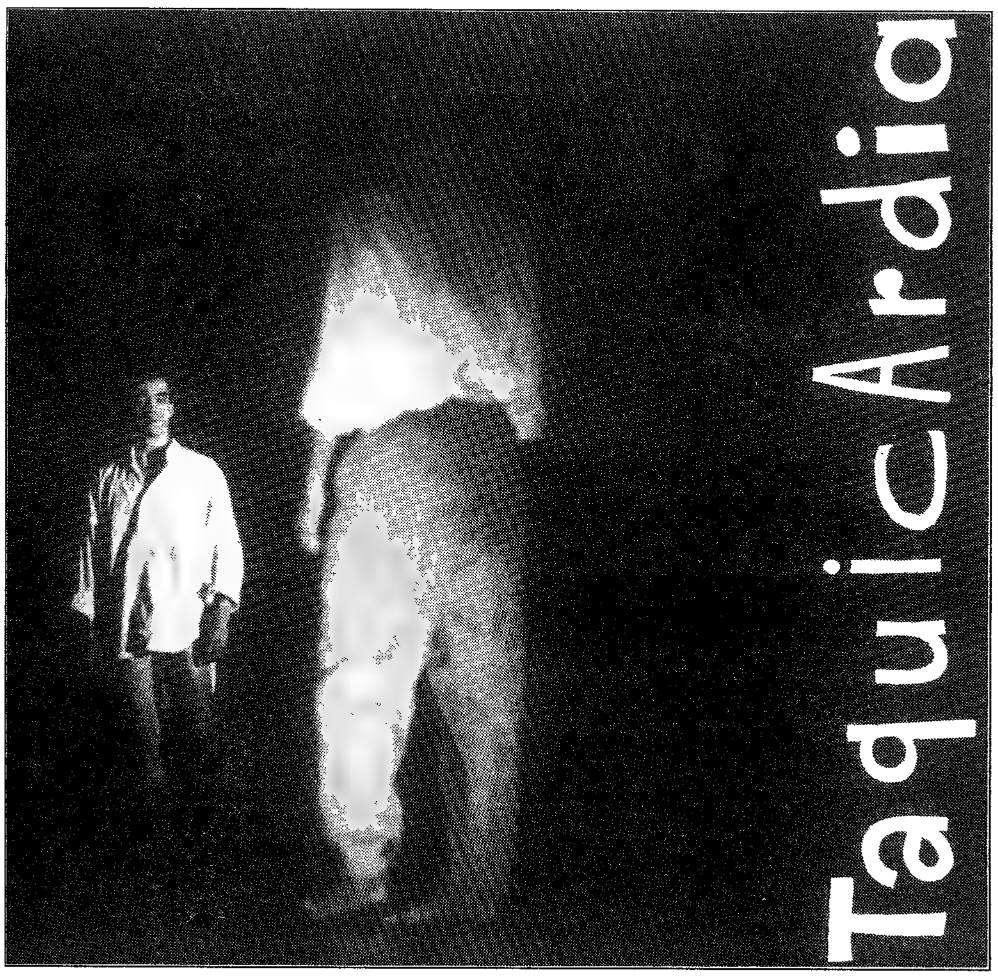
Rui Eduardo Paes

Crítica de bailado

Portas por abrir

A Companhia de Dança de Lisboa apresentou no fim-de-semana quatro bailados «seminovos»

Para abrilhantar mais um exercício de dança nesta Primavera, a Companhia de Dança de Lisboa apresentou no fim-de-semana, no S. Luiz (e com um elenco particularmente reduzido) um programa semi-novo: «Sete Situações à Volta da Mesa», com coreografia e partitura de Mark Haim - o director artístico ausente e em vias de despedimento -, «Taquicardia», do seu possível substituto, o português Paulo Ribeiro, e duas estreias, «Devias Ter Deixado a Luz Acesa», de Lionel Hoche - originalmente concebida em 1988 para a segunda companhia de Jiri Kilian - e a criação absoluta de Vítor Garcia «Memórias da Porta Branca».



«Taquicardia», da Companhia de Dança de Lisboa

Quando há cerca de cinco anos o «projecto eclético em que a procura e a experimentação de linguagens novas se combinariam na preocupação constante de comunicar com um público vasto e possuidor das mais diversas sensibilidades» deu corpo a uma nova companhia de dança, Portugal parece ter tido um novo fôlego criativo. Um agrupamento de reduzidas dimensões, vivo e dinâmico - com um ímpeto muito próprio em face da Companhia Nacional de Bailado e simultâneamente mais um desafio ao venerando Ballet Gulbenkian -, muito vocacionado para a descentralização e definindo-se programaticamente como «uma companhia em constante formação, trilhando os primeiros passos de um caminho (se possível) longo e com a genuína ambição de se revelar promissor». Esta a caracterização pretendida pela Companhia de Dança de Lisboa.

Mas se «todo o mundo é composto de mudança», é natural que ao contemplarmos hoje esse bolo de aniversário iluminado por cinco tímidas velas - e que um dos bailarinos faz questão de exibir num dos espectáculos agora em cena como que a lembrar a efeméride - possamos concluir que não só os tempos mudaram como também mudaram as vontades!

O dueto do coreógrafo gaulês que abriu o programa parte de uma ideia particularmente curiosa no que concerne ao som ambiental. A peça de Hoche é uma espécie de excerto ilustrativo das relações íntimas de um casal, cohabitando a ternura e a violência e delas transparecendo vagos sentimentos de vergonha, arrependimento e até de frustração. Muito do texto coreográfico, sem grandes assomos de novidade, diga-se de passagem, tem a cumplicidade de um longo diálogo extraído de uma película protagonizada pelas vozes rouca de Lauren Bacall e sensual de (quem haveria de ser) Humphrey Bogart.

O que os bailarinos Maria João Pires e Paulo de Jesus defendem com ânimo mas sem grande projecção, poderia ter sido contido nuns escassos metros quadrados de linóleo, criando muito mais intimidade e coesão a um jogo que se acaba perdendo na solidão de um palco listrado com grossos blocos de luz projectada horizontalmente.

Seguiu-se-lhe «Taquicardia», o primeiro trabalho em 88 de Paulo Ribeiro para a CDL, e que já depois de muito dançado pareceu-nos menos límpido nas intenções e menos cuidado no detalhe. A música, expressamente composta para o efeito por Luís Cília - com um auspicioso «débout» na área da dança - casa-se sem sobressaltos com o movimento idiossincrático, assimétrico e vigoroso que o coreógrafo encarregou a seis bailarinos vestidos com fatos cinza e camisa branca. Ordenado em conjuntos dos quais se destacam um dueto, um quarteto e um sexteto em ritmos que aceleram e desaceleram, o trabalho é bombardeado por diálogos apressados de gente anónima com a pulsação de um povo que sente que «todos morrem... mas uns vão à frente e outros vão atrás».

António Laginha

Vítor Garcia, o mais antigo elemento artístico da CDL - e o único sobrevivente do elenco original do «período Rui Horta» - merece neste programa honras de coreógrafo residente. «Memórias da Porta Branca», tal como os bailados precedentes, vai buscar à voz humana - neste caso menos «projectada» que no primeiro e menos «casual» que no segundo - uma cumplicidade descritiva e um fio condutor que desafiam qualquer lógica pré-estabelecida. Uma história de amor urbano salpicada por sonoridades concebidas por Alejandro Zappino e interpretada por quase toda a companhia num espaço vagamente sublinhado por três grelhas verticais.

Este «amor em tempos de cólera», relatado em inglês em jeito de diálogo de estudantes numa aula de drama, mantém os bailarinos extremamente ocupados com pequenas histórias pessoais servidas por um discurso coreográfico nem sempre maduro e, sobretudo na secção final, ferido de superficialidade.

Por último, «Sete Situações à Volta da Mesa», alivia como despedida uma certa monocordia e, embora de coloração escura tal como todas as peças em exibição neste programa, demonstra claramente a razão de ser desta primeira participação de Mark Haim na CDL. Mesmo depois de já muito repetida, continua a manter uma tensão entre música e imagética apoiada em movimento cuidado e cerebralmente estruturado, algumas vezes quase tirando o fôlego do espectador.

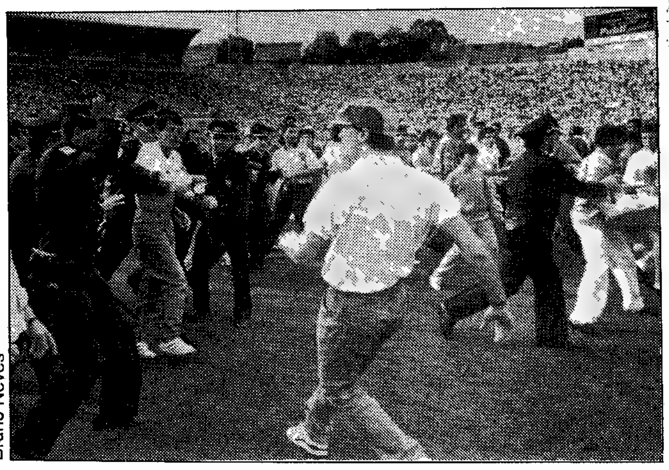
Sem a garra nem do seu elenco original em Nova Iorque, nem a generosidade e audácia da primeira versão nacional (em que pontuavam nomes como Benvindo Fonseca, Clara Andermatt e Silvia Nevjinsky, entre outros), estas «Situações» ainda são o que de melhor Mark Haim conseguiu em alguns anos de colaboração com a Companhia de Dança de Lisboa.

Companhia cujo profissionalismo necessita de ser constantemente posto à prova e cujo cuidado de realização cénica deixa frequentemente algo a desejar!

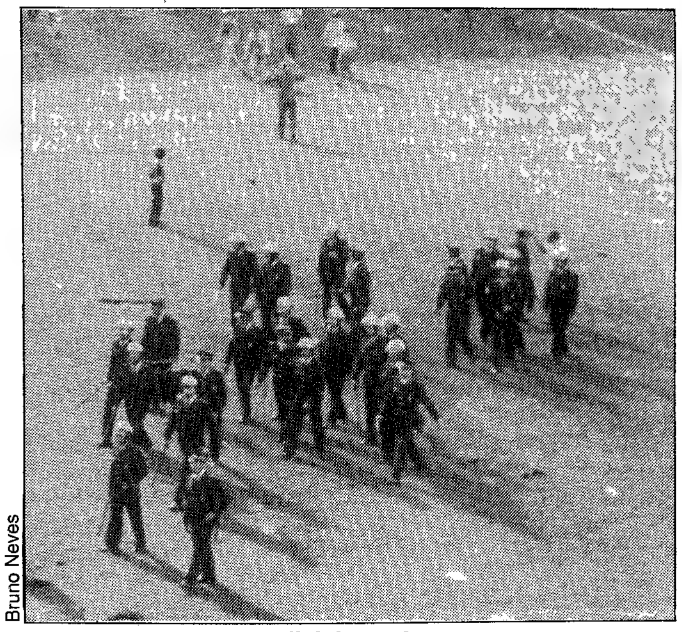
Uma última palavra para os seus intérpretes - entre os quais se distinguem os jovens Paulo Jesus (que participou activamente em todos os bailados da «soirée») e Maria João Pires -, cujos esforços nem sempre são compensados e que necessitam urgentemente de uma força aglutinadora que desafie todo o seu potencial técnico-artístico. Para lá das memórias de outras portas, muitas outras ainda estão por abrir.

Um campeão que tudo programou

Final do Campeonato manchada por inexplicável carga policial no Estádio das Antas



Bruno Neves



Bruno Neves

Má e triste actuação policial nas Antas

Pronto: caíram os taipais sobre a grande loja dos sustos e alegrias. Já se sabia quem cingiria a coroa, recebendo o trono da mão do Benfica: cumprindo uma viagem programada ao milímetros planificada nos gabinetes e descodificadas as pequenas dúvidas já dentro do palco onde a suprema soberania veste de negro, o Porto justificou o êxito supremo. No inverso, entrando na corrida com o ingénuo propósito de apenas exibir valores lusitanos. o Feirense baixava bandeira cedo de mais.

Falámos, com toda a reverência, do campeão. Nunca será demais (ou alargado ao fácil elogio) tirar o chapéu aos portistas: não tiveram qualquer culpa dos adversários mais categorizados não possuírem o seu computador de trabalho, dentro e fora do teatro das operações. Placidamente, estiveram ontem no parque das Antas para atenderem um Beira Mar tranquilo e risonho, que queria partilhar do festim mas (secretamente) sabia que é sempre possível colocar a meia adriça um pavilhão que está adormecido à sombra de belíssima conquista. Apesar de mais uma grande penalidade decretada por António Marçal e rubricada por Demol para um lote que deve confundir os vindouros, os *azuis-brancos* não foram além de um nulo com aveirenses de serena calma, ficando a nota final de muito desagrado pelos incidentes que, sem o mínimo de razão entendível, esmaltaram o cair de pano nas Antas. O espectáculo ficou encerrado com nota muito negra. «Não se cuida de avaliar quem teve ou não motivo para a carga da brigada pesada sobre os jovens que queriam apenas uma pequena recordação dos novos campeões. A rapaziada da pacífica invasão aponta dedos acusadores, os policiais de turno podem ter agido com outra razão fora da manga, bem segura nos pulsos. Pena, porém, que o lavar de cestos da bonita colheita portista tivesse ficado maculado. Disso não deve ter qualquer culpa o exército aveirense, de um Beira Mar que é menina dos olhos do excepcional clã Nunes (Gilberto e Domingos no topo da hospitalidade a todos os labutadores da Comunicação Social) mais do íntegro juiz Maio Macário que, embora dividindo o coração com outro amor (veste de verde a mora em Alvalade) despe a pele quando se senta à mesa do Conselho de Justiça federativo, por vezes deficientemente interpretado no seu julgamento.

Bem: entre o Porto e a cave do quase arranha-céus ficaram degraus de diferente dificilmente dificuldade e entendimento. Logo após os senhores da quinta, moraram benfiquistas que, no último espectáculo antes de Viena de Áustria, fizeram repousar todo o bloco de primeiríssimo plano, chamando a terreiro uma simbiose de nomes que Eriksson não contempla dignamente nesta temporada ou afastou para a prateleira por razões pessoais. E, sabem quem foi a estrela do «show»? Um cidadão que, daqui a exactos 30 dias, completará 42 risonhas primaveras. Rezará o amanhã que Manuel Galrinho Bento, despontado no Riachense e abrilhantado no Barreirense, vindo em 1964 para o ninho da *águia*. conseguiu evitar tiunfo homérico de um Belenenses onde Gonçalves falhou golos como cerejas, Chiquinho fez esbarrar a esfera na trave, 90 por cento dos lances que transitaram pela fronteira entregue a Fernando Mendes surgiram (rubricados por Jaime ou Galo) como corredores abertos para o tento do arrepdio de frio nos costados rubros. Vimos o jogo: estamos perfeitamente à vontade para afirmar que, com um nadinha mais de codícia (ou espertez?), de calibragem no tiro final (ou sagacidade de raposa?), vamos lá, até com trocas de guardião *camisa um*, o desfecho seria coisa para espantar os colegas da Imprensa estrangeira que, surgindo em catadupa na Luz, ficaram de cruzes na boca com a sábia partida de Eriksson aos espiões do sinal contrário. E, se aconteceu, nova e possível queda frontal do antigo defesa canhoto do Sporting, isso correspondeu a um óptimo renascimento de Fernando Chalana, o meu *pequeno genial* que, mal entrou a render Fonseca, espécie de faz-tudo obrigatório, colocado pela táctica do mestre sueco em triplas funções (médio, extremo e adjunto de ponta de lança) subiu até à cúpula do tribunal do Terceiro Anel.

Depois, na mesma onda de aplauso, moraram Veloso e Álvaro, César Brito e Sousa, Diamantino e Abel, enquanto o *sherife* Moisés se pode lamentar de aflitiva falta de sorte mas, sobretudo, do resto da companhia não ter afinado os instrumentos pelo diapasão de Jaime e Juanico, Galo e José António. O ainda prometedor 5.º lugar, que é esperança até ao cair da 4.ª feira, disse adeus a Belém.

Paralelamente, outro desiludido retirou para Setúbal. O Vitória fez o que lhe foi possível em Alvalade, mas o titubeante *leão* não conseguiu domar, teve um assomo de força: Cadete (a estrelinha) e Gomes (o sábio) deram corda a um «onze» onde Oceano foi categórico exemplo de aplicação ao trabalho.

Bonito êxito do Nacional no relvado penafidelense: na terra de António Oliveira, do homem agora único na chefia das *esperanças* lusitanas, respirava-se de alívio pelo pesadelo ultrapassado à custa de muita energia e isso deve plenamente justificar o tom displicente como pode ter sido encarada a visita madeirense. Por falar na bela ilha: o Funchal viu mais um triundo do Marítimo, mas compreendeu perfeitamente que João Alves poupou o seu exército de luxo para o vale-tudo *taceiro* que vai levar ao Jamor, no próximo domingo, dois emblemas inéditos em decisões desta instância. A propósito: tire-se o chapéu ao Farense. Belíssima temporada, com regresso unanimemente aceite à mesa do rei, e, no topo da cavalgada, o corcel entrando impante na mais orgulhosa sala do desporto lusitano.

O livro fechou com o Desportivo de Chaves saltando para o átrio de onde esperará que todos os santos protejam o Benfica na capital das valsas, para logo haver arraial flaviense e passaporte da comunidade para recpatitulação de viagens europeias. Ontem, o Tirsense foi tácito aliado: não havia outro papel a desempenhar na peça risonha e pacata.

Demol e Águas deixam o Porto

As tertúlias não têm tempo para fechar o bico. Demol marcha para Colónia, Rui Águas está quase de volta ao ninho da *águia*. Ambos vão render uns bons milhares para o erário do *dragão*, os dois vão deixar rasto de simpatia, mas o centro-avante invoca «*problemas particulares*» que, afinal giram em redor de cifrões a receber

Adiante: uma última voltinha sobre o Campeonato dá matéria para estatística. Ora veja-se como se cotaram os melhores ataques: Benfica, Porto, Boavista, Vitória da Guimarães, Sporting e Vitória de Setúbal. Os menos produtivos: Tirsense, Beira Mar, União, Penafiel, Feirense e Marítimo. Quanto a defesas, os mais sonantes aplausos também fizeram a sua escala: Porto, Benfica, Sporting, Guimarães, Tirsense e Belenenses. Na cave da loja: Feirense, Portimonense, Penafiel, Nacional, União e Braga. Quem quiser e tiver tempo que tire daqui as suas ilações, desde já ressaltando a particularidade do Boavista ter uma excelente dianteira e não conseguir regressar à Europa porque a sua cortina defensiva foi um desastre.

Já lá vai o Campeonato. Venha o próximo. O cortejo da vida só abranda para meter água.

Neves de Sousa

TVE alvo de violência

Uma equipa de reportagem da TVE, composta por Pere Fernandez, Alfonso Marim e Alex Lage, que desde sábado se encontrava a trabalhar junto do FC Porto, foi apanhada pela onde de violência que a PSP fez assolar no Estádio das Antas e, alguém, que Alex Lage (realizador) não conseguiu identificar mas que supõe tratar-se de um agente da Polícia trajando à civil, lhes retirou todo o material recolhido durante dois dias de trabalho. Lage ameaçou: «Se não nos devolverem as «cassettes», apresentamos queixa junto da União Europeia de Radiofidusão».

Mais um episódio desagradável e desprestigiante, ocorrido num dia de festa que a falta de senso transformou em dia de terror.

Final da Taça: preço dos bilhetes

A Federação Portuguesa de Futebol estabeleceu a seguinte tabela de preços para a final da Taça de Portugal, marcada para as 16 horas do próximo domingo, no Estádio Nacional e que terá como intervenientes o Farense e o Estrela da Amadora: portadores do cartão jovem: 300$00; cabeceiras: 600$00; bancada lateral: 1000$00; bancada central: 1300$00 e tribuna 2000$00.

19 para Viena

O Benfica fez esta manhã o último apronto para Viena, após o que a comitiva oficial almoçou no Restaurante Tia Matilde, seguindo depois para o aeroporto, para embarcar no voo TAP 955, que deve chegar à capital austríaca cerca das 18 e 30.

Eriksson convocou 19 jogadores: Silvino, José Carlos, Aldair, Ricardo, Samuel, Hernâni, Vítor Paneira, Thern, Valdo, Pacheco, Mats Magnusson, (provável onze inicial para o jogo com o Milão) e ainda Bento, Álvaro, Fernando Mendes, Vata, César Brito, Diamantino, Abel e Chalana. Lima, lesionado na perna direita, fica em Lisboa. Veloso, que não pode alinhar por estar castigado pela UEFA, acompanha os colegas.

Toda a direcção benfiquista vai à Áustria, mas apenas seis dirigentes viajam oficialmente: João Santos, dr. juiz Adriano Afonso, dr. Marcel de Almeida, Jorge de Brito, eng.º Luís Tadeu e Gaspar Ramos. Ao lado de Eriksson estarão os adjuntos Toni e Eusébio. O secretário técnico Shéu, o médico dr. Bernardo Vasconcelos, o massagista Asterónimo Araújo e o roupeiro Luís Santos completam a caravana *encarnada* que, tal como a Comunicação Social, ficará instalada no Scandic Crown Hotel, de Viena.

Como habitualmente, o «DL» fará reportagem da estada e do jogo dos portugueses. Neves de Sousa já amanhã remeterá a sua crónica.

Imbróglio

Imbróglio complicado com os bilhetes para o Pratter de Viena para o jogo Milão-Benfica: a UEFA, considerando o encontro como de **alto risco**, entendeu que as claques teriam de estar bastante separadas, para evitar qualquer clivagem. Por isso, o lote de bilhetes fornecido a cada clube tinha carimbo identificador dos adeptos que viajavam para a capital austríaca. Simplesmente, segundo a UEFA apurou através da investigação policial, 6000 bilhetes com o carimbo do Benfica teriam sido vendidos em Itália, pelo que já se sabe, que, à entrada do estádio, uma triagem vai ser acompanhada pelo major Gaspar Fernandes, da PSP de Lisboa. Quem não falar português e levar um bilhete destes é *desterrado* para a bancada milanesa. Quem não tiver o papel mágico escusa de se aproximar a 500 metros do Pratter.

DESPORTO

Campeonato Nacional da I Divisão

Chaves: Europa passa por Viena

Nomes e números

Chaves-Tirsense
Árbitro: Vítor Correia (Lisboa).
CHAVES — Jesus; Vicente, Filgueira, Jorginho, Rogério, Gilberto, Manuel Correia (Tanev, 40), Diamantino; Rudi (Emanuel, 61), David e Jorge Silvério.
TIRSENSE — Lúcio; Bio, Costa, Louro, Rodolfo Coutinho, Eusébio, Tueba, Quim, César, Dreiffus e Kipulo.

Golos de Jorge Silvério (14), David (45) e Rogério (61).
Acção disciplinar: cartão amarelo a César (26), Vicente (70) e Eusébio (86).

Portimonense-Guimarães
Árbitro: Soares Dias (Porto).
PORTIMONENSE — Figueiredo; Chico José (Vaynov, 59), Justiniano (Alberto, 66), Floris, Major, Vado, Bezinsky, Guetov, José Pedro, Skoda e Luciano.
GUIMARÃES — Neno; Alberto, Jorge (Carlitos, 81), William, Bené, Cerqueira, João Batista, N'Dinga, Caio, Carvalho e Chiquinho (Peixoto).
Golos de N'Dinga (aos 64 e 75), Guetov (78) e Caio (90).
Acção disciplinar: cartão amarelo para Bené (23), Chico José (54), Cerqueira (65) e Figueiredo (78).

Penafiel-Nacional
Árbitro: José Silvano (Vila Real).
PENAFIEL — Cerqueira; Vinha, Chico Nikita, Ciro, (67 minutos), Vasco, Artur, China, Rebelo, Rui Manuel, Amâncio, Coelho e Djão (Germano, 45).
NACIONAL — Gilmar; Heitor, Paulito, Leiz, Ladeira, Paulo Sérgio, Robertinho, Mário, Dinis, Dino, Edmilson (Murphy, 69).
Golos de Leiz (13) e Robertinho (71).
Acção disciplinar: cartão amarelo para Leiz (50), Mário (64) e Ladeira (73).

Porto-Beira Mar

Árbitro: António Marçal (Lisboa).
PORTO — Vítor Baía (Silvino 73); João Pinto, Abílio (Nascimento, 63), Demol, Geraldão, Jorge Couto, Jaime Magalhães, Semedo, André, Madjer e Rui Águas.
BEIRA MAR — Quim; Redondo, Petrov, Dinis, Ivan, João Paulo, Augusto (Jarbas, 55), Bozinowski, Penteado, Freire (Carlos Manuel, 80) e Mário Jorge.
Golos de Madjer (7m), Penteado (52), Demol (58, de «penalty») e Penteado (83).
Acção disciplinar: cartão amarelo para Redondo (43), Jarbas (62) e Demol (75).

Marítimo-Estrela da Amadora
Árbitro: António Rola (Santarém).
MARÍTIMO — Everton; Rui Vieira (Ricardo Aguiar, 73), Arnaldo Carvalho (Teixeirinha, 49), Carlos Jorge, Andrade, Nunes, Paulo Ricardo, Esquerdinha, José Luís, Wando e Marquinhos.
ESTRELA DA AMADORA — Álvaro; Costeado, Chico Oliveira, Rui Alexandre, Elias, Mário Gomes, Jaime, Nélson Borges, Pedro Xavier, (Sobral, 64), Ricardo (José Augusto, 45) e Rui Jorge.
Golo de Marquinhos (59 minutos).
Acção disciplinar: cartão amarelo para Costeado (63m).

RESULTADOS

PENAFIEL	0-2	NACIONAL
PORTO	2-2	BEIRA MAR
PORTIMON.	1-3	GUIMARÃES
SPORTING	2-0	SETÚBAL
BENFICA	1-0	BELENENSES
MARÍTIMO	1-0	AMADORA
BRAGA	1-1	UNIÃO
FEIRENSE	1-3	BOAVISTA
CHAVES	3-0	TIRSENSE

RENAULT
FERNANDO DE OLIVEIRA & FILHOS, LDA
Vendas: Rua Miguel Bombarda, 26
Sete Portais-Telha
Assistência-Peças: Sete Portais-Telha
2830 BARREIRO

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	G	P
1.º **PORTO**	34	27	5	2	72-16	59
2.º Benfica	34	23	9	2	76-18	55
3.º Sporting	34	17	12	5	42-24	46
4.º Guimarães	34	17	11	6	46-28	45
5.º Chaves	34	12	14	8	38-38	38
6.º Belenenses	34	16	4	14	32-33	36
7.º Setúbal	34	14	8	12	39-34	36
8.º Boavista	34	13	8	13	49-36	34
9.º Tirsense	34	7	16	11	21-32	30
10.º Marítimo	34	7	15	12	25-38	29
11.º Beira Mar	34	10	9	15	22-39	29
12.º Braga	34	8	12	14	32-41	28
13.º Amadora	34	10	8	16	35-34	28
14.º Nacional	34	7	14	13	34-46	28
15.º Penafiel	34	9	8	17	24-50	26
16.º União	34	5	14	15	24-45	24
17.º Portimon.	34	7	7	20	30-57	21
18.º Feirense	34	5	10	19	25-57	20

Bronze depende do checo

A nível nacional o sueco Mats Magnusson foi o «artilheiro» com melhor pontaria, obtendo 33 remates certeiros nas 34 jornadas do nacional. Rui Águas ficou pelos 17, seguindo-se Guetov (15), Madjer (14), Mladenov e Ricky (13), Jorge Andrade e Isaías (12)

Quanto às Botas (Ouro, Prata e Bronze) instituídas pela Adidas/«France Football», o jogador benfiquista apenas poderá aspirar à de Bronze que vencerá no caso do checo Stochkov (do CSKA) não marcar mais de dois golos nos três encontros que restam para o termo do Campeonato do seu país. A Bota de Ouro pertencerá a Hugo Sanchez (38 golos em 38 jogos) e a Bota de Prata deverá ser conquistada por Gerhard Rodax que soma 35 golos em 34 jogos restando dois para o final do torneio.

Braga-União da Madeira
Árbitro: Sepa Santos (Lisboa).
BRAGA — Luís Manuel; Chico Silva, Laureta, Vítor Duarte, Quim I, Quim II, Serrinha, Rui Manuel, Santos, Vinicius (Fernando Pires 68) e Tiano (Eskilsson, 45).
UNIÃO DA MADEIRA — Pimenta; Nelinho, Ramos, Ricardo Jorge, Casimiro, Monteiro, Jairo, Mota, Markovic, Rogério (Laudo, 84) e Júlio Sérgio (Renato, 65).
Golos de Santos (62) e Renato (79).
Acção disciplinar: cartão amarelo para Quim I (47m).

Sporting-Setúbal
Árbitro: Miranda de Sousa (Porto).
SPORTING — Vital; Portela, Leal, Venâncio, Miguel, Xavier, Oceano, Douglas, Gomes, Paulinho Cascavel, (Edel 65) e Cadete (Marinho, 85).
SETÚBAL — Jorge Martins; Crisanto, Figueiredo, Jorge Ferreira, Dito, Vítor Madeira, (Juvenal, 68), Quinito, (Aparício, 45), Jaime Pacheco, Serra, Mladenov e Makukula.
Golos de Gomes (30 minutos) e Cadete (60).
Acção disciplinar: cartão amarelo para Oceano (19), Dito (49) e Serra (51).

Benfica-Belenenses
Árbitro: Manuel Nogueira (Porto).
BENFICA: Bento; Álvaro, Paulinho, Veloso, Fernando Mendes, Abel, Ademir, Sousa (Paulo Madeira, 71), César Brito, Fonseca (Chalana, 46) e Diamantino.
BELENENSES: Justino; Galo, José António, Edmundo (Paulo Monteiro, 71), José Mário, Juanico, Jaime, Oliveira, Macaé, Gonçalves (Chico Faria, 71) e Chiquinho.
Golo de Abel (57 minutos).
Acção disciplinar: cartão amarelo para Álvaro e Oliveira (61 minutos).

Feirense-Boavista
Árbitro: Adão Mendes (Braga).
FEIRENSE — Rufino; Licínio (Sérgio, 60), Pinto, Miguel, Marcelino, Couto (João Luís, 45), Manuel António, Artur, Eduardo, Quito e Ribeiro.
BOAVISTA — Hubart; Casaca, Frederico, Garrido, Barreto, Luís Saura (Kico, 26, sendo rendido por Agatão, 74), Chiquinho, Forbs, Holmberg, Phill Walker e Armando.
Golos de Forbs (17, de «penalty»), Holmberg (22), João Luís (62), e Holmberg (88).
Acção disciplinar: não houve.

II Divisão

Farense retoma o seu lugar

Zona Norte

Fafe - Vianense, 3-0; Famalicão - Rio Ave, 2-1; Felgueiras - Maia, 2-1; Leixões - Infesta, 3-1; Marco - Aves, 0-4; Paços de Ferreira - Freamunde, 0-0; Trofense - Gil Vicente, 0-2; Varzim - Joane, 1-1; e Vizela - Bragança, 3-1.

	J	V	E	D	G	P
1.º **G. VICENTE**	32	20	5	7	48-25	45
2.º Famalicão	32	17	10	5	52-24	44
3.º P. Ferreira	32	17	6	9	51-32	40
4.º Maia	32	15	10	7	47-30	40
5.º Aves	32	17	6	9	44-29	40
6.º Freamunde	32	14	11	7	43-31	39
7.º Varzim	32	14	8	10	43-33	36
8.º Leixões	32	13	8	11	45-40	34
9.º Fafe	32	13	7	12	41-29	33
10.º Infesta	32	11	8	13	50-49	30
11.º R. Ave	32	10	10	12	42-44	30
12.º Felgueiras	32	10	8	14	26-42	28
13.º Joane	32	8	11	13	28-36	27
14.º Bragança	32	10	7	15	36-52	27
15.º Vizela	32	9	7	16	32-43	25
16.º Vianense	32	9	6	17	35-51	24
17.º Trofense	32	7	7	18	27-57	21
18.º Marco	32	3	7	22	17-60	13

Próxima jornada: Marco - Bragança; Aves - Trofense; Gil Vicente - Leixões; Infesta - Varzim; Joane - Paços de Ferreira; Freamunde - Famalicão; Rio Ave - Felgueiras; Maia - Fafe; e Vianense - Vizela.

Zona Centro

Castelo Branco - Viseu, 2-1; Espinho - Águeda, 3-0; Lousanense - Caldas, 3-2; Mangualde - Covilhã, 1-0; Marialvas - Salgueiros, 1-0; Oliveira do Bairro - Lamas, 2-3; Oliveirense - Guarda, 4-1; Peniche - Académica, 0-2; e Leiria - Mirense, 1-0.

	J	V	E	D	G	P
1.º **ESPINHO**	32	23	3	6	63-19	49
2.º Salgueiros	32	20	7	5	74-23	47
3.º Leiria	32	19	9	4	58-16	47
4.º Académica	32	18	5	9	52-31	41
5.º Viseu	32	15	8	9	50-32	38
6.º Mirense	32	13	8	11	40-36	34
7.º Águeda	32	13	8	11	37-36	34
8.º Covilhã	32	15	2	15	37-39	32
9.º C. Branco	32	12	8	12	32-41	32
10.º Lamas	32	15	1	16	45-46	31
11.º Marialvas	32	11	8	13	27-33	30
12.º Caldas	32	13	3	16	31-47	29
13.º Mangualde	32	13	2	17	43-48	28
14.º Guarda	32	11	5	16	27-52	27
15.º Oliveir.	32	10	6	16	35-41	26
16.º Lousanense	31	8	6	17	30-57	22
17.º O. Bairro	32	3	10	19	23-61	16
18.º Peniche	31	3	5	23	16-62	11

Próxima jornada: Oliveira do Bairro - Águeda; Lamas - Castelo Branco; Viseu - Oliveirense; Guarda - Peniche; Académica - Leiria; Mirense - Lousanense; Caldas - Marialvas; Salgueiros - Mangualde; e Covilhã - Espinho.

Zona Sul

Alverca - Moscavide, 2-3; Atlético - Silves, 0-0; Barreirense - Olhanense, 2-0; Farense - Sintrense, 4-1; Évora - Elvas, 1-2; Vila Real - Portalegrense, 4-0; Samora Correia - Louletano, 0-0; Seixal - Estoril, 1-0; e Torreense - Juventude, 3-0.

	J	V	E	D	G	P
1.º **FARENSE**	32	24	5	3	76-20	53
2.º Louletano	32	18	10	4	49-18	46
3.º Barreirense	32	20	4	8	52-23	44
4.º Elvas	32	17	8	7	49-24	42
5.º Torreense	32	16	8	8	53-24	40
6.º V. Real	32	14	12	6	40-22	40
7.º Estoril	32	14	12	6	33-25	40
8.º Juventude	32	12	12	8	39-41	36
9.º Alverca	32	12	9	11	38-40	33
10.º Olhanense	32	11	9	11	33-36	31
11.º Silves	32	9	12	11	33-31	30
12.º Évora	32	7	11	14	35-50	25
13.º Seixal	32	9	6	17	26-50	24
14.º Atlético	32	8	7	17	36-43	23
15.º Moscavide	32	7	7	18	31-54	21
16.º Portalegr.	32	5	11	16	28-71	21
17.º Sintrense	32	4	8	20	21-62	16
18.º S. Correia	32	1	10	21	19-57	12

Próxima jornada: Torreense - Elvas; Juventude - Vila Real; Portalegrense - Farense; Sintrense - Alverca; Moscavide - Seixal; Estoril - Atlético; Silves - Barreirense; Olhanense - Samora Correia; e Louletano - Évora.

III Divisão: seis discutem o título

Série A

Celoricense - Caminha, 1-0; Delães - Ribeirão, 3-0; Esposende - Ponte da Barca, 3-0; Macedo de Cavaleiros - Prado, 4-2; Moreirense - Lanheses, 2-0; Santa Maria - Mirandela, 1-0; Valdevez - Maria da Fonte, 2-0; Valpaços - Vieira, 5-0; e Vila Pouca - Amares, 5-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **ESPOSENDE**	34	16	15	3	51-27	47
2.º Moreirense	34	16	12	6	53-29	44
3.º Mirandela	34	14	12	8	52-32	40
4.º Delães	34	17	6	11	54-51	40
5.º Caminha	34	14	10	10	40-26	38
6.º Valpaços	34	14	9	11	43-33	37
7.º S. Maria	34	15	7	12	43-44	37
8.º M. Cavaleiros	34	14	9	11	40-41	37
9.º P. Barca	34	13	8	13	37-38	34
10.º Valdevez	34	8	17	9	36-29	33
11.º Celoricense	34	12	9	13	43-39	33
12.º Vieira	34	11	10	13	37-41	32
13.º M. Fonte	34	8	16	10	25-31	32
14.º Amares	34	9	13	12	29-34	31
15.º Lanheses	34	9	9	16	34-46	27
16.º V. Pouca	34	10	6	18	40-51	26
17.º Prado	34	9	8	17	22-38	26
18.º Ribeirão	34	4	10	20	19-68	18

Série C

Estarreja - Alba, 2-1; Luso - Tabuense, 3-1; Mortágua - Gouveia, 0-1; Oliveirinha - Valecambrense, 8-1; Oliveira do Hospital - Valonguense, 2-1; Ovarense - Argus, 2-0; Sabugal - Mealhada, 1-3; Seia - Santacombadense, 2-0; e Coimbra - Anadia, 3-1.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **ANADIA**	34	22	5	7	57-26	49
2.º Ovarense	34	18	10	6	61-20	46
3.º Santacomb.	34	20	4	10	37-28	44
4.º Coimbra	34	17	7	10	62-32	41
5.º Estarreja	34	17	7	10	57-31	41
6.º O. Hospital	34	13	14	7	41-29	40
7.º Mealhada	34	15	8	11	41-35	38
8.º Luso	34	13	11	10	41-28	37
9.º Oliveir.	34	13	11	10	42-36	37
10.º Gouveia	34	12	12	10	34-29	36
11.º Valong.	34	13	10	11	41-43	36
12.º Alba	34	11	10	13	34-32	32
13.º Argus	34	11	10	13	39-40	32
14.º Seia	34	10	8	16	49-43	28
15.º Tabuense	33	10	7	16	28-42	27
16.º Mortágua	34	7	10	17	26-42	24
17.º Sabugal	33	4	5	24	31-104	13
18.º Valecambr.	34	3	3	28	19-100	9

Série E

Almeirim - Borbense, 3-1; Cacém - Futebol Benfica, 5-1; Câmara de Lobos - Odivelas, 3-0; Campomaiorense - Oriental, 3-1; Fronteirense - Lusitânia, 2-1; Loures - Fanhões, 4-1; Portosantense - Sacavenense, 1-0; Praiense - Vilafranquense, 0-0; e Santa Clara - Cartaxo, 4-1.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **S. CLARA**	34	18	9	7	54-39	45
2.º Almeirim	34	18	7	9	63-33	43
3.º Sacaven.	34	15	12	7	41-21	42
4.º Campomaior.	34	17	7	10	54-23	41
5.º Oriental	34	14	12	8	40-27	40
6.º Loures	34	12	14	8	43-37	38
7.º Portosant.	34	13	11	10	46-31	37
8.º Vilafranq.	34	11	13	10	29-26	35
9.º Fanhões	34	12	10	12	33-37	34
10.º F. Benfica	34	12	10	12	36-41	34
11.º C. Lobos	34	9	14	11	27-36	32
12.º Praiense	34	10	12	12	22-33	32
13.º Odivelas	34	11	9	14	45-47	31
14.º Lusitânia	34	11	9	14	29-34	31
15.º Borbense	34	9	10	15	29-47	28
16.º Cacém	34	7	10	17	29-49	24
17.º Fronteir.	34	6	11	17	23-50	23
18.º Cartaxo	34	5	12	17	32-64	22

Série B

Ermesinde - Sanjoanense, 4-1; Lousada - Amarante, 2-0; Lusitânia - Cinfães, 1-0; Paivense - Lixa, 1-2; Pedrouços - Leça, 1-1; Régua - Paredes, 2-0; Penaguião - Vila Real, 3-4; Valadares - Rio Tinto, 0-0; e Valonguense - Sandinenses, 1-3.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **LOUSADA**	34	22	7	5	63-29	51
2.º V. Real	34	18	8	8	58-33	44
3.º Paredes	34	15	11	8	55-35	41
4.º Amarante	34	14	13	7	46-34	41
5.º Sanjoan.	34	16	8	10	54-39	40
6.º Leça	34	14	11	9	53-36	39
7.º Lusitânia	34	13	11	10	41-35	37
8.º Valong.	34	13	11	10	42-37	37
9.º Ermesinde	34	15	6	13	42-31	36
10.º Lixa	33	14	6	13	39-36	34
11.º Pedrouços	34	9	14	11	44-49	32
12.º Sandinenses	34	11	10	13	31-37	32
13.º Régua	33	10	10	13	31-36	30
14.º R. Tinto	34	9	8	17	32-52	26
15.º Valadares	34	6	14	14	29-52	26
16.º Penaguião	34	7	8	19	34-53	22
17.º Cinfães	34	7	8	19	30-72	22
18.º Paivense	34	5	10	19	33-61	20

Série D

Alcanenense - Mirandense, 1-0; Alfeizerense - Castelo de Vide, 2-1; Bombarralense - Alcobaça, 1-2; Portalegre - Ferrel, 9-0; Fátima - Torres Novas, 0-1; Nazarenos - Marinhense, 4-3; Sertanense - Naval, 0-1; Santarém - Alcains, 2-2; e Tomar - Marrazes, 2-1.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **TOMAR**	34	22	10	2	49-14	54
2.º Naval	34	20	9	5	61-23	49
3.º Mirandense	34	20	7	7	51-15	47
4.º Santarém	34	18	9	7	53-24	45
5.º T. Novas	34	15	10	9	48-39	40
6.º Alcobaça	34	13	14	7	34-27	40
7.º Fátima	34	14	11	9	54-28	39
8.º Alcanenense	34	11	15	8	43-30	37
9.º Sertanense	34	11	14	9	36-34	36
10.º Marinhense	34	9	15	10	40-41	33
11.º Bombarral.	34	5	18	11	23-33	28
12.º Portalegre	34	9	10	15	37-53	28
13.º Nazarenos	34	9	9	16	38-53	27
14.º Alcains	34	7	11	16	41-49	25
15.º Marrazes	34	8	8	18	28-47	24
16.º C. Vide	34	8	8	18	26-54	24
17.º Alfeizerense	34	7	8	19	29-61	22
18.º Ferrel	34	5	4	25	22-88	14

Série F

Alamcilense - Trafaria, 5-1; Montijo - Quimigal, 1-0; Moura - Imortal, 4-1; Palmelense - Amora, 4-1; Pescadores - Tavira, 1-0; Quarteirense - Vasco da Gama, 5-0; Santiago do Cacém - Lagos, 1-3; Sesimbra - Beja, 1-4; e Montemor - Vendas Novas, 3-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **MONTIJO**	34	19	10	5	60-26	48
2.º Quarteir.	34	17	11	6	74-32	45
3.º Amora	34	18	7	9	58-37	43
4.º S. Cacém	34	16	10	8	60-37	42
5.º Almancil.	34	16	9	9	38-27	41
6.º Lagos	34	15	10	9	55-36	40
7.º Moura	34	13	13	8	49-41	39
8.º V. Gama	34	15	7	12	40-47	37
9.º Montemor	34	15	6	13	56-39	36
10.º Imortal	34	10	13	11	48-47	33
11.º Tavira	34	10	12	12	26-27	32
12.º Palmel.	34	10	11	13	50-52	31
13.º Pescadores	34	12	7	15	39-53	31
14.º Beja	34	11	9	14	38-54	31
15.º Quimigal	34	9	12	13	34-37	30
16.º V. Novas	34	5	10	19	26-56	20
17.º Trafaria	34	4	12	18	33-80	20
18.º Sesimbra	34	4	5	25	22-79	13

Sobem à II Divisão os cinco primeiros. Descem aos Regionais os quatro últimos.

Juniores

O Benfica deslocou-se a Guimarães e venceu por 1-0 enquanto o FC Porto recebeu e derrotou (2-1), o Sporting na jornada inaugural da fase final do Campeonato Nacional de juniores.

Quanto à Taça Nacional de iniciados verificaram-se os seguintes resultados: Braga, 0 - Porto, 2; Arrifanense, 0 - Cinfães, 1; Belenenses, 3 -Salesianos, 0 e Beja, 0 - Benfica, 7.

Na categoria de infantis e registaram-se os seguintes desfechos: FC Porto, 7 - Chaves, 0; U. Coimbra, 5 - Boavista, 4; Benfica, 8 - Quarteirense, 0; U. Almeirim, 0 - Belenenses, 0.

Sporting ganha treinador e perde mais um dirigente

Depois de goradas as tentativas de Sousa Cintra para conseguir a contratação de Carlos Queirós, Tomislav Ivc, Toshack, Leo Beehnakker e Guus Hiddink, o Sporting encontrou, finalmente, o sucessor de Raul Águas. Marinho Peres que nas suas duas presenças em terra lusa, conseguiu conduzir o Vitória de Guimarães ao 3.º lugar do Campeonato Nacional para no imediato ter conquistado a Taça de Portugal ao serviço do Belenenses, será o novo responsável pelo futebol sportinguista. Segundo informações prestadas ontem pelo chefe do executivo do clube de Alvalade, o técnico brasileiro estará amanhã em Lisboa para assinar o contrato. Sousa Cintra esclareceu que as condições propostas pelo Sporting foram aceites por Marinho Peres pelo que não haverá mais dúvidas: ele será, a partir de amanhã, o técnico principal do clube de Alvalade. Quanto a adjuntos nada ainda fora resolvido e no que respeita a aquisições, Sousa Cintra não citou nomes, mas Hossan Hassan (egípcio) parece firme em Alvalade para onde ainda será possível a ida de Jorginho que há poucos dias trocara o contrato do Chaves a favor da ida para o Marítimo. Sousa Cintra referiu que *«iremos tentar negociar com o jogador, com o Chaves e com o Marítimo porque Jorginho é um jogador que nos interessa».*

Quanto ao facto do Sporting ter perdido a corrida na contratação do boavisteiro Isaías, Cintra diria: *«O major Valentim Loureiro preferiu despachá-lo para o Benfica.»*

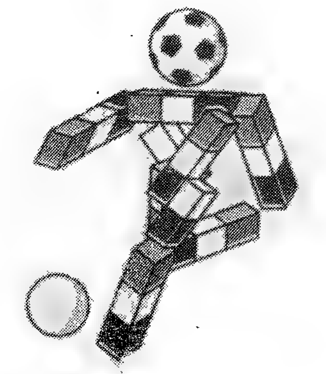
Outros nomes em agenda: segundo Sousa Cintra são vários e Fernando Oliveira (ao microfone da Rádio Renascença) anunciaria que o Sporting mostrara interesse na contratação de Makukula e Jorge Ferreira pelo que as negociações iriam decorrer e a saída daqueles dois jogadores poderia depender das «contrapartidas» a ceder pelo Sporting.

Mais um «vice» de fora

Alegando razões de «ordem pessoal», Tomás Abreu, um dos vice-presidentes do clube «leonino», apresentou o seu pedido de demissão a Mário Nunes da Silva (presidente da assembleia geral). Este é o quarto elemento do executivo liderado por Sousa Cintra que pede renúncia ao cargo, sucedendo aos fastamentos de Aguiar de Matos, Pessoa e Costa e Subtil de Sousa o que parece indiciar alguma dificuldade dos «vices» nas relações com o presidente.

MUNDIAL-90

Bilhetes vão-se esgotando



Cerca de 90 cento dos bilhetes para 52 encontros do Mundial estão já vendidos. A informação foi prestada pela Banca Nazioale del Lavoro, empresa que centraliza a venda dos ingressos e que recebeu 2,42 milhões de bilhetes. Ainda segundo a organização, o Campeonato do Mundo de Futebol terá uma audiência televisiva de 20 biliões de pessoas.

Vinte e quatro mortos nas obras dos estádios

Os trabalhos de preparação dos estádios para o Campeonato Mundial de Futebol provocaram 24 mortos e 643 feridos, segundo indicação num relatório divulgado pela União Italiana de Trabalho, organização sindical de tendência socialista.

Técnico irlandês teme violência

O britânico Jack Charlton, técnico da selecção irlandesa, mostra-se, particularmente, preocupado com os constantes apelos dos responsáveis à disciplina podendo provocar incentivo de efeito contrário. Para Jack Charlotn «o comportamento civilizado dos adeptos irlandeses vão servir de exemplo para a Europa e o Mundo, pois eles vão a Itália, unicamente, para assistirem aos espectáculos».

O prémio dos belgas

Cada jogador da selecção belga receberá 105 mil dólares (cerca de 15 750 contos) em casa de vitória no mundial. Pela presença na fase final o prémio rondará os 3500 contos.

TOTOBOLA

A chave

Porto - Beira Mar X
Benfica - Belenenses 1
Portimon. - Guimarães 2
Sporting - Setúbal 1
Penafiel - Nacional 2
Marítimo - Amadora 1
Braga - União X
Feirense - Boavista 2
Chaves - Tirsense 1
P. Ferreira - Freamunde .. X
Felgueiras - Maia 1
Marialvas - Salgueiros 1
Lusitano - Elvas 2

A nossa aposta
Concurso n.º 21/90
27 de Maio de 1990

G. Vicente - Leixões 1
Infesta - Varzim 2
Joane - P. Ferreira 2
Freamunde - Famalicão 1
Maia - Fafe 1
O. Bairro - Águeda 1
Lamas - C. Branco 1
Académica - Leiria X
Covilhã - Espinho X
Torreense - Elvas 1
Sintrense - Alverca X
Moscavide - Seixal 2
Silves - Barreirense 1

TOTOLOTO

6 - 12 - 13 - 39 - 45 - 46 (15)

Totobola: «jackpot» no domingo

Segundo informações obtidas, pelo «DL», junto do Departamento de Apostas Mútuas Desportivas da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, nenhum apostador acertou nos 13 resultados do totobola pelo que haverá «jackpot» no concurso n.º 21 devendo o prémio subir a cerca de 30 mil contos. Com 12 resultados foram escrutinados 12 concorrentes cabendo a cada um 1 366 197$00 e com 11 foram identificados 236 apostadores recebendo 69 467$00.

Quanto ao totoloto, as previsões apontam para três concorrentes com direito ao primeiro prémio (27 mil contos a cada); 2.º prémio: quatro a cinco (4500 contos); 3.º prémio: 426/457 (133 mil escudos); 4.º prémio: 23 526/25 259 (2400$00); 5.º prémio: cerca de 500 mil (186$00).

Acácio da Silva a subir na Volta à Itália

Acácio Silva foi 3.° na etapa de ontem da Volta à Itália, ascendendo ao 13.° posto da geral a um minuto e 34 segundos do líder, o italiano Gianni Bugno.

A classificação geral está assim ordenada: 1.° Gianni Bugno (Itália), 11:48,59 horas; 2.° Eduardo Chozas (Espanha), a 43 segundos; 3.° Daniel Steiger (Suíça), a 57; 4.° Laurent Fignon (França), a 1.08 minutos; 5.° Jockim Halupczok (Polónia), a 1.09; 6.° Marin Lejarreta (Espanha), a 1.10; 7.° Angelo Lecchi (Itália), a 1.12; 8.° Claudio Chiappucchi, (Itália), a 1.15; 9.° Zenon Jaskula (Polónia), a 1.17; 10.° Federico Echave (Espanha), a 1.18; 13.° Acácio Silva (Portugal), a 1.39.

Atletismo

Portugueses vencem em S. Paulo

Mário Silva e Albertina Dias estiveram em evidência no Grand Prémio de São Paulo em atletismo, ao vencerem as provas dos 1500 metros masculinos e 3000 metros femininos, respectivamente.

Mário Silva triunfou com tempo de três minutos e 42.73 segundos, superando o queniano Kip Cheruiyot, segundo classificado, com a marca de 3:42.99.

Albertina Dias impôs-se nos 3000 metros, ao percorrer a distância no tempo de 9:08.89 minutos, batendo a sua rival romena Iulia Nigura, que foi segunda classificada, com 9:10.24.

O IV Grande Prémio de São Paulo ficou marcado pelo domínio dos atletas norte-americanos, que ganharam quase metade das provas, tendo Cuba sido a grande desilusão da competição, ao vencer apenas duas das 14 provas oficiais.

Aurora Cunha: 40 contos ao quilómetro

A portista Aurora Cunha classificou-se na quarta posição numa prova de estrada de 12 quilómetros disputada nos arredores de San Francisco, nos Estados Unidos, ganhando assim 450 contos de prémio, mas longe da vencedora, a inglesa Gil Hunter, que percorreu a distância em 39,19 minutos.

Em masculinos, a vitória pertenceu ao mexicano Arturo Barrios recordista mundial dos 10 mil metros.

Eduardo Santos venceu Maratona de Badajoz

Eduardo Santos venceu a Maratona Cidade de Badajoz, em Espanha, terminando com 2:22.37 horas, enquanto o jugoslavo Okolis Stane foi segundo, a 3.06 minutos.

O espanhol Francisco Garcia foi o terceiro classificado da prova, que contou com a participação de 159 atletas e teve na espanhola Dalia Lopez a vencedora da categoria feminina, com o tempo de 2:55.48 horas.

UNICAR
Comércio de Automóveis, Lda.
VIATURAS NOVAS E USADAS
Peças de origem

VIATURAS USADAS
CONDIÇÕES ESPECIAIS DE PAGAMENTO

Renault 5 GTL 5 p — 1237 cc 1986
Renault 5 GTR 3 p — 1237 cc 1987
Renault 5 TX Extras 1984
Renault 9 GTS 1986
Renault 11 TSE 1986
Alfa Sprint Veloce 1.5 1981
Seat Ibisa 1.2 1987
Renault 21 GTS 1988

Para peças de origem consulte-nos na R. do Telhal

SEDE: R. dos Condes, 37 Tel.: 32 75 23 • 32 75 27 • 32 85 44
Stand Novos: Pr. dos Restauradores, 46 (ABERTO AOS SÁBADOS)
Stand Usados e Loja Peças:ç R. do Telhal, 4-A - Tel. 32 78 21
Loja de Peças 2 • Pr. S. João Bosco, 21-B • Tel.: 60 46 50 / 2
Oficinas: R. Possidónio da Silva, 104 • Tel.: 60 73 06

RENAULT

Europeu de sub-16, na RDA

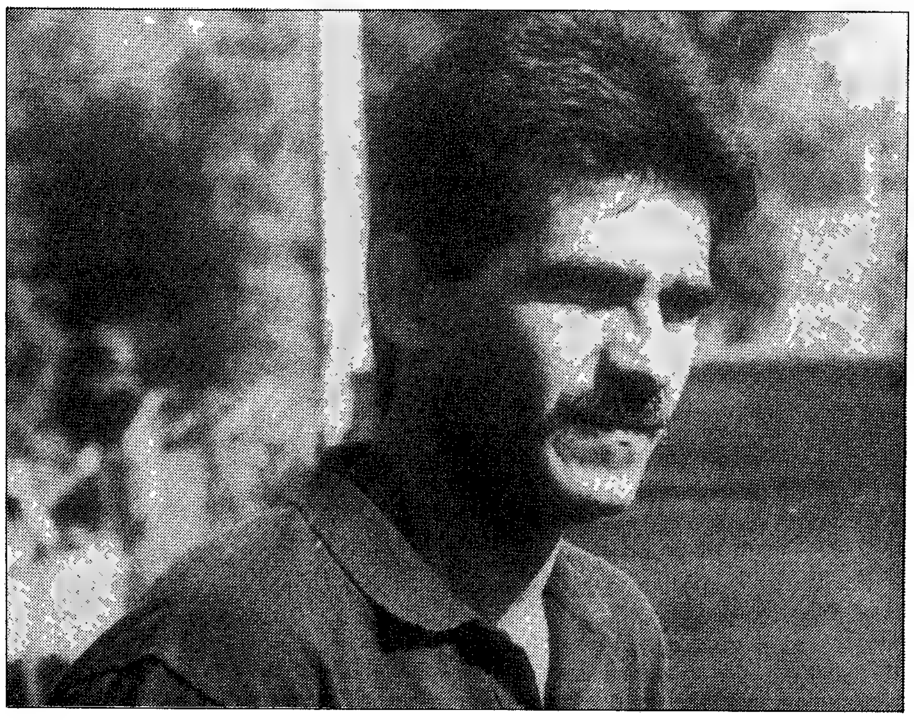
Portugal comprometido precisa de vitória

A selecção portuguesa de juniores B (sub-16) joga hoje a derradeira hipótese de passar à fase final do 8.° Campeonato da Europa em futebol, que decorre na República Democrática Alemã, qualificação só possível caso os jovens «queirosenses» vençam o seleccionado da Dinamarca, que detém o melhor «goal-average» do torneio.

Depois de terem vencido na jornada inaugural a Irlanda do Norte (2-1), a selecção lusitana comprometeu as aspirações à conquista do título europeu depois de ter empatado inespedaradamente frente à Turquia (2-2), num jogo que chegou ao intervalo com Portugal a vencer por 2-0, com golos de Hernâni e Sérgio.

No tempo complementar a equipa portuguesa baixou de rendimento, principalmente após o primeiro golo dos turcos (Mevlot, aos 51 minutos), que marcou também o segundo aos 75), e não mais controlou a partida, acabando o resultado por ser inteiramente aceitável.

Enquanto o treinador turco, Tuzun, disse ter sido «um bom jogo de futebol e sempre a acreditar na vitória», Carlos Queirós considerou que apesar de a partida ter sido «um bom espectáculo que dignificou o futebol juvenil», o franco rendimento dos seus pupilos comprometeu as aspirações, chegando mesmo a adiantar que «actuando assim não merecemos a passagem à segunda fase».



Carlos Queirós: desta vez, nem tudo corre pelo melhor

A equipa portuguesa que alinhou no Estádio Amgoldner, em Sondershausen, perante cerca de mil espectadores, com a Turquia foi a seguinte, sob a arbitgragem de Jiri Ulrich:

Pedro Jesus; Hugo, Alexandre Ribeiro, Litos, Kennedy, Sérgio (Edgar, aos 49 m), Nuno Afonso, Poejo, Hernâni (Nuno Miguel, 63), Nuno Santos e Porfírio.

Futebol lá fora

Marselha: derrota na despedida

O campeão Marselha, jogando sem três dos seus melhores jogadores estrangeiros (Mozer, Chris Waddle e Francescoli), perdeu em casa pela primeira vez no jogo, o último do Campeonato francês, frente ao Lyon, na jornada que teve teve os seguintes resultados:

Auxerre-Nantes, 0-0; Bordéus-Metz, 1-0; Brest-Sochaux, 1-0; Caen-Lille, 2-0; Cannes-Montpellier, 1-1; Marselha-Lyon, 0-1; Mónaco-Racing Paris, 4-0; Mulhouse-Toulouse, 1-0; Paris Saint-Germain-Nice, 2-1; St. Étienne-Toulon, 1-2.

Classificação final: Marselha, 53 pontos; Bordéus, 51; Mónaco, 46; Sochaux, 43; Paris Saint-Germain, 42.

RDA: Três na frente

Na 25.ª jornada do Campeonato da República Democrática Alemã, o Magdeburgo venceu em casa o Chemie Halle e passou assim a partilhar o comando da tabela, de parceria com o Dynamo de Dresden e o Karl-Marx Stadt.

Resultados: Energie Cottbus-Dynamo Dresden, 0-0; Magdeburgo-Chemie Halle, 3-1; Stahl Brandenburgo-Karl-Marx Stadt, 2-2; Rot-Weiss Erfurt-Carl Zeiss Jena, 4-1; Wismut Aue Hansa-Rostock, 3-2; Fortschritt Bischofswerda-Berlim, 1-1; Lokomotive Leipzig-Stahl Eisenhuettenstad, 2-0.

Classificação: Dynamo Dresden, 34 pontos; Magdeburg, 34; Karl-Marx Stadt, 34; Berlim, 30; Carl Zeiss Jena, 29.

Suíça: «Empatas» no comando

O Neuchatel Xamaz e o Lucerna empataram os seus encontros para a 12.ª jornada do Campeonato suíço, pelo que se encontram agora em igualdade de pontos com o Grasshopper e o Lausana no comando da prova.

Os resultados da jornada disputada no fim-de-semana: St. Gallen-Lucerna, 1-1; Grasshopper-Sion, 4-2; Neuchatel Xamax-Lugano, 0-0; Lausana-Young Boys, 2-0.

Classificação: Neuchatel, Grasshopper, Lucerna e Lausana, 27 pontos; St. Gallen e Lugano, 23; Young Boys, 21; Sion, 19.

Espanha: Burgos e Bétis sobem à I Divisão

A uma jornada do termo do Campeonato da II Divisão espanhola, Burgos e Bétis asseguraram já a passagem ao escalão maior, enquanto o Málaga e o Tenerife vão medir forças com o Espanhol de Barcelona e o Desportivo da Corunha, ambos da segunda, num «play-off» de promoção/ despromoção.

O Atlético Madrileno, onde milita o português João Pinto, nesta penúltima jornada foi goleado, sem apelo nem agravo, no terreno do Castilla, filial do histórico Real Madrid, por 4-0.

O Burgos é o virtual campeão, com 48 pontos, enquanto o Atlético Madrileno (filiar do outro Atlético onde milita Paulo Futre), continua a ocupar a penúltima posição da tabela com menos 20 pontos que o Burgos, que quebra assim um jejum de 10 anos de militância no escalão secundário.

Grécia: Título decidido

Quando resta uma jornada para o termo do Campeonato, o Panathinaikos já assegurou a conquista do Campeonato da Grécia, ao empatar, ontem, no recinto do Kalamaria. Os novos campeões somam 52 pontos, seguindo-se o AEK (48), Paok e Olympiakos (45).

Hungria: CSKA no topo

O CSKA de Sófia, já virtual campeão do Campeonato húngaro, empatou no terreno do Dounav, em jogo da 28.ª jornada da prova. Contando agora com 9 pontos de avanço sobre o seu mais directo adversário, o Levsti, que recebeu e venceu o Etur (6.° classificado, com 31 pontos) por uma margem de quatro golos contra um.

Taças: mais duas decisões

Na Jugoslávia, o Estrela Vermelha conquistou o troféu, ao bater na final o Hajduk Split, por 1-0, em jogo disputado em Belgrado, perante 30 mil espectadores.

O golo do triunfo do Estrela Vermelha, que conquistou também o título de campeão do Campeonato, foi marcado por Darko Pancev, aos 13 minutos.

Na Bélgica, FC Liége conquistou a Taça, troféu que não arrebatava há 37 anos, ao bater na final o Germinal Ekeren, por 2-1. Os golos foram marcados por Luc Ernes, logo aos 2 minutos, Gunther Hofman (15) e Nebojsa (82).

Itália: Dino Zoff no Lazio

Depois de na última época ter alcançado o êxito de levar a Juventus de Rui Barros a conquistar a Taça de Itália e a Taça UEFA, o antigo campeão do mundo em 1982 (Espanha), Dino Zoff (ex-guarda-redes da «sequadra-azzurra»), assinou um contrato como técnico do Lazio, clube também da I Divisão italiana. Hoje com 48 anos, Zoff, após assinar o contrato, disse «sentir-se feliz por iniciar uma nova aventura, depois de deixar a Juventus recheada de êxitos».

Andebol portista a subir

O empate do Benfica com o Braga pôs o FC Porto no primeiro lugar

Autêntico «golpe» de teatro na jornada n.º 7 (última da 1.ª volta) da fase final do Nacional da 1.ª Divisão, com os até então guias isolados a deixarem-se surpreender no seu recinto. Contra todas as previsões, o Benfica cedeu um empate no Borges Coutinho perante o Académico de Braga, resultado esse que poderá ter deitado por terra algumas das pretensões dos encarnados renovarem o seu título de campeões nacionais. A vencerem por 9-7 ao cabo da meta-de de inicial, os comandados de Troffin recomeçaram a partida adiantando-se para os 11-7, com resposta pronta dos bracarenses a reduzirem para 10-11 (com 35 minutos). Não dando largas a Appelgreen, o ABC passou a comandar por 13-12 cerca dos 40 min. com um golo de Marinov, assistindo-se depois a um jogo de parada e resposta. Assim, 15-15 aos 45 min. e 17-15 aos 50, tendo Armando Pires feito o 18-16 de contra-ataque a 6-30» do final e um suspiro de alívio fez-se sentir no anfiteatro da Luz. Puro engano, pois logo Alexandrov reduziu para 18-17 (a 5 min.) e muito nervosismo se apoderou dos visitados, que mais nervosos ficaram quando Alexandrov (novamente ele) concretizou um livre de 7 metros (bem assinalado) à entrada do derradeiro minuto. Depois, tudo a ser feito com o coração, a começar em Luís Gomes (remate sem pés nem cabeça a 30 seg.), quase a proporcionar o 19.º golo aos bracarenses, em contra-ataque (má recepção de Carlos Brito), terminando com tentativa desesperada de passe para Paulo Bunze. No final, empate a 18 tentos, com o Benfica a poder queixar-se unicamente de si próprio. O excessio de confiança e os vencedores antecipados têm deitado muita coisa a perder e pensamos que foi o que se passou no final da tarde de ontem.

Pouco antes, na Nave de Alvalade, tinha-se visto um encontro sem história, tal a superioridade evidenciada pelos pupilos de António Cunha. O equilíbrio só marcou presença nos 5 min. iniciais, desfazendo-se a partir daí, coincidindo por casualidade (ou talvez não) com a estrada em palco do jugoslavo Zeljko. Depois, foi o avolumar no marcador para a banda dos «dragões», com estes a aproveitarem os muitos erros dos anfitriões. Deu para tudo, desde «inventar» até golos muitos bonitos, como foi o 14.º dos portistas (dupla bola aérea). Assim, 9-14 na ida para o intervalo, a darem grande margem de conforto para os segundos 30 minutos, onde se viu um FC Porto a meio-gás, a gerir a sua vantagem e, do outro lado, um Sporting mau de mais para ser verdade. Na realidade, muito fraquinha a prestação dos comandados de Manuel Brito, a anos-luz do que já lhe vimos esta época.

Face aos resultados finais verificados (Académica, 17-Vit. Setúbal, 20; Belenenses, 20-Boavista, 18; Sporting, 16-FC Porto, 25 e Benfica, 18-ABC, 18), Benfica e Porto juntaram-se novamente no topo com 49 pontos, seguidos de V. Setúbal (40), ABC (39), Académica e Sporting (36) e Boavista e Belenenses (32).

No próximo fim-de-semana, a segunda volta terá o seu início com a realização da 8.ª jornada com atenção especial no Garcia da Horta. Enquanto se aceitam apostas, eis os resultados da 1.ª volta no programa da ronda: Boavista - FC Porto (24-30), Benfica - Belenenses (22-18), Sporting - V. Setúbal (17-17) e Académica - ABC (18-20).

Jorge Marques

Hóquei em patins

Porto na final dos campeões

Como era previsível, apenas o FC Porto irá prosseguir nas competições europeias de hóquei em patins, já que Benfica, Paço de Arcos e Óquei de Barcelos baquearam frente aos seus opositores. Os «dragões», que na primeira mão haviam vencido o Igualada por 8-4, repetiram a vitória ao vencer nas Antas por 4-2 e irão agora confrontar-se com o Noia para atribuição do título de campeão europeu.

Na Luz, o Benfica esteve à beira de conseguir o «volta face» forçando o seu antagonista ao prolongamento onde, finalmente, a turma portuguuesa iria ceder, sendo afastada (pelo Barcelona) na Taça CERS. Para a mesma competição, o Óquei de Barceloss foi também eliminado pelo Seregno já que na primeira mão perdeu por 2-5 e no segundo confronto não foi além do «nulo» a três golos. Quanto ao Paço de Arcos que na Corunha perdera por 1-11 perdeu, novamente, no seu pavilhão, agora por 4-8, sendo evidente a superioridade do Liceo da Corunha que assim continua na discussão da Taça das Taças.

Basquetebol

Benfica encestou o título

Confirmando a superioridade exercida durante toda a primeira fase do Campeonato Nacional, o Benfica renovou o título ao derrotar o FC Porto nos três primeiros confrontos do «play-off». Um título conquistado com inquestionável mérito já que, ao longo de toda a prova, foi obrigando os seus opositores a «vergaremse» perante uma supremacia notória. Depois de impor duas derrotas, em Lisboa, a equipa treinada pelo norte-americano Tim Shea, não precisou mais de que um jogo no recinto da Antas para resolver a questão. Venceu com toda a naturalidade ainda que para isso tenha contribuído alguma desorientação dos portistas nos derradeiros segundos do confronto.

Atlético tem novo timoneiro

Ângelo Mesquita é o novo presidente da direcção do Atlético Clube de Portugal, após o acto eleitoral realizado ontem na Tapadinha. O novo líder do executivo do clube alcantrense averbou 265 votos enquanto o seu opositor e actual presidente (Orlando Madaleno) não passou dos 143.

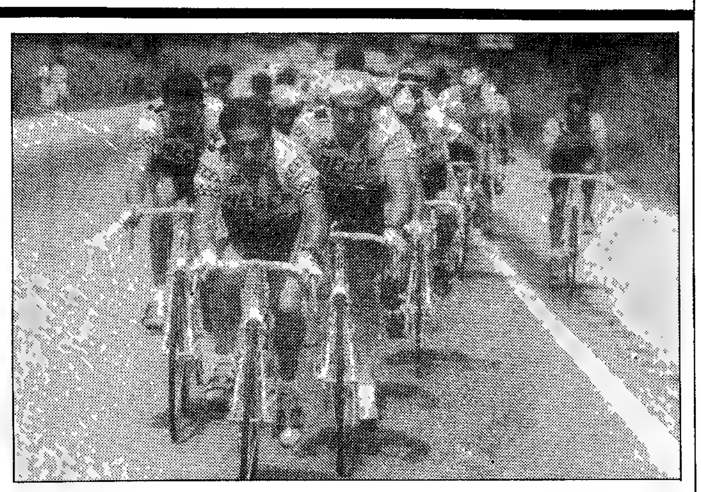
Outros nomes que figuram na lista vencedora: Alfredo Gaspar (presidente da assembleia geral), Trindade Martinez (presidente do conselho fiscal), Nuno Bonneville (presidente substituto), José Almeida Antunes (vice-presidente administrativo), José Feio (vice-presidente para as actividades desportivas) e Agostinho Gil (responsável pelo departamento de futebol).

Vitória francesa no Cascais Open

A francesa Catherine Mothes venceu o primeiro torneio internacional feminino disputado este ano em Portugal, ao bater a brasileira Claudia Chabalgoity, por 6-3 e 6-2, no Cascais Ladies Open.

Com este triunfo, o segundo da sua carreira depois da vitória no torneio de Vigo (Espanha) do ano passado, Catherine Mothes conquistou 3850 dólares (cerca de 580 contos) e 21 pontos para a classificação WITAA, enquanto a Claudia Chabalgoity, couberam 2374 dólares (perto de 360 contos) e 15 pontos.

Na variante de pares, o triunfo coube às espanholas Eva Bes e Virginia Ruano, que derrotaram, surpreendentemente, na final, as holandesas Caroline Vis e Simone Schilder (cabeças de série número um) por 3-6, 6-2 e 6-1.



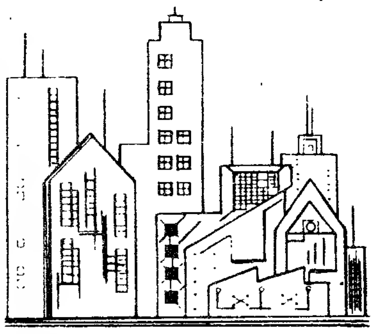
Ciclistas portugueses em início de época

Fernando Baptista veloz no Grande Prémio Abimota

Fernando Carvalho, do Bom Petisco/Tavira, venceu a 12.ª edição do Grande Prémio Abimota/«Duas Rodas».

O vencedor totalizou 12h 55m e 48s e no lugar imediato classificou-se o espanhol Joaquim Martinez, da Artiach-Royal, com mais um segundo.

Classificação final dos dez primeiros: 1.º Fernando Baptista, Bom Petisco/Tavira, 12h 55m 48s; 2.º Joaquim Martinez, Artiach-Royal, 12h 55m 49s; 3.º Joaquim Andrade, Sicasal/Acral, 12h 56m49s; 4.º Neil Stephens, Roartiach-Royal, 12h 56m 16s; 5.º Nentcho Dimitrov, Bom Petisco/Tavira, 12h 56m 19s; 6.º Marco Chagas, Orima/Cantanhede, 12h 56m 25s; 7.º Benjamim Carvalho, Ruquita/Feirense, 12h 56m 27s; 8.º Fernando Carvalho, Ruquita/Feirense, 12h 56m 28s; 9.º António Araújo, Sicasal/Acral, 12h 56m 45ss; 10.º Xavier Grafinandia, Artiach-Royal, 12h 56m 56s.



urbicidade

MEDIADORES OFICIAIS

Av. D. Nuno A. Pereira, 46 r/c-E
2800 ALMADA-PORTUGAL
☎ 2744257-2744256
Telex 61004 TRIALM P — FAX 2743653

VENDEMOS

LISBOA

Av. 5 de Outubro. Prédio devoluto, c/ 14,5 metros frente e 40 metros fundo. Pode-se construir 9 pisos.

—//—

Calçada do Lavra. Prédio devoluto. Lote c/ 440 m², área construção 2206 m². Escritórios 5 pisos e c/v.

—//—

Campo Grande. Lote c/ 464 m². Aprovado 10 pisos. Área de construção cerca de 4000 m².

—//—

Campo Pequeno. Terreno c/ cerca de 23 000 m². Aprovado para: Edifícios de escritórios, Hotel de Apartamentos, Centro Comercial e Parques de estacionamento. Área total de construção; 143 000 m².

—//—

R. Rosa Araújo (junto ao Hotel Altis) Lote c/ 450 m², aprovado, s/loja 426 m², cave, entrada e loja 426 m², r/c, loja 426 m² 8 pisos c/3918 m² área construção, 3 c/v est.

—//—

Moradia. Centro a 50 metros praia. R/c, 1.º andar e terraço. Vista panorâmica. Salões, casa jantar, 4 quartos c/roup. Jardim e quintal c/ furo.

—//—

R. Barata Salgueiro — R. Rodrigo da Fonseca.
Lote c/900 m², aprovada, 7 pisos. Área construção acima do solo 3276 m², abaixo do solo 1379 m².

MARISOL

Moradia de luxo c/piscina. Casa p/caseiro, barbecue e garagens. Área do lote 1100 m².

—//—

Lote de terreno c/420 m². Aprovado para moradia.

—//—

Lote de terreno c/700 m², murado. Proj. aprov. e licença paga. Para moradia.

CRUZ DE PAU — AMORA

Moradia. R/c c/ 400 m², 1.º e 2.º andares c/ 5 ass. cada. Central. Óptimos acessos.

VERDIZELA

Lote c/ 1050 m², urbanizado, c/ todas as infra-estruturas.

VÁRIOS

CORROIOS. Na Estrada Nacional 10. Urbanização aprovada para 310 fogos.

—//—

SOBREDA DE CAPARICA. Urbanização aprovada para 80 fogos.

—//—

SOBREDA DE CAPARICA. Andares prontos a habitar c/ 4 ass.

—//—

FERREIRA DO ZÊZERE/Lagoa de Dornes. Quinta c/3 ha, murada, casa c/ 10 ass., sótão e cave amplas. Adega, estábulos, pomar e vinha. Muita água, electric. e telef., junto a estrada alcatroada.

—//—

FERRAGUDO-ALGARVE. Junto à praia. Área total 92500 m², área a urbanizar 57 000 m², piscinas, courts de ténis, centro comercial, parques.

—//—

COVA DA PIEDADE-ALMADA. Unidade industrial c/ 1000 m² de área. Pronta a laborar. Bons acessos e localização.

uma cidade limpa
é uma cidade viva

CML

AGENDA

I Série N.º 116
Dia 21 de Maio

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério da Educação

Portaria n.º 382/90:
Autoriza a Universidade de Aveiro a conceder o grau de licenciado em Engenharia Física e regula o respectivo curso.

Portaria n.º 383/90:
Aprova os modelos de carta de curso e de diploma dos graus de bacharel e de licenciado e do diploma de estudos superiores especializados do Instituto Politécnico do Porto.

N.º 115
Dia 19 de Maio

SUMÁRIO

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Avisos:
Torna público que se encontra concluído por ambas as partes o processo de aprovação do Acordo sobre Cobrança de Alimentos entre a República Portuguesa e a República de Cabo Verde, assinado em Lisboa.

Torna público terem as ilhas Cook aceite as emendas aos artigos 24.º e 25.º da Constituição da Organização Mundial da Saúde.

Torna público que o Governo da Irlanda depositou, junto do Secretário-Geral das Nações Unidas, os instrumentos de ratificação do Pacto Internacional Relativo aos Direitos Civis e Políticos e do Pacto Internacional Relativo aos Direitos Económicos, Sociais e Culturais.

Torna público ter o Governo de Trindade e Tabago depositado, junto do Secretário-Geral das Nações Unidas, o instrumento de ratificação da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres, adoptada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 18 de Dezembro de 1979.

Torna público que o Governo da Somália depositou, junto do Secretário-Geral das Nações Unidas, os instrumentos de adesão ao Pacto Internacional Relativo aos Direitos Económicos, Sociais e Culturais, ao Pacto Internacional Relativo aos Direitos Civis e Políticos e ao Protocolo Facultativo ao Pacto Internacional Relativo aos Direitos Civis e Políticos.

Torna público terem os Governos da Costa do Marfim, do Togo e do Níger depositado os instrumentos de adesão da Convenção Internacional sobre o Sistema Harmonizado de Designação e de Codificação de Mercadorias, com as alterações introduzidas pelo Protocolo Adicional à referida Convenção.

Ministério da Educação

Portaria n.º 381/90:
Autoriza o Instituto Politécnico de Beja, através da Escola Superior de Educação, a conferir o grau de bacharel em Informática e aprova o respectivo plano de estudos.

PESSOAS & FACTOS

Ivento português: - semáforo solar evita cancro de pele

Victor Manuel de Sampaio e Mello, gnomonista e investigador, inventou um instrumento que, baseado nos quadrantes solares ditos 'de altura' e Este-Oeste', indica num mostrador colorido de verde, amarelo e vermelho (as cores utilizadas nos semáforos de trânsito rodoviário), no qual se projecta a sombra de um pequeno estilete indicador dos bons e maus períodos para banhos de sol ao longo do ano.

Este tipo de semáforo solar, denominado «Solban», permite ao banhista, que evita expor-se aos raios solares nos períodos de maior perigo para a pele, das 10 da manhã às 2 da tarde, leve em conta que no Verão existe diferença no tempo solar local, ou verdadeiro, cerca de uma hora e 36 minutos.

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território
Céu geralmente pouco nublado e vento fraco soprando moderado de Noroeste para a tarde, em especial na faixa costeira ocidental.
Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã
Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado nas regiões do Norte, onde ocorrerão aguaceiros fracos. Vento fraco ou moderado de Noroeste. Neblinas ou nevoeiros matinais.

Depois de amanhã
Céu pouco nublado Vento geralmente fraco de Noroeste. Neblinas matinais.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento Nordeste geralmente moderado, tornando-se fraco.
Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação Noroeste de 1 metro, na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

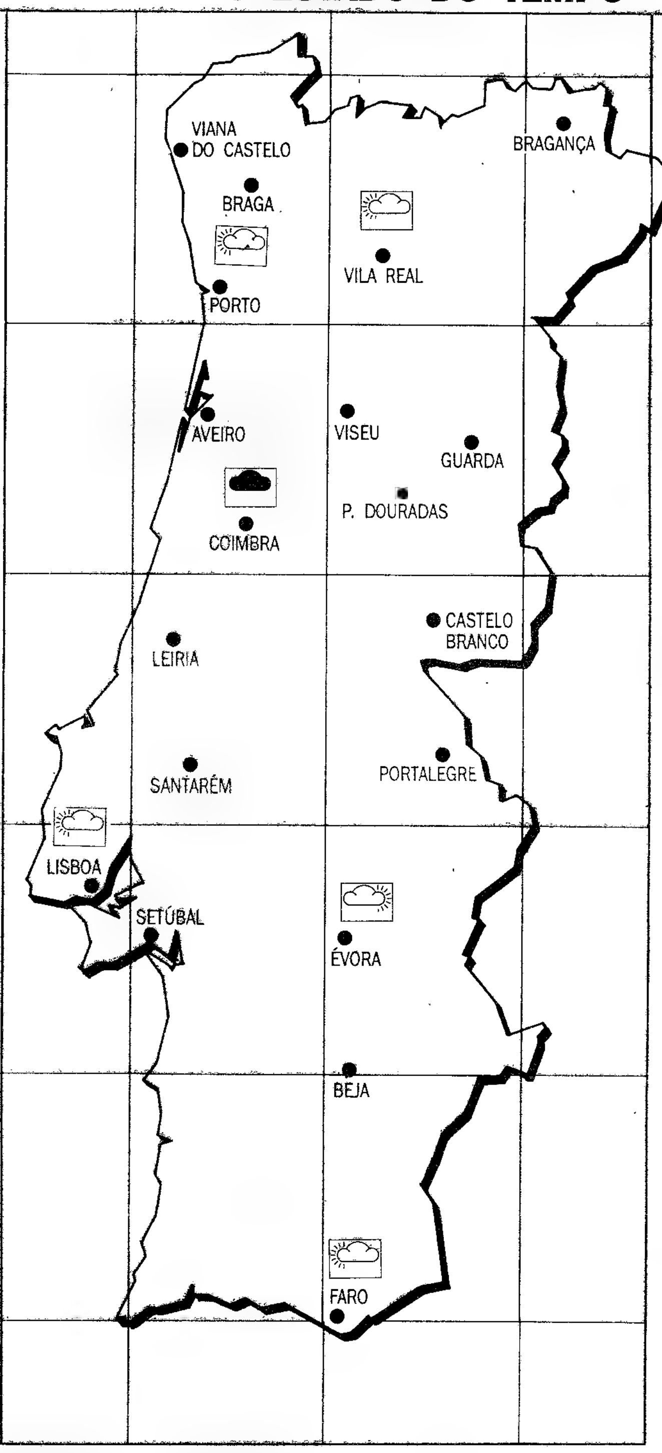
No Funchal
Períodos de céu muito nublado e vento fraco.

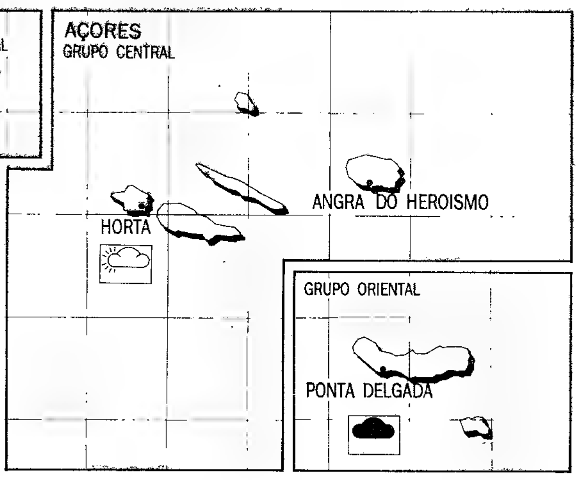
AÇORES

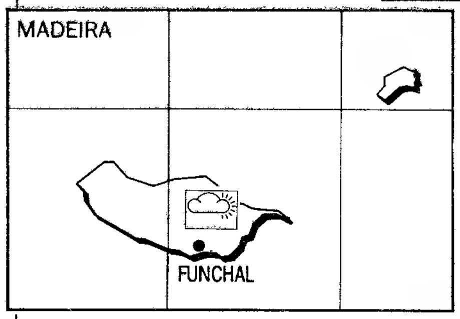
Grupo Ocidental
Períodos de céu muito nublado e vento fraco.

Grupos Central e Oriental
Períodos de céu muito nublado. Vento Oeste moderado, tornando-se fraco. Aguaceiros fracos pela madrugada.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica







Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
—	—	06.47	0,8m
13.22	3,4m	16.13	0,8m

Amanhã

01.44	3,5m	07.38	0,6m
14.14	3,6m	20.04	0,6m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	8	8	P. nub.
V. Castelo	11	11	Neblina
Vila Real	7	7	P. nub.
Porto	11	11	Neblina
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	11	11	Neblina
C. Carvoeiro	15	16	M. nub.
C. Branco	10	10	P. nub.
Portalegre	9	11	Neblina
Lisboa	13	14	Neblina
Évora	11	12	Neblina
Beja	9	10	Nevoeiro
Faro	15	15	Limpo
Sagres	14	14	P. nub.
P. Delgada	13	14	M. nub.
Horta	16	16	M. nub.
Funchal	14	15	P. nub.

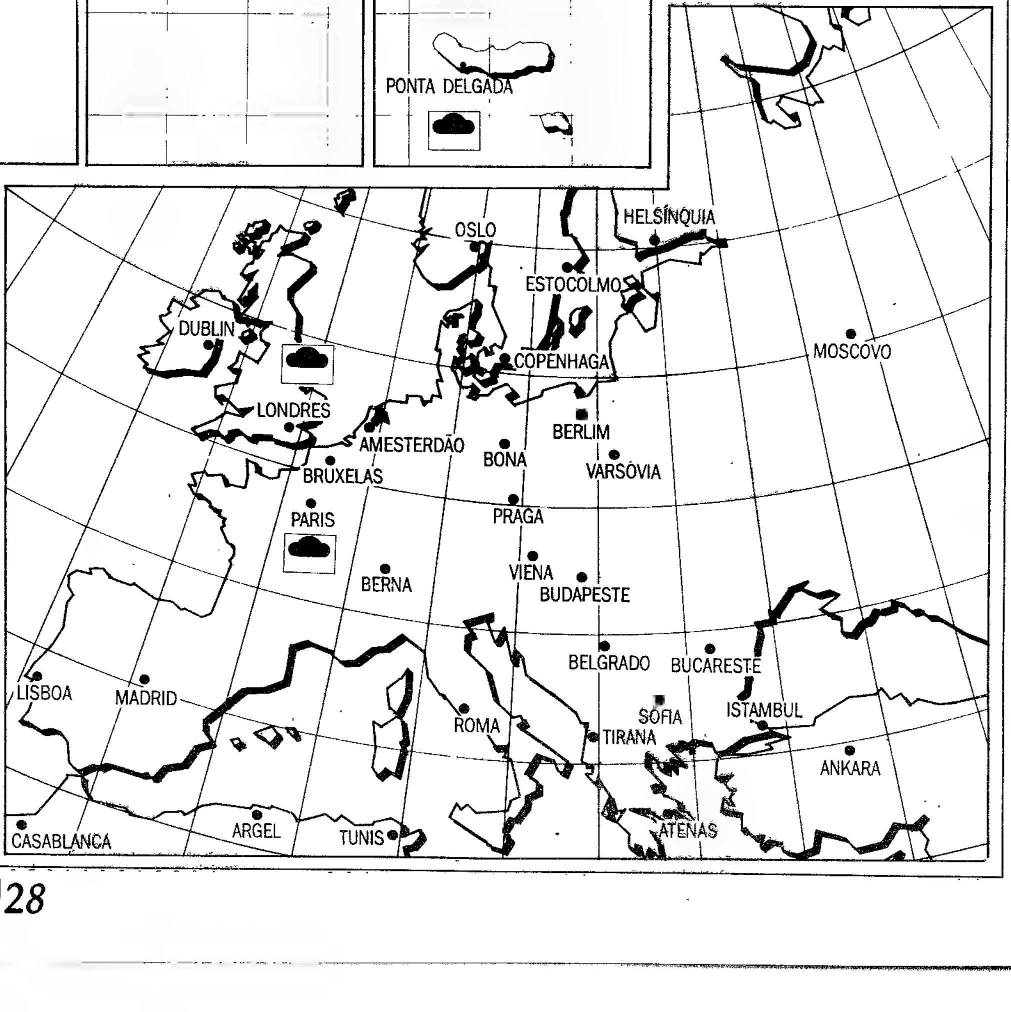
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 21; Porto, 19; Faro, 24; P. Delgada, 19; Funchal, 20.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	10	12	P. nub.
Londres	9	11	Encoberto
Paris	13	13	Chuva
Bruxelas	13	13	Encoberto
Amesterdão	8	14	M. nub.
Genebra	13	14	Aguaceiros
Roma	15	18	Trovoada
Oslo	9	12	M. nub.
Copenhaga	7	13	Limpo
Estocolmo	9	9	Aguaceiros
Berlim	11	14	P. nub.
Viena	10	12	Encoberto
Varsóvia	2	9	P. nub.
Atenas	17	19	P. nub.
Moscovo	3	8	M. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	12	18	Chuva
Houston	22	30	Quente
Los Angeles	12	19	Encoberto
Montreal	6	14	P. nub.
Nova Iorque	11	23	P. nub.
S. Francisco	11	17	Neblina
Toronto	10	15	Aguaceiros
Vancover	7	15	Aguaceiros
Washington	14	24	P. nub.
Hong Kong	21	28	Aguaceiros
Melbourne	12	17	P. nub.
Pequim	13	24	P. nub.
Perth	11	23	Encoberto
Singapura	26	34	Neblina
Sydney	12	18	Aguaceiros
Tóquio	16	24	Aguaceiros
Wellington	10	17	Aguaceiros



AGENDA

FARMÁCIAS LISBOA SERVIÇO PERMANENTE

Ajuda: Lídia Almeida, Calçada da Ajuda, 170, Tel. 3637318; **Alvalade:** Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C, Tel. 897958; **Avenidas Novas:** Valle, Av. Visconde Valmor, 60-B, Tel. 773043; **Benfica - Igreja:** Marques, Estrada de Benfica, 648, Tel. 700096; **Camões:** Andrade, Rua do Alecrim, 125-127, Tel. 322328; **Campo Santana:** Peninsular, Campo Mártires da Pátria, 117-118, Tel. 527308; **Campolide:** Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A, Tel. 680627; **Lapa:** Rodrigues & Aires, Rua da Lapa, 52-54, Tel. 662246; **Lumiar:** Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B, Tel. 7590942; **Mercado do Chile:** Alcalis, Rua Carvalho Araújo, 46-B, Tel. 8141708; **Penha de França:** Central da Penha, Rua da Penha de França, 58-60, Tel. 8149245; **Vale Formoso - Poço Bispo:** Barros Gouveia, Rua Vale Formoso de Cima, 79-B, Tel. 8595180; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Moscavide:** Império, Rua 1 de Maio, 48-A, Tel. 2513234; **Pontinha:** Pontinha, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A, Tel. 479220.

REFORÇO

À Av. Estados Unidos N.º 9: Nova Lisboa, Rua Guilhermina Suggia, 12, Tel. 887721; **Sapadores:** Zema, **Rua General Justiniano Padrel,** 21-A, Tel. 832580; **Campo de Ourique:** Lobel, Rua Infantaria 16, 98-B, Tel. 688807; **Estefânia:** Mundial, Largo D. Estefânia, 10, Tel. 545578; **João XXI:** Onilda, Av. João XXI, 13-A, Tel. 886848; **Martim Moniz:** Ferrão, Rua da Mouraria, 12-16, Tel. 860464; **Olivais Norte:** Central Olivais, Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C, Tel. 315539; **Palhavã:** Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A, Tel. 3469120; **Parque Eduardo VII:** Gomes, Rua Rodrigo da Fonseca, 101-A, Tel. 682333; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Santo Amaro:** Correia Azevedo, Rua Luís Camões, 42-B, Tel. 363625; **Brandoa - Amadora:** Tavares Matos, Rua Irene Lisboa, Lote 108, Tel. 993220; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Miraflores, R. Dr. Ant.º Granjo, 2-B, Tel. 4101161. Permanente; **Linda-a-Velha:** Moderna, Av. 25 Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A-r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro, Tel. 4430485. Permanente; **Parede:** Grincho, Av. República, 87-A, Tel. 2471204. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Parque, Arcadas do Parque, 3, Tel. 260191. Até às 22 h; **Cascais:** Misericórdia, R. Regimento 19, 41, Tel. 280141. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Jardim, Av. Conde Oeiras, 120 - Reboleira, Tel. 4953424. Permanente; Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A, Tel. 4938149. Até às 22 h; **Damaia:** Lemos, R. Goa, 21-A, Tel. 971121. Até às 22 h; **Queluz:** Azeredo, Av. Quit.ª Mirante, Lote 47, Tel. 435087. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167, Tel. 9248120. Permanente; **Algueirão:** Rodrigues Rato, R. Morés, 1, Tel. 9212038. Permanente; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Cargaleiro Lourenço, Calç. Rinchoa, 38, Tel. 9262006. Até às 22 h; **Sintra:** Teresa Garcia, L. D. Afonso, 3-A, Tel. 9232747. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Pragal, R. Dt.ª Pragal, 58, Tel. 2767126. Permanente; **Cova da Piedade:** Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A, Tel. 2764466. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31, IJ, Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Moderna, R. Dr. Ant.º Elvas, 8-A, Tel. 2290305. Até às 22 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 23, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Barreiro:** Moderna, R. D. Henriqueta G. Araújo, 12, Tel. 2073443. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nunes, R. 1.º Maio, 106-A, Tel. 2043532. Até às 19 h; **Corroios:** Universo, Est. Nacional, 10, Tel. 2535484. Até às 19 h; **Amora:** Nobre Guerreiro, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314, Tel. 2212923. Permanente; **Aldeia Paio Pires:** Central, Est. Nacional, 9, Tel. 2210365. Até às 22 h; **Montijo:** União Mutualista, R. Almirante Reis, 93, Tel. 2310035. Até às 22 h.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

Impedir concorrência estrangeira

Os sócios do Sindicato Nacional dos Empregados dos Serviços Administrativos da Aeronavegação estão especialmente interessados em evitar a concorrência de empregados estrangeiros. A proposta de revisão do seu contrato colectivo de trabalho, apresentado pelo Sindicato à Rena (Representantes das Empresas de Navegação Aérea) foi objecto de uma contraproposta desta, recebida há cerca de dez dias pelo primeiro organismo. Acontece, porém, que os dirigentes sindicais, baseados na opinião expressa da maioria dos sócios, consideram inaceitável a contraproposta.

Mercado Comum Peninsular

Toda a Imprensa espanhola dá o maior relevo à visita do Presidente do Conselho. Considera-se que ela pode ter grande repercussão quanto às relações entre os dois países em diversos domínios, nomeadamente ao económico, falando-se, inclusive, na possibilidade de se criar uma espécie de Mercado Comum Peninsular. No plano diplomático, entende-se que esta visita do prof. Marcello Caetano é susceptível de dar vida nova a uma situação que foi esfriando a partir de 1963, ano do último encontro (em Mérida) entre Franco e Salazar.

TV na Feira do Livro

Tentando lutar contra uma possível fuga de público, amanhã, na altura da transmissão do Festival da Canção Portuguesa, a Comissão da Feira do Livro pensa colocar aparelhos de TV no recinto.

EFEMÉRIDES

1956

• Os EUA fazem explodir a sua primeira bomba de hidrogéneo.

1965

• O ministro da Educação do regime de Salazar, Galvão Teles, extingue, através de decreto a Sociedade Portugesa de Autores, na sequência de esta ter atribuído o Prémio Camilo Castelo Branco ao poeta angola Luandino Vieira.

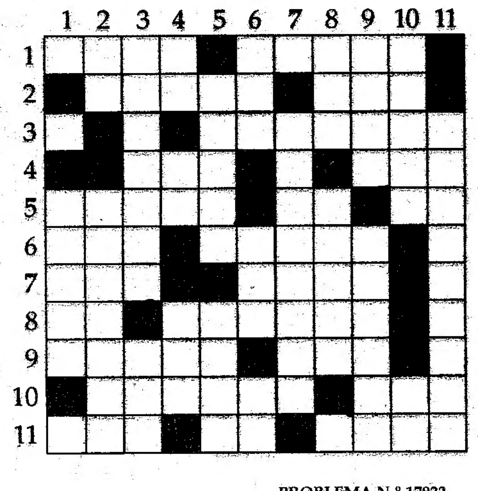
1981

• Surge o escândalo em Itália, com a publicação dos nomes dos membros da loja maconica «P-2» de que fazem parte políticos, militares e banqueiros.

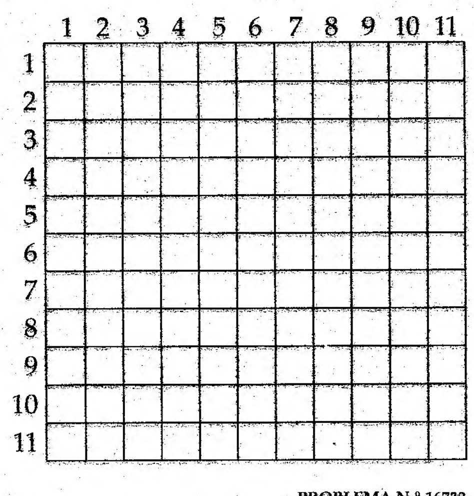
1989

• Iulia Sukhanova é eleita a primeira «Miss URSS», vencendo 34 finalistas.
• Morre o Prémio Nobel de 1972 para as Ciências Económicas, o economista sir John Nicks, com 85 anos e opositor da teoria económico-monetária em vigor actualmente no Reino Unido.
• O Egipto volta à Liga Árabe anos depois de a ter abandonado.
• Os manifestantes de Tiananmen continuam a resistir, morrem dois estudantes em greve da fome há uma semana, os protestos alastram a toda a China e pede-se a demissão do primeiro-ministro, Li Peng.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17922



PROBLEMA N.º 16732

PROBLEMA N.º 17922

HORIZONTAIS:

1 - Lago de Itália. Celebra em verso.
2 - Papas de mandioca. Oásis.
3 - Dormis (pop.).
4 - Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Pequeno símio do Brasil.
5 - Cidade do estado do Paraná. Abreviatura de Santíssimo. Sentidas condolências.
6 - Elemento grego de composição de palavras que exprime a ideia de vida. Cartas geográficas.
7 - Duna na Suécia. Gorgulho tropical.
8 - Doutor. Sensual.
9 - Freguesia do concelho de Coimbra. Claridade.
10 - Gemesse. Piedosa.
11 - Artigo indefinido. O sono das crianças. Rio dos Estados Unidos.

VERTICAIS:

1 - Artigo definido. Pároco.
2 - Abreviatura que se usa em música. Fechariam as asas para descer mais depressa.
3 - Delicados. Esteiro.
4 - Sufixo que designa estado. Seguia. Designação genérica das plantas herbáceas.
5 - Igualmente. Tosto.
6 - Filtro. Rio da Suíça. Solitário.
7 - Replica.
8 - Palavra chinesa que significa sul e que entra na composição de muitos nomes geográficos. Curai. Artigo definido.
9 - Irmãs da mãe. Escavação dissimulada.
10 - Cantigas. Dois em romano.
11 - Indivíduo que tem a seu cargo o arranjo da sacristia de uma igreja.

PROBLEMA N.º 16732

HORIZONTAIS:

1 - Cidade da Índia. Antes do meio-dia.
2 - Cidade lendária bretã, que teria sido tragada pelas ondas no século IV ou V. Aproxima.
3 - Aldeia de Itália. Sufixo que designa estado.
4 - Moderato. Germinaram.
5 - Soluçariam.
6 - Bálsamos. Parte do lombo dos bovinos entre a pá e o cachaço.
7 - Glóbulos. Estéril.
8 - Prata (s.q.). Pancadas com o taco (na bola de bilhar).
9 - Poisar no mar (o avião). Cobalto (s.q.).
10 - Rir sem ruído. Pertences.
11 - Isolado. Vassouraras o forno depois de aquecido.

VERTICAIS:

1 - Um dos estados dos EUA. Suspiros.
2 - Apareceram em lugar alto.
3 - Maldições.
4 - Diz-se do indivíduo que vive em mancebia. Grande quantidade.
5 - Defrontara.
6 - Gálio (s.q.). Aqui está. Apre!
7 - Além. Antes de Cristo. Caminhar.
8 - Vê. Amarissa. Batráquio.
9 - Grande quantidade. Título de uma das mais belas tragédias de Corneille.
10 - Cidade e porto no golfo da Guiné setentrional, na Costa do Ouro. Devorador.
11 - Ruim. Sensíveis.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 921

HORIZONTAIS: 1 - A. RAZÃO. DÁ. 2 - Baal. Traída. 3 - Amimarão. Im. 4 - Zama. Cão. 5 - Sovacos. 6 - Cãs. Recos. 7 - Oaio. Sabino. 8 - SS. SSa. Ás. 9 - Taça. Aoros. 10 - Ir. DI. 11 - Sacuda. Essa.
VERTICAIS: 1 - Abaá. COSTAS. 2 - Am. Baasa. 3 - Raiz. Si. CCC. 4 - Almas. Ova. 5 - Amor. Id. 6 - Atravessara. 7 - Ora. Acaso. 8 - AO. COBARDE. 9 - DI. Cosi. Ois. 10 - Adias. Nas. 11 - Amo. Nós. Ba.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 731

HORIZONTAIS: 1 - Valadares. 2 - Amor. Aula. 3 - Loca. Li. Nab. 4 - Dia. Abarcar. 5 - Irra! Os. Ari. 6 - Ga. Ter. Ás. 7 - ER. Rugas. Lo. 8 - Matar. Lupus. 9 - Maceraram. 10 - Rã. Anatem. 11 - Luar. Só. Ana.
VERTICAIS: 1 - Valdigem. Pl. 2 - Amoiraram. 3 - Locar. Tara. 4 - Ara. Atracar. 5 - Eure. 6 - Aalborg. Ras. 7 - Ruias. Alano. 8 - El. Asura. 9 - Sancas. Pata. 10 - Aar. Lumen. 11 - Lúbricos. Ma.

PROVÉRBIO:
A RAZÃO DÁ COSTAS AO COBARDE.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
PALPITAÇÕES
Filme de Ron Underwood
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
Filme de Paul Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
MISS DAISY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
QUASE UMA FAMÍLIA
Filme de Johnathan Kaplan
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
ADEUS AO REI
Filme de John Milius
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
PAPITAÇÕES
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
A VIDA E O AMOR
Filme de Amy Jones
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 5
HENRIQUE V
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 7
MISS DAISY
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

AMOREIRAS 10
QUASE UMA FAMÍLIA
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
O HARÉM DE ARQUIMEDES
Filme de Mehdi Charef
M/16 anos - Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
ADEUS AO REI
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer
SUPERMUNDO DOS BACANAIS
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
O CLÃ DOS GUERREIROS
Filme de Franc Roddam
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
TANGO E CASH
M/16 anos - Às 14.00, 16.30 19.00 e 21.30
O PELOTÃO DA MORTE
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
AMIGOS E DETECTIVES
M/16 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
FLORES DE AÇO
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
CONCURSO SEXUAL
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

O EXPRESSO DE CASABLANCA Com Jason Connery/Glen Ford
Brevemente, estreia em Lisboa

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
MÚSICA PARA SI
Filme de Solveig Nordiund, às 18.30
THE CIRCLE
Filme de Frank Borzage, às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
DIABO NO CORPO
Filme de Marco Bellocchio
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
POLÍCIAS AO ATAQUE
Filme de Richard Benjamin
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
JUVENTUDE EM FÚRIA
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA I
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
QUASE UMA FAMÍLIA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037
AUDITÓRIO 1
A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuytten
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15
AUDITÓRIO 2
FILHA DA MÃE
Filme de João Canijo
M/16 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
A SOMBRA DE EMA
Filme de Soeren Kragh - Jacobsen
M/6 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
QUASE UMA FAMÍLIA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
DEZ CONVITES PARA A MORTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
BELA DE MAIS PARA TI
Filme de Bertrand Blier
M/12 anos - às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
POLÍCIAS AO ATAQUE
M/16 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
ADEUS AO REI
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
QUASE UMA FAMÍLIA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
HONRA E VINGANÇA IV
Filme de Dickson Boon
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
LINHA QUENTE
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2
POLÍCIAS AO ATAQUE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.º Antão - T. 326305
A LEGENDA DAS 3 ESTÁTUAS
Filme de Leo Fong
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
BELA DE MAIS PARA TI
M/12 anos - Às 15.00, 16.45, 18.30, 20.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4
O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE DELA
M/18 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
TEMPO DOS CIGANOS
Filme de Emir Kusturica
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2
PALPITAÇÕES
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuyten
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
RAID SOBRE O INFERNO VERMELHO
Filme de Christian Ingvordsen
M/12 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
BLACK - MISSÃO DROGA
Filme de Frank Patterson
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado
T. 2905011
Sala 1
LIGAÇÕES SUJAS
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30
Sala 2
REGRESSO AO FUTURO II
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
QUASE UNA FAMÍLIA
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS MIRAMAR
Sala 1
Telef. 2841769
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15
Sala 2
O MEU PÉ ESQUERDO
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
POLÍCIAS AO ATAQUE
M/12 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
Sala 1
BELA DE MAIS PARA TI
M/12 anos - às 15.15 e 21.30
Sala 2
LIGAÇÕES SUJAS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759
Sala 1
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45
Sala 2
QUASE UMA FAMÍLIA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

9.º Juízo

ANÚNCIO

No dia 5 de Junho de 1990, pelas 10.30 horas, no 9.º Juízo Cível de Lisboa, e nos autos de Carta Precatória n.º 34/90, vinda do Tribunal da Comarca de Sintra 3.º Juízo 2.ª secção, extraída dos autos de Execução Ordinária n.º 122/78 em que são Exequente Macoreli — Materiais de Construção e Revestimento, SARL e Executada Construções Jerónimo, Lda., com sede na Rua Um à Estrada Consigliere Pedroso, lote 41, em Queluz de Baixo, hão-de ser postos em praça, pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lanço oferecido acima do valor de Esc.: 660 672$00, os bens a seguir discriminados:
Verba única:
As fracções autónomas designadas pelas letras «G», a que corresponde o 1.º andar C, a letra «P», a que corresponde o 3.º andar C e a letra «Q», a que corresponde o 3.º andar D, do prédio urbano em regime de propriedade horizontal, sito na Rua Um à Estrada Consigliere Pedroso, lote 41, em Queluz de Baixo, descrito na Conservatória do Registo Predial de Oeiras, sob o n.º 16 674 a fls. 126 v.º, do L.º B-54 e inscrito na matriz predial urbana da freguesia de Barcarena, sob o art.º 1747.

Lisboa, 30 de Abril de 1990

O Juiz de Direito
Alberto António Moreira Mira

A Escrivã Adjunta
Maria José Gonçalves

DL 1.ª Pub 21/5/90

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS

ANÚNCIO

2.º Juízo 2.ª Secção

FAZ-SE SABER que nos autos de Acção Especial de Despejo n.º 162/89, em que é Autora Docelina da Conceição Ferreira Pedro da Silva Pires e Réus Manuel Eduardo Morbey Nagareth e mulher Maria Luísa Morbey Nagareth, residentes em parte incerta, com última residência conhecida no B.º Comendador Joaquim Matias, lote 42-2.º Esq.º — Tardoz, em Paço de Arcos, ficam estes réus citados para comparecerem pessoalmente ou se fazerem representar por procurador com poderes especiais para transigir, sob pena de multa, neste Tribunal Judicial de Oeiras, no próximo **dia 12 de Junho de 1990, às 14,30 horas**, a fim de ter lugar a tentativa de conciliação designada nos referidos autos e ainda para, no caso da mesma se frustrar, tem o prazo de 10 DIAS a contar daquela data, finda a dilação de TRINTA DIAS, para contestar querendo a referida acção, sob a cominação de virem a ser condenados no pedido, que consiste em ser decretado o despejo no prédio objecto da acção.

OEIRAS, 20 de Março de 1990

O Juiz de Direito
Rui Machado e Moura
O Escrivão Adjunto
Herondino Calejo Rodrigues

«DL» 1.ª Pub. 21/5/90

VIVA A ALEGRIA

Alegre Show Infantil que está a percorrer o País, não deve deixar de oferecer este espectáculo às crianças da sua localidade.
Preços especiais para Câmaras, Juntas de Freguesia, Escolas e Comissão de Festas; SHOW com Música — Canções, Ilusionismo, Palhaços, Ventriloquia, Grupo Tempo Útil, etc...
Solicite a nossa Cassete Vídeo com todo o Show Filmado ao Vivo.
Reservas pelos Telefones: 54 05 32 - 54 33 12 - 989 45 84 - 92 75 50 93, ou: — VIDEOPAX - ESPECTÁCULOS, Rua Pinheiro Chagas, 19-A, Sala 214 — 1000 Lisboa.

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

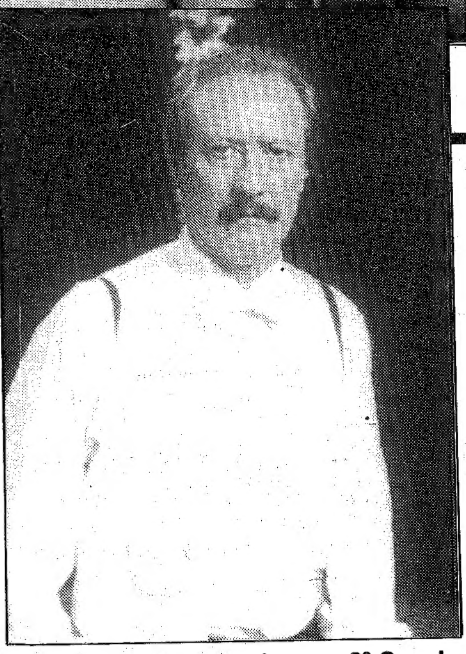
17.35 - A HORA DO LECAS
18.30 - O SÍTIO DO PICA PAU AMARELO
11º episódio
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
116º episódio
21.15 - CLUBE DE SUBSCRITORES
31º programa, com a participação musical de Paco Bandeira
21.45 - REENCONTROS
4º episódio: Freddy e Jane visitam a família em Longbridge Hall, onde Freddy comemora o seu 21º aniversário. No entanto, nem tudo corre pelo melhor para Freddy que, de repente, se vê interrogada por Tony, irmão de Jane, que é membro da RAF. Mas, depois da festa de anos, Tony vai ter com Freddy, por quem sente uma grande atracção. Os dois passam a noite juntos e acabam por decidir casar. Durante a cerimónia, Freddy reconhece Jock, um dos homens que está perdidamente apaixonado por ela. Em Paris, entretanto, Delphine recomeça as filmagens de um novo filme.
22.45 - CHUVA DE MAIO
4º episódio
23.40 - 24 HORAS
00.10 - UM DIA...
00.20 - REMATE
00.35 - CARTAS DE HUMOR
51º programa, com Rita Ribeiro

RTP-2

16.25 - BATALHA PELO PLANETA
1º episódio
16.55 - PORTUGAL DE NOME INTEIRO
1º episódio
17.20 - ITÁLIA/90
8º episódio
18.15 - TELEMERCADO

No 1º canal às 21.45, o 4º episódio de «Reencontros"

18.30- O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
108º episódio
19.15 - ESPAÇO INFANTIL
19.50 - CLÁSSICOS DA TV
«Reviver o Passado em Brideshead», 6º episódio
20.40 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - ACERTO DE CONTAS
22.00 - TEATRO PORTUGUÊS
«Rosas e Aplausos para Isabel»: com Eugénia Bettencourt e Henrique Viana como intérpretes, trata-se de um original de Jaime Salazar Sampaio que, para além de outras leituras possíveis, nos fala, de modo não realista, e muito menos naturalista, da específica identidade dos actores enquanto tais, das fronteiras fugidias que separam o eu dos eus que, ao longo das suas carreiras vão interpretando, da área difusa entre o real e o mítico. Realização de Fernando Midões, cenografia e criação de espaços de José Conde Reis e produção de Mary Van Dunen.
22.45 - ENTREGA DE PRÉMIOS DO FESTIVAL DE CINEMA DE CANNES



Em «Teatro Português», no 2º Canal às 22 horas, a peça de Jaime Salazar Sampaio «Rosas e Aplausos para Isabel», com Henrique Viana (na foto) e Eugénia Bettencourt

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - DALLAS
14.15 - PONTO POR PONTO
15.45 - MATINÉE
17.30 - A HORA DO LECAS
18.30 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.20 - BOLETIM METEOROLÓGICO PARA A AGRICULTURA
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.09 - DIREITO DE ANTENA - CGTP/IN
20.15 - BOLETIM AGRÁRIO
20.20 - VALE TUDO
21.20 - PRIMEIRA PÁGINA
22.30 - CRÓNICA DO CRIME
23.25 - 24 HORAS
23.55 - UM DIA...
24.00 - REMATE
00.15 - CARTAS DE HUMOR

RTP-2

14.02 - PRIMEIRO JORNAL
14.15 - ESPAÇO INFANTIL
14.35 - FILHOS E FILHAS
15.00 - AGORA, ESCOLHA!
16.25 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS
16.45 - CONTOS CONTADOS
17.05 - O HOMEM NA MARGEM
18.10 - TELEMERCADO
18.25 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.10 - ESPAÇO INFANTIL
19.45 - CLÁSSICOS DA TV
20.40 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.25 - CINEMAGAZINE
21.45 - CINEMADOIS
23.50 - UNIVERSIDADE ABERTA

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...

BLAUPUNKT
Grupo **BOSCH**
Um pequeno ponto faz a diferença

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES
SOS CTC
OS PROFISSIONAIS DO SOM, TELEVISÃO E DO VÍDEO
Trabalhamos hoje com a tecnologia do amanhã
27 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRÓNICA
Reparamos hoje em sua casa, o seu ***TV*** *ou* ***VÍDEO***
Frota equipada com rádio-telefone para maior
RAPIDEZ e EFICIÊNCIA
24 horas antedimento
899762 • 899826 • 8482786
Av. S. João de Deus, 13-B • R. de Macau, 8 Lisboa

«O PCP é, hoje, um náufrago à deriva, num mar encapelado pelo terramoto»

José Silva Pinto, «O Jornal», 18.05.90

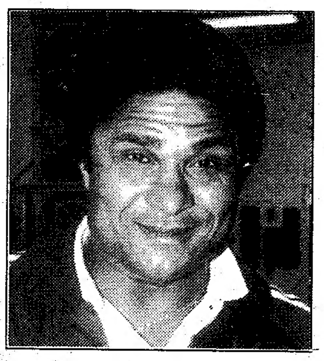
A PERGUNTA DO DIA

Luís Francisco Rebello presidente da Sociedade Portuguesa de Autores

Como vai ser este ano comemorado, amanhã, o Dia do Autor?

«O Dia do Autor coincide este ano com o 65º aniversário da Sociedade Portuguesa de Autores. Nesse sentido, vamos iniciar as comemorações com o descerramento de uma lápide no prédio onde esteve instalada a primeira sede da SPA, na Praça dos Restauradores, onde estava instalado o consultório de um dos fundadores, o escritor e dentista Mário Duarte. Na Biblioteca Nacional é inaugurada uma exposião dedicada aos direitos de autor e ao papel que a SPA tem desempenhado na sua defesa. Será ainda ser inaugurado o novo edifício da Sociedade. Na mesma altura, a SPA vai atribuir, pela primeira vez, prémios a personalidades que se destacaram na divulgação das obras portuguesas. Os premiados são Eduardo Salgueiro e Manuel Rodrigues de Oliveira, no capítulo da edição literária, O Bando e os empresários que reconstruíram o Maria Vitória, na área do teatro, a Divisão de Música da SEC e o produtor radiofónico Armando Carvalheda, na música, Matos Maia recebe o prémio de rádio, o Departamento de Co-produções da RTP é distinguido no campo do audiovisual e o galardão das artes plásticas será atribuído à Sociedade de Belas-Artes e à cooperativa Árvore.»

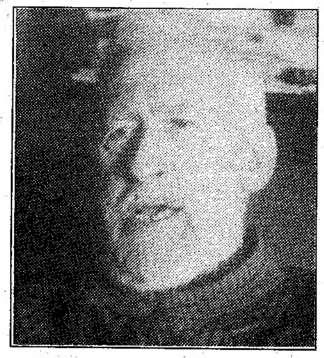
APLAUSOS A...



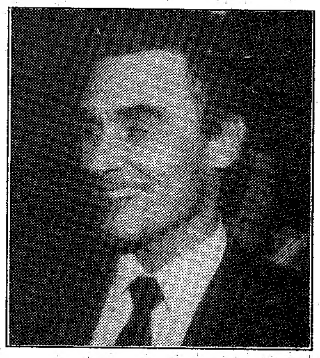
Eusébio, pelos longos anos de bons serviços que prestou ao desporto português. Durante muitos anos, um dos portugueses mais conhecidos internacionalmente, o «pantera negra» nunca tinha recebido, por parte das autoridades nacionais, qualquer reconhecimento digno de nota. A injustiça foi reparada na quinta-feira passada, com a atribuição, em São Bento, do Colar de Honra ao Mérito Desportivo. Uma condecoração merecida para um dos grandes jogadores de todos os tempos!

Nuno Delerue, por ter justificado, de forma tão sucinta mas tão conclusiva, a abstenção do PSD na votação do voto de protesto contra o comportamento da RTP. «A televisão existe para dar notícias e não para ser ela própria notícia», explicou o deputado social-democrata. Uma posição inesperada por parte de uma maioria que, como é público e notório, não tem razões de queixa da RTP.

& PATEADAS A...

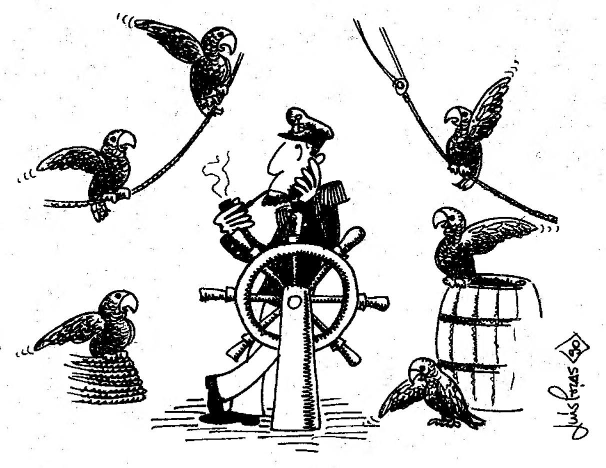


Agostinho da Silva, por se estar a transformar numa *figura típica* da televisão. Tardiamente revelado ao grande público, o professor parece estar a querer recuperar o tempo perdido, pronunciando-se sobre todos os assuntos que vêm à cabeça dos jornalistas. E quando parecia ter-se apercebido do desgaste que a sua imagem estava a sofrer, eis que surge num programa semanal da RTP, repetindo as mesmas ideias numa sucessão interminável de perguntas iguais feitas por pessoas diferentes.



Cavaco Silva, pela falta de cortesia e de habilidade política que demonstrou na sua visita a Porto Santo. Sem «dar eavaco» a ninguém, o primeiro-ministro decidiu não se deslocar, como estava previsto, à Câmara Municipal daquela vila. Ao tomar esta atitude, o chefe do Governo está a abrir um conflito perfeitamente dispensável entre o seu partido e o PS. É até bem possível que Cavaco Silva tivesse uma razão forte para cancelar a visita. Possivelmente esta razão chama-se Alberto João Jardim.

Lobbies *em Portugal são lobbinhos. Em Bruxelas são 3000 a influenciar as decisões da CEE.*



Amanhã no

SUPLEMENTO DE ECONOMIA

TERÇA-FEIRA

Terça-feira no

Diário de Lisboa

Antigos combatentes reunidos em congresso

O Salão Internacional do Automóvel

meteorologia

Love Story

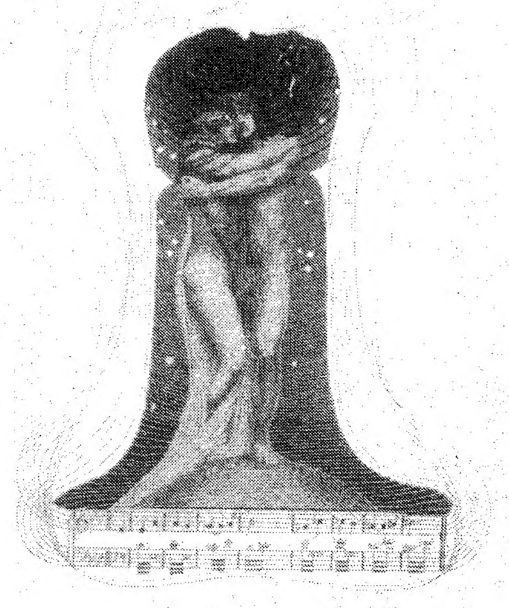
Estava escrito. Ou melhor, estava garatujado pelo dedo na janela suja de trás de um carro parado no sinal vermelho. **Nuno love Susana.** Não estava escrito: *Lava-me, seu porco!* mas **Nuno love Susana.**

Quem escreveu o escrito? Nuno? Susana? Um terceiro? Quem é o terceiro? Amigo? Amigo da onça? Provocador? Ciumento? Intriguista?

Quem é o Nuno? Um jovem? Perdidamente apaixonado? Assim, pela primeira vez?

Quem é a Susana? Uma jovem? A boca dizia não, os olhos diziam sim? A boca acabou por ser beijada e já não disse nada.

Qual deles dizia sem saber o verso do poeta hindu, Chandidas, que também não conhecia o Nuno e a Susana:



A noite do mundo parece-me o dia, ó Amor
e no pleno dia do mundo é minha noite...

Luz reversível, amor irreversível?

Mas não é o outro Nuno? O que bebe, que uma noite roubou um carro onde não estava escrito **Nuno love Susana**, e se não houver Susana, haverá outra gaja?

E a outra Susana terá um grande nariz? As pernas gordas? Daqui a alguns anos será como a mãe, tal e qual? Aliás, não se chama Susana mas Rita, Maria Rita.

Não há dois sem três: quem escreveu não foi nem o Nuno nem a Susana, mas alguém que não acredita em loucos, apaixonados, desmedidos, ri-se disso, escrever o verbo «love» é como escrever «arroz». Ou terá vergonha de escrever «amar», a censura do pudor? «Amar» diz-se tão dificilmente em Português. Dizem.

Nuno love Susana. Uma história de muitas histórias que crescem da obscuridade, do *underground* do folclore citadino, do meu sentimento por vezes desanimado de que pouco ou nada de importante acontece nesta terra, no que me engano porque **Nuno love Susana**, apesar do carro já ter arrancado à luz verde, não está, e com ele desapareceu uma realidade amorosa, não está, mas estava.

Jorge Listopad

A.M.A.® Auto Monumental do Arevro S.A.

CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75